



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS

Em tempo (quase) real

Análise semiótica do jornalismo na web

Thaísa Bueno

TRÊS LAGOAS (MS)

2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS

Em tempo (quase) real

Análise semiótica do jornalismo na web

Tháisa Bueno

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras, área de concentração Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – *Campus* de Três Lagoas, nível Mestrado, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Pacheco Limberti.

TRÊS LAGOAS (MS)

2007

Ao meu pai, que me ensina todos os dias que nunca é tarde.

À minha mãe, por ter dedicado a mim, ainda hoje, o melhor do seu tempo.

AGRADECIMENTOS:

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por ter proporcionado todos os meus anos de estudo no Ensino Superior;

Ao Mestrado em Letras de Três Lagoas, na figura do professor doutor **José Batista de Sales**, e a todos os professores do programa, em particular **Marlene Durigan, Vânia Maria Lescano Guerra, Claudete Cameschi de Souza e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**, pela oportunidade que me ofereceram de dar continuidade ao meu aperfeiçoamento profissional e pessoal;

À minha orientadora, professora doutora **Rita de Cássia Pacheco Limberti**, pelo tempo precioso que me dedicou nesse caminho;

Ao programa de Mestrado em Estudos de Linguagem, da UFMS de Campo Grande, e os professores deste programa, pela oportunidade de estudar como ouvinte e depois como aluna especial as disciplinas de Introdução à Semiótica e Semiótica Desenvolvimentos, que muito contribuíram para meu aprendizado;

Às coordenações de curso da Faculdade Estácio de Sá e Uniderp, pela boa vontade com que entenderam minhas ausências;

Aos meus alunos, que aceitaram, com poucas reclamações, repor aulas aos sábados;

Ao curso de Jornalismo da Aems de Três Lagoas, pela oportunidade de lecionar durante minha estada na cidade e por ter aberto as portas de seu alojamento para que ficasse ali durante o período do curso;

À sociedade brasileira, que de maneira involuntária permitiu que eu pudesse ter acesso à escola pública de qualidade e introduzir-me na pesquisa, apesar da crise educacional do país;

À comunidade de Três Lagoas, pela receptividade com que fui recebida;

Aos motoristas da Viação São Luiz, por conduzirem-me com segurança pelos pouco mais de 300 quilômetros de estrada, madrugada a fora;

Aos colegas de curso, dos quais vou sentir muita saudade;

Aos novos amigos que fiz durante mestrado, alguns que levarei para o resto da vida;

Ao meu namorado Danilo, que sempre esteve comigo mesmo quando isso significava comprometer nossos fins de semana;

Ao meu irmão, pela força e provocações;

A todas as outras pessoas que me ajudaram em algum momento dessa trajetória; esse trabalho é o resultado do apoio de todos vocês!

Por fim,

Ao TEMPO, *por permitir-me mais alguns bons momentos nessa viagem.*

Rico não é o homem que coleciona e se pesa no amontoado de moedas, e nem aquele devasso que se estende, mãos e braços, em terras largas., rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo.

Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*

RESUMO

A proposta desta pesquisa é estudar a produção do jornalismo *on line* nos chamados *sítes* de notícia diários e discutir o conceito de notícia nestes veículos, tendo como base metodológica a semiótica de linha francesa. A idéia é fazer uso dessa ferramenta para observar algumas estratégias de construção de sentido usadas por esses jornais virtuais para garantir o efeito de tempo real em suas coberturas. Mostrar, por exemplo, os simulacros que criam com enunciados e que, nesse formato de trabalhar a notícia, o jornalismo acaba contradizendo algumas premissas, como não noticiar o que não se tem certeza, oferecer uma contextualização histórica e social daquilo que está sendo divulgado, ouvir todos os envolvidos no acontecimento reportado entre outros pressupostos que o acompanhavam até então, em outros suportes.

O trabalho pretende analisar como se dá o tratamento do texto jornalístico quando a notícia é transformada em mercadoria. No momento em que chegar na frente do concorrente é mais importante do que dar uma notícia com precisão. A pesquisa analisa os aspectos do jornalismo na web tendo como base o estudo da cobertura sobre as Rebeliões provocadas pelo PCC (Primeiro Comando da Capital) nos dias 13, 14 e 15 de maio de 2006, no site **Campo Grande News**, o mais antigo neste suporte em Mato Grosso do Sul e o único 24 horas no ar. O corpus inclui também, como recurso de exposição, o recorte de uma semana, a primeira do mês de janeiro de 2007, que teve sua página inicial modificada no primeiro dia daquele ano.

Palavras-chave: *Jornalismo on-line, semiótica francesa, comunicação.*

ABSTRACT

The proposal of this research is to study the production of the journalism on line in the news daily sites and talk about the concept of the news in these vehicles, having as a methodological base the Greimas' semiotics. The idea is to make the use of this tool to observe some used strategies of construction of direction for these virtual periodicals to guarantee the effect of real time in its coverings. To show, for example, the simulacro that creates and declares in its format to work the news, the journalism contradicts some premises, such as releasing what is not certain, offering a historical and social contextualization which is being divulged, hearing all the involved in the event reported and others presupposed in other supports.

The work intends to analyze how the treatment of the journalistic text is transformed into merchandise. At the moment when arriving first than its competitor is more important than publicizing the news with precision. The research analyzes the aspects of the journalism in the websites having as a base the study of the covering on the Rebellions provoked by the PCC (First Command of the Capital) on 13th, 14th and 15th of May of 2006, at the site **Campo Grande News**, the oldest in this support in Mato Grosso do Sul and only one a.m. p.m. in the air. The corpus also includes as an exposition resource, the clipping of one week, the first one of the month of January of 2007, which had its initial page modified in the first day of that year.

Key words: Journalism, semiotics, Greimas, communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página inicial do CGNews	43
Figura 2: Página inicial do CGNews visualizada para impressão	46
Figura 3: Visualização das Chamadas	59
Figura 4: Caixa de acesso das Chamadas em Movimento	60
Figura 5: Página inicial do Detran-MS	66
Figura 6: Nota sobre morte de Roberto Marinho no CGNews	70
Figura 7: Modelo que exemplifica apuração em parceria	75
Figura 8: Modelo que exemplifica fluxo das notas	79
Figura 9: Modelo de listagem no sistema de busca do <i>site</i>	96
Figura 10: Efeito de realismo garantido por matéria com fotografia	105
Figura 11: Efeito de realismo comprometido por matéria sem fotografia	105
Figura12: Nota em que o jornal critica publicação de boatos	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I – OS PRECURSORES	17
1.1 Hjelmslev e outros	22
1.2 Semiótica e Comunicação	26
1.3 Adeus aos mitos	33
II – CONHECENDO O JORNAL: SUPORTE E SUAS PISTAS SOBRE O ENUNCIADOR	36
2.1 Embalagem	37
2.2 Um jeito todo seu	41
2.3 Prazer em conhecê-lo	47
III – TEMPO: MOTOR DA REALIDADE	52
3.1 O tempo	52
3.2 Tempo agostiniano/Tempo semiótico	55
3.3 A corrida da mídia: uma corrida social	63
3.4 - Um modo de construção da temporalidade	71
IV – IV COBERTURA DAS REBELIÕES EM TEMPO REAL: ANÁLISE	81
4.1 Nível Discursivo	85
4.2 Outras estratégias	92
4.3 Efeito de realidade	95
4.4 A imagem e o estigma da verossimilhança	102
4.5 O Nível Narrativo	106
4.6 Veridicção	115
4.7 Nível Fundamental ou Profundo	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

“A utopia está no horizonte...
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe jamais a alcançarei.
Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar”.
(Eduardo Galeano)

Uma pesquisa feita em nove países do Globo e publicada na revista *Veja*¹ no dia 10 de maio de 2006 aponta que a imprensa desfruta, hoje, de mais credibilidade que os governos. Com algumas exceções, como o caso da Inglaterra, em que os tablóides sensacionalistas são apontados como a grande causa da pouca credibilidade da mídia, em geral a média entre os nove países foi de 61% de confiabilidade na imprensa contra 52% no governo. No Brasil os índices ficaram em 45% para quem confia na mídia e 30% entre os que apontam o governo como mais confiável. Aliás, o papel social da imprensa e a sua confiabilidade entre o público já é assunto comum nas mais diferentes classes sociais. O *Manual de Redação da Folha de São Paulo (2001)*, no item *Projeto Editorial*, menciona que a visão do público sobre a mídia mudou desde 1992, quando das coberturas sobre o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo. Deste período para cá, diz o manual, a imprensa garantiu prestígio e confiabilidade.

A evolução do jornalismo brasileiro na década de 80 culminou no *impeachment* do Presidente da República em 1992, no qual a imprensa teve papel determinante. Os telejornais ganharam desenvoltura informativa, firmou-se nos meios impressos o prestígio de um profissionalismo independente, submetido apenas às forças de mercado. A democracia adquiriu consistência, conforme as instituições mostravam que podiam funcionar. Os meios de comunicação passaram a refletir pressões crescentes de democratização do poder público, expressas em timbre moralizador, tanto mais intensas quanto mais o Estado se mostrava incapaz de atender expectativas mínimas da população, represadas havia muito. (p. 13)

¹ *A imprensa ganha do governo*. Revista *Veja*. Edição 1955 – ano 39 – nº 18. Data 10 de maio de 2006, pg. 40. O estudo entrevistou os seguintes países: Indonésia, Índia, Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, Alemanha, Coréia do Sul, Nigéria e Brasil.

É certo que a imprensa também é alvo de críticas, algumas mais, outras menos generalistas, mas não se deve desconsiderar que com falhas ou não os meios de comunicação ainda são o porta-voz e, muitas vezes, a única opção de acesso a certas informações que a grande massa da população tem ao seu alcance. Com tamanha responsabilidade, o jornalismo precisa todos os dias aprimorar suas ferramentas de transmissão. Do ponto de vista tecnológico isso tem sido feito. Um bom exemplo são os *sites* de notícia, veículos dinâmicos, que quebram fronteiras e alcançam proporções inimagináveis antes de sua descoberta.

No primeiro semestre de 2007, conforme pesquisa do Ibope/NetRatings² o Brasil mantinha 33 milhões de cidadãos ligados à *Internet*, estando à frente de países como França, Estados Unidos e Japão quando se tratava de tempo de navegação por internauta, com um número de aproximadamente 22 horas mensais. Fora isso, outro estudo do mesmo período³ mostrou que a audiência dos jornais *on line* foi duas vezes maior que a audiência geral na Rede.

Ou seja, motivos para comemorar não faltam. No entanto, na mesma proporção que supera fronteiras e destaca-se pela capacidade de oferecer com grande rapidez assuntos variados e diferentes enfoques para uma parcela cada vez maior de leitores, surge a dúvida: qual o preço de chegar antes? Com a proposta de trabalhar no tempo do acontecimento – tempo real – e preocupado em não ficar atrasado com relação aos seus concorrentes, os veículos informativos da *Internet* precisam cada dia mais de apuração instantânea. Nesta perspectiva esta dissertação foi pensada com o intuito de entender justamente isso: como esses veículos fazem para atender essa necessidade da apuração meteórica, fazendo convencer o leitor de que os fatos desenrolam-se no momento em que são narrados, ignorando o processo de produção? E mais, esse modelo mostra-se eficaz para garantir a credibilidade que a mídia conquistou até então?

A base desta discussão é como uma mídia que tem como principal preocupação noticiar primeiro e apresenta-se como um produto “em tempo real” garante ao enunciário esse estado de constante atualização, esconde o tempo gasto na apuração dos fatos e cria uma impressão de que estes estão acontecendo no momento da enunciação.

² http://render.estadao.com.br/tecnologia/not_tec25260,0.htm

³ http://render.estadao.com.br/tecnologia/not_tec25264,0.htm

E é esse conceito que este trabalho usa para discutir os efeitos de sentido do Tempo como categoria enunciativa na mídia eletrônica, mais especificamente no *site* noticioso **Campo Grande News**, um jornal tipicamente informativo, que em Mato Grosso do Sul é o único que se propõe a ser atualizado 24 horas por dia, com notícias alteradas, mesmo no período da madrugada, em instantes de tempo que não ultrapassam 20 minutos. A diferença de tempo entre uma nota e outra no **CGNews**, no período das 6 horas às 19 horas, segue um padrão de rapidez com inserções quase instantâneas com diferenças de 2 a 6 minutos; depois deste horário o espaçamento fica maior, mesmo assim não ultrapassando os 20 minutos citados. Ou seja, como outros modelos de jornalismo na *web*, este não pode negar sua influência, quase como refém, das questões temporais e serve de recorte para discussões semelhantes em outros *sites* pelo mundo que façam uso dos mesmos recursos.

Sabendo disso, este estudo quer mostrar que tipos de estratégias discursivas a mídia usa para garantir o sentido de imediatismo proposto nesses veículos e propor uma discussão sobre o conceito de notícia nesses suportes. Mostrar, por exemplo, os simulacros que criam com enunciados e que, nesse formato de trabalhar a notícia, o jornalismo acaba comprometendo algumas premissas já solidificadas em outros suportes, mais antigos, como não noticiar o que não se tem certeza, oferecer uma contextualização histórica e social daquilo que está sendo divulgado, ouvir todos os envolvidos no acontecimento reportado entre outros pressupostos que o acompanhavam até então, em outros suportes. Nesse sentido, e adequado à Semiótica de linha francesa⁴, o projeto pretende identificar tipos de estratégias de persuasão que a notícia no jornalismo *on line* usa para adequar-se ao contrato fiduciário acertado com o leitor de ofertar uma cobertura movida, aparentemente, por duas proposições contraditórias: informação em tempo real – que exige agilidade e rapidez para conhecer, entender e divulgar assuntos complexos e de diferentes áreas –; e informação precisa – que pressupõe maior tempo de apuração, contextualização e interpretação crítica.

O trabalho pretende analisar como se dá o tratamento do texto jornalístico quando a notícia é transformada em mercadoria. No momento em que chegar na

⁴ Este estudo terá como base metodológica a Semiótica Francesa, teorizada inicialmente por A. J. Greimas. A explanação sobre seus pressupostos e origens será melhor esclarecida no Capítulo 1 desta dissertação.

frente do concorrente é mais importante do que dar uma notícia com precisão. Para isso, essa pesquisa vai analisar os aspectos do jornalismo na *web* tendo como base o estudo da cobertura sobre as Rebeliões provocadas pelo PCC (Primeiro Comando da Capital) nos dias 13, 14 e 15 de maio de 2006, no *site* **Campo Grande News**. O *corpus* inclui, também, como recurso de exposição, o recorte de uma semana, a primeira do mês de janeiro de 2007, do *site* em questão. Este período foi escolhido por trazer o modelo atual da página deste veículo na *Internet*, uma vez que sua apresentação foi re-paginada e modificada no primeiro dia daquele ano.

Hipóteses e objetivos

O trabalho de pesquisa parte das seguintes hipóteses:

- o “tempo real” é uma construção discursiva que o jornalismo *on line* usa para oferecer ao leitor a sensação de que a leitura dos acontecimentos são concomitantes ao momento em que eles acontecem;
- o jornalismo *on line* cria um novo conceito de notícia e esta é contraditória à prática de apuração da imprensa até então;
- a notícia nos veículos *on line* não tem o objetivo de formar opinião, mas apenas pautar assuntos;
- o jornalismo *on line* criaria uma informação com poucos subsídios para levar a reflexão crítica;
- como no jornalismo *on line* os jornalistas precisam abastecer seu veículo minuto a minuto – tempo controlado nas redações – então praticamente tudo é notícia.
- o tempo, e não mais o interesse do leitor, seria a premissa que moveria e guiaria a seleção de notícias no jornalismo *on line*;

Conhecendo as hipóteses de trabalho, pode-se dizer que o objetivo geral deste estudo é analisar a influência do tempo real na cobertura do jornalismo na *web*, *sendo que* entre os objetivos específicos estão:

- fazer uma análise da cobertura da rebelião provocada pelo PCC nos presídios de Mato Grosso do Sul, nos dias 13, 14 e 15 de maio de 2006, feita pelo *site Campo Grande News*;
- analisar a influência do tempo nesta cobertura e mostrar os efeitos que geram no conceito tradicional de jornalismo;
- identificar os recursos discursivos que afixam efeito de tempo real às notícias vinculadas nos veículos *on line*;
- identificar os recursos de *webdesign* que confirmam efeito de agilidade ao suporte;
- contribuir para a divulgação da semiótica como ferramenta de estudos midiáticos;
- contribuir para as discussões sobre a influencia do tempo nas coberturas *on line* em outros estudos de veículos com apresentação semelhante ao *site* selecionado para esta dissertação.
- saber se a cobertura em tempo real não compromete a qualidade do produto divulgado e, com isso, colocando em risco a credibilidade que o jornalismo moderno desfruta.

Toda a pesquisa tem como pressuposto teórico a Semiótica de Linha Francesa e os conceitos da Teoria da Comunicação no que tange o Jornalismo.

Organização do trabalho

Esta dissertação foi dividida em quatro capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. De uma maneira didática, ela desenvolve-se da seguinte maneira:

- **CAPÍTULO I:** Neste capítulo são apresentadas as bases da Semiótica Francesa e a evolução da teoria ao longo dos anos. O texto tenta propor um diálogo entre os pressupostos da Semiótica e as Teorias da Comunicação e do Jornalismo, buscando adaptá-los ao estudo de uma mídia recente como os *sites* na *Internet*. Nessa etapa da dissertação, também são “semiotizados”, ou seja, apresentados

como a semiótica os entende, alguns conceitos-chave do Jornalismo, como fato, verdade e objetividade.

- **CAPÍTULO II:** Aqui será examinada a importância do estudo do suporte como produtor de sentido no estudo de objetos sincréticos, ou seja, aqueles que reúnem mais de uma linguagem, como é o caso do *site* estudado. Ainda, neste segundo capítulo, é apresentado um breve histórico do jornalismo na *web*, bem como do *site* **CGNews**. Por fim, são descritos os recursos de *webdesign* que este jornal usa para afiançar seu conceito de veículo em tempo real.

- **CAPÍTULO III:** No terceiro capítulo o estudo traz uma apresentação de como a Semiótica entende o conceito de Tempo e suas estratégias discursivas. O texto dialoga com as concepções de tempo psicológico de Santo Agostinho, que propõe, entre outras coisas, que a passagem das horas é uma construção mental; e mostra, por meio das discussões da Teoria da Comunicação, como a mídia buscou, com a evolução social e tecnológica, cada vez mais a rapidez na divulgação dos fatos. Por fim, este capítulo apresenta uma tentativa de teorização sobre como o discurso do jornalismo *on line* assegura o efeito de tempo real por meio de estratégias do discurso e de distribuição das matérias na página.

- **CAPÍTULO IV:** Esta parte da dissertação traz a aplicação do simulacro metodológico da Semiótica Francesa, o Percurso Gerativo de Sentido, na análise da cobertura em tempo real da rebelião provocada pelo PCC nos presídios de Mato Grosso do Sul. O estudo, que inclui a averiguação de 108 notas, inseridas nos três dias da ação, apresenta-se em camadas: Nível Discursivo, Narrativo e Fundamental.

CAPÍTULO I

OS PRECURSORES

“Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes”

(Isaac Newton)

A definição de Semiótica não é fácil. Antes de partir para a execução de um projeto nessa área de conhecimento é preciso saber que há pelo menos três linhas teóricas que se preocupam com o Sentido e com a Significação: a Semiótica Norte-Americana, desenvolvida por Charles Sanders Pierce; a Semiótica da Escola de Tártu, conhecida também como Semiótica Russa; e a Semiótica Francesa, cujo pai é o lituano Algirdas Julien Greimas⁵.

Fazer análise de um texto, em Semiótica, é saber que, embora com pressupostos bem consolidados, principalmente no que tange o Discurso, é, também, fazer uso de uma teoria em construção. Não que seja uma doutrina omissa, cheia de lacunas; mas, antes, um conjunto de princípios recentes, e não estanques, que permite ao pesquisador a adequação de seu arcabouço teórico de acordo com suas necessidades particulares. Enfim, a Semiótica é uma teoria que atende a todos os tipos de textos, verbais ou não verbais, entre outras razões por essa característica de flexibilidade. Se pensarmos numa linguagem multimídia, por exemplo – uma linguagem recente, particularmente se comparada com a consolidação do que chamamos hoje de Semiótica Greimasiana – ela pode ser perfeitamente aplicada, ainda que a teoria não tenha sido pensada para um tipo de linguagem como esta, com particularidades específicas do suporte que a agrega: a *Internet*.

Sendo assim, torna-se uma boa opção de análise dos textos do Jornalismo *on line*, não apenas por se apresentar como uma ferramenta abrangente, mas, principalmente, pelo seu entendimento de texto, que inclui uma análise da parte externa, que está voltada para o diálogo com outros textos; e outra interna, que privilegia o estudo dos mecanismos intradiscursivos. Até então, desde os gregos, os

⁵ Este estudo tem como base a teoria Semiótica de linha francesa, portanto, todas as vezes que o termo for usado, será referente aos seus pressupostos.

teóricos do texto se preocupavam muito mais com o vínculo que o discurso mantinha com a cultura e a sociedade que permitia sua produção do que com os mecanismos que levavam à sua construção. A Semiótica hoje não descarta a primeira preocupação, mas agrega, com muito mais interesse, a segunda. Costuma-se dizer que em Semiótica é importante saber *o que o texto diz e como faz para dizer o que diz*.

A Semiótica tem, portanto, o *texto*, e não a palavra ou a frase, como seu objeto e procura explicar os sentidos do texto, isto é, *o que o texto diz*, e, também, ou sobretudo, os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos (BARROS, 2005, p.187).

Se partirmos da publicação, em 1966, do livro *Semântica estrutural*, de A. J. Greimas, como o nascimento oficial da teoria, a Semiótica completaria, hoje, 40 anos. Obviamente o embrião desta epistemologia é bem anterior e remete aos estudos de Ferdinand de Saussure, Louis Hjelmslev, Vladimir Propp, Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss. No entanto, é a partir daquela obra que se chega ao que Fiorin chamou de “discurso fundador” da lingüística moderna. Uma das grandes influências de Greimas foi, sem dúvida, Saussure, que na busca da cientificidade dos estudos da língua permitiu, mais tarde, a postulação dos fundamentos da teoria greimasiana. É claro que desde os postulados de Saussure muita coisa mudou e foi questionada, mas é no entendimento de seu projeto lingüístico que é possível compreender melhor a ferramenta atual e ampliar sua aplicação.

Saussure, a quem são atribuídos os alicerces da Lingüística Moderna, tinha como objeto de estudo a língua e por suas dicotomias propiciou o aparecimento do que hoje chamamos de Estruturalismo, que por muito tempo foi a base da Semiologia⁶ – conceito anterior ao de Semiótica. A principal obra do autor, o *Curso de lingüística geral*, foi editada em 1916, três anos após sua morte, a partir das anotações de três alunos que freqüentavam suas aulas. A versão brasileira só foi

⁶ De acordo com Fiorin (1999, p. 03) “a Semiótica demarca-se da Semiologia e, por isso, assume outro nome, porque, ao incorporar o conceito saussuriano de valor, torna-se uma teoria da significação, que tem por escopo descrever a produção e a compreensão do sentido, e não uma teoria do signo. Enquanto a Semiologia buscava descrever sistemas de signo, como, por exemplo, o sistema de signos da heráldica (Mounin, 1970, p. 103-115), a Semiótica visa a compreender o sistema de diferenças responsáveis pela produção de sentido de um texto”.

publicada em 1970. As propostas de Saussure podem ser resumidas em quatro dicotomias, ou seja, pares de conceitos que garantem definição a partir da relação com o outro. Poder-se-ia pensar que os estudos de Saussure não têm uma relação direta com os trabalhos do discurso, uma vez que seu objeto de estudo era a língua; no entanto, o princípio-base de sua análise, o fato de que o sentido só se dá na medida que se relaciona com outro, ou seja, por **RELAÇÃO**, é também o alicerce onde se apóiam os conceitos-chave da teoria de Greimas.

E o que seria esse conceito de relações tão importante na busca do sentido? Saussure usou a metáfora do jogo de xadrez para explicitar seu argumento. Conforme ele, num tabuleiro de xadrez a substituição da peça representada pelo Cavalo não agrega valor pelo material de que é feito, mas pela posição que ocupa em relação às demais peças, seja o Rei, o Bispo, a Torre etc. Ou seja, a substituição de um cavalo de madeira por outro de plástico, ou mesmo por um pedaço de pedra, não alteraria seu valor no jogo, porque sua importância está na sua representação dentro da partida e por sua posição no tabuleiro.

Se substituo umas peças de madeira por outras de marfim, a troca é indiferente para o sistema, mas se diminuo ou aumento o número de peças, essa troca afeta profundamente a 'gramática' do jogo (SAUSSURE, 1972, p. 43)

O exemplo, como bem lembra Hernandez (2004), já bastante desgastado entre os estudiosos do discurso, é retomado aqui porque, ainda que extremamente esclarecedor nos exames de objetos midiáticos, é praticamente desconhecido entre os estudantes de Comunicação. No entanto, sua metáfora aparece neste trabalho como a base do estudo de uma mídia na rede. Não se podem pensar seus elementos, ou como Saussure chamava “termos-objetos”, isolados. O sentido da mídia *on line*, o que ela diz e o *ethos* que cria de si mesma está no conjunto das relações entre os termos que a completam. Como explica Lopes (1997, p. 35): “Elemento nenhum, numa mensagem, existe sozinho; e elemento nenhum pode ser definido por sua natureza ou (ou que dá no mesmo) isoladamente, mas sempre e só por referência a outro elemento qualquer da mesma formação”.

As relações de Saussure tratavam das dicotomias Língua x Fala – uma social e outra individual -, Sincronia x Diacronia, Significante x Significado e Paradigma x Sintagma. Ainda que o primeiro postulado tenha permitido, depois, outras

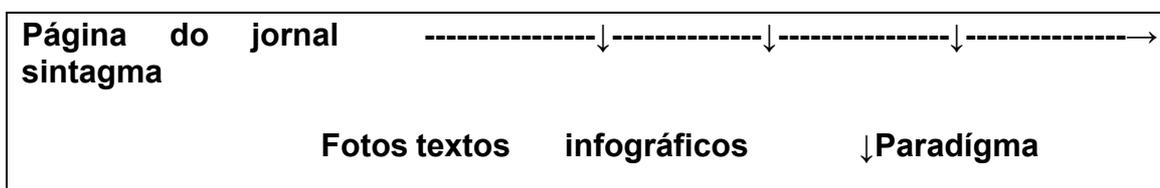
formulações como a divisão Esquema/Uso, de Hjelmslev; e Código/Mensagem, de Jakobson, para o estudo do Jornalismo *on line* as três últimas duplas saussurianas evidenciam uma influência maior nos estudos semióticos.

A dicotomia Sincronia x Diacronia, por exemplo, garantiu ao pesquisador a possibilidade de um recorte do objeto de pesquisa que lhe afiança cientificidade, porque o isola, ou seja, congela as mutações dentro de um período determinado. Pensemos no jornalismo da *web*, por exemplo. A *Internet* é um suporte recente. O primeiro jornal brasileiro a arriscar-se efetivamente no mundo cibernético foi o Jornal do Brasil, em 1995. Em estado embrionário, a mídia da Rede Mundial ainda divide opiniões de pesquisadores da área quanto à definição de uma linguagem própria, uma vez que não explorou todas as ferramentas disponíveis no hipertexto, ou seja, mantém um estado de mudança constante, já que suas bases não foram alicerçadas; fora isso, faz parte da própria característica do suporte a agilidade e a mobilidade. Um estudo diacrônico, neste caso, correria o risco de se perder, uma vez que o suporte poderia ser alterado durante o estudo, particularmente porque a velocidade é o grande mote dos ditos jornais “em tempo real”. No sincronismo é possível estudar, mesmo uma mídia que prima por uma apuração meteórica, como o jornal *on line*, e garantir um resultado com o rigor da ciência porque não vai se ater às transformações através dos tempos, mas ao mesmo tempo, num determinado instante. As palavras Sincronia e Diacronia vêm do grego e significam *syn*, “juntamente”; e *dia* “através”. Como *chrónos* quer dizer “tempo”, os termos adaptados ao idioma dão a noção clara de um estudo que se altera junto com a cronologia temporal; e outro que isola uma porção do todo.

A segunda dicotomia, Significante x Significado, é provavelmente a mais importante contribuição de Saussure à Semiótica atual, pois é a partir dela que se tem a definição de Signo, que depois será revista por Hjelmslev, e empregada nos conceitos de Greimas como um conjunto que agrega um Plano de Conteúdo e um Plano de Expressão. De maneira modesta pode-se dizer que signos são formas que permitem assimilar o mundo e apreender a realidade. Signos não são os nomes das coisas, mas os conceitos que temos e criamos para compreender o mundo por sua categorização, ainda que esses conceitos sejam arbitrários. “Saussure vai precisar bem esse fato, quando diz que o signo lingüístico não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica” (FIORIN, 2005a, p. 58).

A partir desse entendimento, Saussure criou os termos SIGNIFICANTE (face material) e SIGNIFICADO (conceito). Conforme o autor, a relação entre os dois termos é arbitrária e alcançada por meio das convenções culturais e históricas. Ao postular hoje que a linguagem não deve ser entendida apenas como um signo verbal, é necessário ampliar o conceito de significante para o “veículo do significado”. Essa dilatação é necessária para analisar um jornal na *Internet*, que embora faça uso do verbal, dispõe de uma linguagem própria, que lhe concede e muda o sentido. São os chamados textos sincréticos, que em Semiótica vão representar suportes que unem várias linguagens. Para a análise de um texto assim, resumir o significante a uma imagem acústica não basta. No jornal *on line* temos a Semiótica Sincrética porque, de uma maneira bem resumida, podemos dizer que este recurso midiático usa linguagens variadas para montar seu conteúdo, como linguagem infográfica, fotográfica, tipográfica, multimídia etc. Ou seja, não é apenas o que está escrito na matéria que explica o que o jornal diz, mas a soma da distribuição de todas as unidades, uma em relação à outra, que vai permitir o seu entendimento.

A última dicotomia vai tratar das diferenças entre Paradigma e Sintagma. Na relação sintagmática há uma ordenação linear dos significantes, o que resulta num entendimento geral e global do seu significado; já na relação paradigmática, a combinação é dividida em partes, com um entendimento isolado e independente. No caso do jornalismo, pensemos na análise global da página como uma relação sintagmática; já a relação paradigmática seria a análise e classificação particular de cada um dos componentes. Ou seja, no eixo sintagmático da página do jornal está uma seqüência de fotos + texto + infográficos, etc. Já os tipos de fotos, os gêneros dos textos e os modelos de infográficos estariam no eixo paradigmático.



Enfim, à parte as críticas a Saussure, principalmente pelo desprezo às questões do homem e pela defesa à idéia de que o sentido só pode estar no texto e dentro dele, a Semiótica deixa evidente sua influência aos seus estudos. No entanto,

ainda que não negue sua origem estrutural, hoje desatou as amarras e busca, na Relação (legado de Saussure) com outros textos dentro da história a construção do sentido, uma mescla do lingüístico e do extralingüístico, este alcançada no diálogo com outros textos.

1.1 Hjelmslev e outros

Depois de Saussure, Hjelmslev certamente foi o teórico que mais contribuiu para o desenvolvimento da Semiótica Geral. Muito criticado nos dias de hoje por sua postura extremamente formalista, que desconsiderava as questões sociais e históricas na produção do sentido nos textos, o lingüista de dinamarquês permitiu, com suas formulações, a base dos estudos semióticos modernos. Fiorin (2005d) lembra que os que hoje criticam as postulações de Hjelmslev, provavelmente desconhecem a importância desse pesquisador.

Os que fazem essas críticas não levam em conta a dimensão histórica do projeto hjelmsleviano. Afinal, uma teoria é criada num ambiente cultural determinado, num dado universo de discursos, em que campos e espaços discursivos ganham significados. Não se pode ler Hjelmslev, sem levar em conta as teorias com que ele dialoga, pois não se pode analisar um projeto científico fora do espaço discursivo em que se constitui (FIORIN, 2005d, p. 01).

Foi em 1943, com seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* que ele expôs os princípios básicos de sua doutrina. De tudo que teorizou, alguns pontos foram cruciais para os postulados posteriores de Greimas como, por exemplo, o ponto de vista imanentista de análise, ou seja, a busca de estruturas imutáveis e repetitivas. Até aquele momento, teóricos humanistas negavam as generalizações nos estudos dos fenômenos humanos, tidos por eles como singulares e, portanto, impossíveis de serem interpretados, mas apenas descritos. A partir dessa representação, Hjelmslev propõe o conceito de Sistema, ou seja, qualquer sucessão de estados é um sistema e, portanto, pode ser analisado e descrito por meio de suas relações imutáveis, num universo limitado de repetições. Não que ignorasse as mutações, mas o que ele buscava eram as invariantes que se manifestam em situações variadas. Greimas partiu deste princípio quando formulou o Nível Narrativo de seu simulacro metodológico, o Percurso Gerativo de Sentido. “Greimas

estabelece uma generalização arbitrária, mas adequada: uma narrativa é uma transformação” (FIORIN, 2005d, p. 05).

Esta noção é pertinente ainda hoje. No estudo de uma mídia regional⁷, por exemplo, como é a proposta deste trabalho, a investigação dos elementos imanentes pode ampliar as proposições para estudos de objetos semelhantes em âmbito global. As repetições encontradas na avaliação de uma cobertura *on line* em um *site* de Mato Grosso do Sul podem ser as mesmas, em outros casos, em uma outra cobertura do mesmo site, em um veículo nacional, quiçá mundial. A generalização, quando não ignora também as particularidades de cada objeto, permite um entendimento mais aprofundado do sentido que aquele texto agrega.

Inclusive é no Nível Narrativo que estão as bases mais consolidadas da Semiótica standard. É nesta etapa da análise que os pressupostos se apresentam mais delimitados, já que na sua formulação os semioticistas exploraram com mais ênfase as questões narrativas, para mais tarde orientar os estudos para o Discurso e hoje também para a expressão. Sabe-se que para construir o sentido de um texto, a Semiótica percorre um caminho além deste nível. O Percurso Gerativo de Sentido é composto por “camadas” que partem das estruturas mais elementares (nível Fundamental) para as mais concretas (nível Discursivo). Em três etapas (Fundamental, Narrativo e Discursivo), o sentido do texto no Plano de Conteúdo vai sendo revelado. Mas é preciso atentar para o fato que ninguém escreve um texto pensando nestas etapas, nem mesmo Greimas propôs esse estudo com esta finalidade. Por isso costuma-se dizer que o Percurso é “um simulacro metodológico”. Atualmente a Semiótica passou a se preocupar também com as significações além do Percurso, ou seja, com o Plano de Expressão, composto, por exemplo, pelo suporte que agrega determinados textos. No caso do jornalismo *on line*, com a significação enunciada pela página que abriga o jornal na *Internet*. Essa discussão, ainda que recente, já tinha alguns preceitos formulados por Hjelmslev, quando de sua postulação sobre o Conteúdo, Forma e Substância da Expressão.

Outra contribuição importante dos preceitos deste estudioso trata do método classificado de Empírico e Dedutivo. Quando pergunta “é o objeto que determina e

⁷ Entende-se aqui o conceito de Mídia Regional como aquela cuja produção é própria da região. No caso, o site CGNews pode ser uma mídia regional, embora na internet seu conteúdo não encontre fronteiras geográficas, por ser uma produção local, apurada e focada nos assuntos de Mato Grosso do Sul. O próprio slogan do veículo propõe uma mídia assim quando defende “A notícia da terra a um clique de você”.

afeta a teoria ou é a teoria que afeta e determina o objeto?” (HJELMSLEV,1975, p.15) faz uma crítica às teorias deterministas e propõe um caminho analítico em que os fundamentos do estudo se tornem adaptáveis a objetos diversos. Esse é o conceito em que se encontra um dos sustentáculos da Semiótica greimasiana, que se deixa construir a cada novo texto, ou seja, como o próprio dinamarquês explica em seus prolegômenos, é, sem dúvida, o objeto que determina a teoria. Some-se a isso o conceito de que a teoria da linguagem tem de ser preditiva: “A predição diz respeito ao sistema (ou língua), a partir do qual se estruturam todos os textos, sejam eles realizados ou teoricamente possíveis, de uma língua, de todas as línguas que existem, que existiram ou que existirão” (HJELMSLEV, 1975, p.19-20), ou seja, abriga todos os tipos de textos já conhecidos ou que serão formulados. Basta pensar que inicialmente voltada para a análise de narrativas, a Semiótica francesa hoje, por meio do seu entendimento de texto, possibilita a observação crítica de qualquer tipo de objeto, inclusive de imagens. Não fosse assim, não seria aplicável às coerções de um suporte na *web*, já que não foi criada para isto, ou para o cinema, entre outros modelos.

Se se fosse descrever minuciosamente cada conceito Hjelmslev adotado pela Semiótica , poder-se-ia estender esse estudo por muitas outras páginas. Para resumir sua importância, resta dizer que com a ampliação do conceito de **Significado** para **Plano de Conteúdo**, e **Significante** para **Plano de Expressão** alargou o leque de objetos a serem estudados e permitiu, hoje, com eficiência, a análise de um texto sincrético. Ele também criou outras formulações, a de **Forma** (conceitos possíveis para identificar-se de que maneira específica se trata uma unidade de sentido) e **Substância** (número amplo de conceitos dados à Forma – são as possibilidades de Forma). Conceitos estes que a Semiótica adaptou ao estudar a Forma do Conteúdo, *como o texto diz o que diz*; e o conjunto de relações que permitem a produção do sentido. E como ele defendia, se ao estudar-se a forma tem-se presente também a substância, ou seja, o sentido já formado, a Semiótica estuda também *o que o texto diz*. Enfim, o grande legado da Glossemática (nome dado por Hjelmslev a sua sistematização teórica) foi a ampliação do conceito de Signo. Se até Saussure o signo era uma forma de apreender o mundo; em Hjelmslev passa a ser, antes, uma operação de semiotização. Hjelmslev não falou de Enunciação, que depois foi incorporada pela Semiótica , quando passou a auto-intitular-se uma Teoria do Discurso.

Outros nomes também merecem ser lembrados ao pensar-se na formulação dos conceitos dessa teoria. Como já foi dito antes, uma das postulações mais importantes diz respeito à busca das estruturas repetidas. Neste campo quem também deixou legado efetivo para o desenvolvimento dos estudos semióticos foi Vladimir Propp, que ao estudar os *Contos Maravilhosos* russos identificou o que permanecia idêntico em cada uma das partes, ou seja, relações de igualdade, e não mais de diferença. As categorizações de Propp, denominadas **Funções**, permitiram a postulação, posterior, das fases de *manipulação* e *aquisição de competência* no Percurso Gerativo de Sentido.

Fora isso, é no sentido mais elementar do texto, denominado Nível Fundamental pela Semiótica, que está a contribuição mais evidente de Claude Lévi-Strauss. Ao destacar os subsídios teóricos do estudioso às investigações Semióticas, Baccega (1998) lembra que tais postulações guardam uma relação estreita com o Círculo de Praga, difundido por Roman Jakobson, depois da Segunda Guerra Mundial, quando migrou para os Estados Unidos da América.

Lá ele conviveu com Claude Lévi-Strauss, que se destacou como antropólogo estrutural, em cuja obra encontramos a concepção de que mitos aparentemente diferentes são, na verdade, variações de um certo número de temas básicos. E essa análise percorre o caminho das reduções sucessivas até às estruturas essenciais” (BACCEGA, 1998, p. 76).

Conforme a autora, foi a divulgação do pensamento do Círculo de Praga, nos Estados Unidos, que avizinhou o termo Estruturalismo do termo Semiótica. Ainda que a autora admita que isso possa configurar uma aproximação em demasia, a Semiótica ainda hoje se utiliza do método estruturalista, que tem como sustentáculo as oposições de Saussure, principalmente nas duas primeiras etapas do seu Percurso (Nível Fundamental e Nível Narrativo). Mas há diferenças marcantes, principalmente nos postulados modernos. Enquanto Saussure privilegiava a língua como estrutura, a Semiótica é uma teoria dos modos de significar e, ainda que não trabalhe com o autor de “carne e osso”, já que entende que a realidade em si é inapreensível, hoje se mostra uma teoria muito mais dinâmica, agregando a apreensão dos simulacros de realidade por meio do contexto semiótico – diálogo que um texto faz com outros textos –, além de ter assumido conceitos como o de

Dialogismo (noção de que o discurso não se constrói por si só, mas em vista de outro) de Mikhail Bakhtin.

Ou seja, se seus estudos anteriores, típicos do estruturalismo da década de 60 do século passado, evidenciavam uma preocupação centrada nas relações mútuas e internas do objeto de análise, hoje não nega sua base, mas vai além. A teoria postula saber sobre o processo de significação, inclusive agregando conceitos exteriores. O próprio Fiorin (1995) explica que a distinção que os estudiosos faziam entre uma análise “interna” – em que se preocupavam com a construção de sentido no texto – e “externa” – em que viam um texto como objeto histórico –, está ultrapassada.

Essa terminologia é muito ruim, porque deixa entrever que aquelas só se ocupam do aspecto lingüístico, enquanto estas só têm olhos para o extralingüístico. Na verdade, cada uma ressalta um aspecto da constituição do sentido e, portanto, são ambas teorias lingüísticas. As primeiras acentuam os mecanismos intradiscursivos e as segundas, os interdiscursivos. Vale ressaltar que estamos falando em predominância de interesses por um dado aspecto e não em exclusividade (FIORIN, 1995, p. 02).

1.2 Semiótica e Comunicação

Infelizmente, como aponta Hernandez (2005), há ainda muitos pesquisadores, particularmente na área de Comunicação, que desconhecem a evolução que a teoria sofreu nas últimas décadas e ainda a vinculam aos conceitos estruturalistas de sua formulação.

Em um quadro sobre ‘as escolas teóricas da comunicação’, Ciro Marcondes Filho, por exemplo, em sua obra *O espelho e a máscara* (2002), coloca Greimas em “Semiologia clássica”, cuja ‘filiação filosófica e epistemológica é o estruturalismo’, e o aponta como estudioso do ‘signo e dos sinais’. Hjelmslev, grande inspirador de Greimas, aparece na escola de ‘semiologia contemporânea’ (HERNANDES, 2005, p.17).

Equívocos como esses podem afastar estudos semióticos de objetos midiáticos, já que a difusão confusa e equivocada de seus conceitos nas Escolas de Comunicação, por exemplo, geram desinteresse na escolha do aparato teórico metodológico, que assim se mostraria insuficiente para sanar certas dúvidas, quando não ineficaz para a pesquisa. Além disso, tipos de confusão assim configuram uma

grande perda para o aprimoramento das pesquisas no campo da Comunicação e, particularmente do Jornalismo, já que este não dispõe de uma ferramenta aplicada e sistematizada como a Semiótica em seu arcabouço teórico. Há bem pouco tempo, teóricos dessa área têm buscado desenvolver o que chamam de Teoria do Jornalismo, tentando desvincular, ou destacar as particularidades do meio, das Teorias da Comunicação, que apesar da importância e dos subsídios mais alicerçados, não se mostraram capazes de resolver todas as questões ligadas à produção de sentido dos produtos jornalísticos, muito mais atreladas à intenção de desvendar os modos de produção que os produtos em si. Em um dos livros mais recentes sobre o assunto, *Teoria do jornalismo – identidades brasileiras* (2006), José Marques de Melo narra as mudanças do jornalismo contemporâneo, focando as diferenças nacionais, e propõe uma reflexão sobre o fazer jornalístico. Mas a sistematização de uma Teoria do Jornalismo, que inclusive busque a criação de uma cadeira nas universidades, ao lado da Teoria da Comunicação - pré-requisito em qualquer escola da área no País – não apresenta uma ferramenta didático-pedagógica de análise diferente do que já foi feito até hoje, sempre em comunhão com outras áreas do conhecimento, como estudos midiáticos ligados à sociologia, antropologia, história e até lingüística.

Um dos métodos mais aceitos ainda hoje para exame neste campo do conhecimento é o chamado estudo em Comunicação Comparada⁸, que funciona como uma dissecação e análise crítico-comparativa entre jornais nacionais e internacionais e entre mídias distintas. Nesse modelo, o estudo se divide em Análise Morfológica, que averigua títulos, ilustrações e textos a partir do espaço que ocupam; de Conteúdo, diferenças entre a estrutura das notícias em veículos particulares; e sobre a Origem das Notícias e suas Fontes. A Comunicação Comparada é uma ferramenta importante para os estudos jornalísticos, mas não seria suficientemente eficaz para um estudo focado na produção de sentido e não na descrição das diferenças. Não se trata, aqui, de uma crítica gratuita aos trabalhos comparados, que muito contribuem para os avanços nos estudos sobre o papel dos meios de comunicação de massa, principalmente quando das mudanças sócio-políticas, mas de mostrar que talvez uma outra ferramenta, muitas vezes ignorada

⁸ Conforme Melo (2006), os estudos comparados começaram na América Latina, por volta da década de 50 e 60, por iniciativa de Jacques Kayser, ex-editor do Instituto Francês de Imprensa. “Seus esforços estiveram orientados para a formação de um acervo metodológico capaz de propiciar a criação de uma *ciência da imprensa*” (p.211).

por comunicólogos, pode ser tão ou mais eficiente para desvendar o que um jornal pretende evidenciar e que tipo de sentido ele quer produzir no leitor.

Em sua tese de doutorado, Hernandes (2005) divide os trabalhos jornalísticos em cinco grupos: obras Técnicas (manuais que “ensinam” a prática); Histórias de Bastidores (depoimentos de jornalistas experientes sobre o dia-a-dia das Redações); Segmentadoras (analisam parte do noticiário, como estudos de Títulos ou de Editoriais deste ou daquele veículo); Generalizantes (análises críticas, de caráter filosófico ou sociológico, muitas vezes relacionadas às questões de poder), e, por fim, as obras Integradoras, nas quais estaria sua análise Semiótica dos Jornais, que “analisam o jornalismo e suas conseqüências com base no exame de suas manifestações concretas”.

As teorias da comunicação ou os diversos estudos sobre jornalismo, pelo menos até onde pudemos localizar, não produziram ferramentas para desvendar a produção de sentido dos jornais, palavra que utilizaremos neste trabalho para qualquer forma de noticiário: impresso, de rádio, de TV, via Internet. É forçoso reconhecer que, sozinhas, obras generalizantes, técnicas, histórias de bastidores, segmentadoras não dão conta das necessidades do estudo das manifestações cotidianas do jornalismo – vários números de uma revista semanal que destacaram determinado assunto, um telejornal ou um programa de radiojornalismo – e seus efeitos no público. (HERNANDES, 2005, p. 11-12).

Nessa concepção, a crescente mutação dos fenômenos de comunicação, com o aparecimento de novos suportes, novas mídias e outras linguagens concedem à Semiótica um *status* diferenciado, justamente por sua capacidade de abrigar em seu aparato teórico metodológico diferentes tipos de objetos e torná-la adaptável. Além disso, a Semiótica Francesa é adequada para os estudos midiáticos porque não entende a comunicação como uma mera transferência de saberes, mas credita uma interação a quem comunica e a quem recebe a mensagem e, mais, defende a idéia de intencionalidade do sujeito que produz o ato de comunicação.

Por essa razão é preciso delimitar neste estudo, também, que modelo de comunicação pretende-se usar, já que o termo é bastante amplo e há diversas correntes, seja nas ciências humanas, biológicas ou exatas, que discutem o assunto nas mais diversas perspectivas. O próprio conceito de Comunicação catalogado nos dicionários é polissêmico. Entre as explicações encontradas estão a de compartilhar signos; estabelecer relações com alguma coisa ou alguém; transmitir e receber

mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, entre outros. Existem, evidentemente, várias possibilidades de estudar a comunicação.

Há outro modelo, contudo, de ver essa relação que não valoriza a troca pura e simples, mas pensa esse processo como algo que produz sentido. Passa de uma transferência de saber, para uma transformação de conceitos. Na Semiótica, a recepção da mensagem não se resume a um saber, a uma simples codificação de dados, mas a uma ação que tem o intuito de levar a outra. Na Teoria da Informação, por exemplo, desde os primeiros estudos, e mesmo depois com a revisão dos conceitos feita por Roman Jakobson, pensava-se a comunicação como um modelo linear e mecanicista, a idéia de um emissor – uma mensagem – e um receptor. Neste trabalho, entende-se a comunicação na ótica da Semiótica Francesa, como um sistema interacional. Nessa mudança, pressupõem-se tanto a codificação quanto a decodificação de conhecimentos, ou seja, para essa linha teórica comunicar é antes persuadir, ou pelo menos, tentar persuadir. E, nesse entendimento do ato de comunicar, a Semiótica dá um passo adiante, porque oferece uma forma crítica de ver a produção dos meios de comunicação de massa. Não que veja a relação com o leitor como se este fosse uma marionete, uma caixa vazia, mas que toda a forma de comunicar, seja individual ou com grande alcance, é sempre uma tentativa de convencimento. Essa avaliação não é isolada das Teorias da Comunicação e pode perfeitamente manter um diálogo com esta. Se pensarmos em McLuhan, e nos seus postulados sobre a relação que o homem mantém com os meios, vemos que seu conceito de construção de sentido pode dialogar com a concepção Semiótica, ainda que não tenha sido pensada no âmbito do discurso.

[...] toda a forma de transporte não apenas conduz, mas traduz e transforma o transmissor, o receptor e a mensagem. O uso de qualquer meio ou extensão do homem altera as estruturas de interdependência entre os homens, assim como altera os raios entre os nossos sentidos (McLUHAN, 1964, p. 108).

Assim a comunicação não se resume apenas a uma mensagem que sai da fonte e atinge um receptor, que compartilha os mesmos códigos, mas de um processo dinâmico de significação, uma semiose. Transferindo esse conceito para o objeto de estudo dessa dissertação, é possível dizer que a mensagem de um jornal na *web*, o tipo de comunicação que adota, não é de maneira alguma inocente, mas pressupõe a criação de um simulacro de enunciador (jornal) que tenta, por

manipulação e personificação do veículo, criar um vínculo com o leitor-internauta. Ou seja, não cabe ao jornal “apenas informar”, mas orientar para uma determinada interpretação, formatar uma certa posição política, ideológica do seu leitor/consumidor. Enfim, nesse entendimento de comunicação, a intencionalidade do emissor, que no Nível Discursivo do Percurso greimasiano recebe o nome de Enunciador, é parte importante na formação do sentido, em outras palavras, numa pesquisa Semiótica não é a troca o ponto principal a ser estudado, mas aquilo que ela tem de mais particular: a geração e circulação de sentido.

Neste quadro mais amplo, a comunicação entre sujeitos ocorre mediante objetos de valor (os discursos e textos-mensagens) que circulam entre eles e que os constituem como sujeitos. É preciso, assim, rever as noções e as denominações de “emissor” e de “receptor” da comunicação, pois, nessa perspectiva, os sujeitos da comunicação não podem mais ser pensados como casas ou caixas vazias de emissão e de recepção de mensagens. Os sujeitos devem ser considerados, em primeiro lugar, como sujeitos competentes, ou seja, o destinador e o destinatário (termos menos restritivos e, portanto, mais adequados do que o emissor e o receptor) têm de ter certas qualidades que permitem que eles se comuniquem (BARROS, 2005, p. 48).

As qualidades a que Diana Barros se refere são de duas naturezas: modais e semânticas. No primeiro caso referem-se aos atributos da ação – o *querer*, o *dever*, o *saber* e o *poder* – e, no campo semântico, aos conceitos de valores que vão determinar essa relação comunicativa.

Nessa ótica, a atuação do jornal pode ser vista também de maneira dialógica. Em um determinado momento, o jornal exerce a função de narrar o fato, oferecendo ao enunciatário-internauta, no caso da Internet, a possibilidade de ter acesso ao saber e; num segundo momento, ele cria um sistema de valores. A ordem dessas ações pode ser invertida e inclusive acontecer ao mesmo tempo. Assim sendo, de acordo com os preceitos de Greimas, a comunicação não pode ser entendida de uma maneira inofensiva: comunicar-se é acima de tudo um ato de manipulação de um destinador, que espera do destinatário não apenas a codificação da mensagem, mas que, por ela, leve o outro a *fazer*. No caso do Jornalismo, o enunciador (veículo) espera criar no enunciatário (leitor) um interesse – um *querer saber* ou um *dever saber* – que resultaria num vínculo. Para o *webjornalismo*, esse vínculo pode ser medido pelo número de visitas na página. É uma relação manipulação: o discurso do jornal faz o enunciatário pensar que precisa saber.

Para persuadir e para interpretar é preciso comparar os conhecimentos, valores, crenças, da competência semântica dos sujeitos, com aqueles que estão em jogo na comunicação. Daí a afirmação de que os sujeitos da comunicação não podem ser considerados como casas vazias e sim como casas cheias de projetos, aspirações, emoções, conhecimentos, crenças, que vão determinar os modos de persuadir e as formas de interpretar (BARROS, 2005, p. 49).

Além das competências modais e da partilha de valores, para a Semiótica, a comunicação pressupõe, também, o estabelecimento de um contrato, ou seja, acordos intersubjetivos com expectativas mútuas entre os envolvidos no ato de comunicação. No jornalismo *on line* o acordo mais evidente é o da rapidez. Noticiar antes é a principal qualidade de um veículo em rede. Vale pensar, por exemplo, nos *slogans* divulgados por essas mídias. O mais espetacular deles provavelmente seja do Portal Ig, com notícia no “último segundo”. Em Campo Grande, o *site* **CampoGrandeNews** também explora seu caráter de agilidade com a campanha “A notícia da terra a um clique de você”. Conhecer esses contratos é importante para a Semiótica, assim como desmistificar outros deles.

O Jornalismo é uma prática que tem seu alicerce – apesar das discussões contemporâneas sobre o assunto não serem um consenso – no “discurso da verdade” e da “objetividade/imparcialidade”. Estes princípios, que, apesar de independentes, estão interligados, evidenciam uma relação estreita com os valores éticos da prática jornalística de esclarecer a sociedade e dão ao jornal um “poder” particular em nome do “direito de saber” do cidadão. Apesar de muito criticadas, essas formulações sobrevivem, seja nos discursos dos veículos de comunicação, seja nos trabalhos acadêmicos. Ao tratar desse assunto, Moretzshon (2002) escreveu:

Essa noção de verdade permitiu a formulação de alguns princípios fundamentais da atividade da imprensa: a teoria da responsabilidade social, baseada na idéia de que o público “tem o direito de saber”, remetendo à classificação idealista de ‘quarto poder’ – portanto, acima das contradições da sociedade, sem interesses a defender, capaz de falar em nome de todos, e as noções de imparcialidade e objetividade daí decorrentes (p.56).

A teoria da Responsabilidade Social é americana e data da década de 40. Seu documento mais conhecido é o relatório *A free and responsible press*, que, entre as

orientações, sugere que a imprensa faça um relato verdadeiro e completo no contexto em que está inserido. Em seu estudo, inclusive, Moretzshon, aponta uma reflexão de James Carey, de 1986, sobre o assunto, que ainda hoje parece pertinente. Segundo ele, entre as perguntas clássicas do fazer jornalístico – “quem”, “que”, “quando”, “onde”, “como” e “porque” – as duas últimas já agregam em si uma carga de subjetividade, já que comportam uma vasta margem de incerteza.

Fora a questão da verdade, a objetividade e a imparcialidade também configuram um grande problema não resolvido, apesar da existência, hoje, de grupos de pesquisadores que colocam esses conceitos como mitos, entre eles Clovis Rossi que defende que “a objetividade é impossível”.

[...] entre o fato e a versão há uma mediação de um jornalista que carrega consigo toda uma formação cultural, todo um *background* pessoal, eventualmente opiniões firmes a respeito do que está testemunhando, o que leva a ver o fato de maneira distinta de outro companheiro, com formação *background* e opiniões diversas” (ROSSI, 1980, p. 7-13).

Os manuais de jornalismo, como o do Jornal *O Estado de S.Paulo*, ainda orientam para que se “façam textos **imparciais e objetivos**” e que o jornalista “não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões” (1997, p.77). O *Manual de redação da Folha de São Paulo* chega a admitir que “não existe objetividade em jornalismo” no entanto, “[...] isso não exige, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível” (2002, p.45). Marques de Melo diz que essa distinção entre o que é opinativo e o que é objetivo no jornalismo remete à própria formação dos jornais na era da Revolução Burguesa.

Na França, emergiu um jornalismo *opinativo* – apaixonado, vibrante, impetuoso – predominando o fluxo da interpretação da realidade. Na Inglaterra, firmou-se um jornalismo *objetivo* – racional, contido, comedido – imperando o relato dos acontecimentos, isolado do comentário (MELO, 2006, p. 37).

É a partir do conceito inglês que o jornalismo americano, e depois o nacional, vai cunhar o ideal de que os fatos falam por si mesmos e são, portanto, inquestionáveis, garantindo ao jornal a neutralidade e imparcialidade que buscavam. Ainda, conforme o autor, depois dessa gênese o conceito foi reformulado pelo jornalismo norte-americano, que é modelo também para o jornalismo brasileiro,

como um valor indissociável da prática jornalística, como uma maneira de preservar a imprensa da deterioração da dita imprensa popular a partir das últimas duas décadas do século 19.

A cruzada contra o sensacionalismo e pela objetividade tomou dimensão coletiva, disseminando-se por toda a sociedade norte-americana. Os leitores de jornais, influenciados pelas organizações cívicas, passaram a cobrar uma atitude diferente das empresas que os editavam (MELO, 2006, p.43).

Ou seja, a partir desse contexto, a objetividade jornalística passa a ser acolhida pelos manuais, deixando de lado tanto as questões filosóficas e éticas, para se converter num modelo padrão de estilo. E nesse momento se aproxima dos conceitos da Semiótica, que entende esses recursos como uma construção discursiva.

1.3 Adeus aos mitos

Esses esclarecimentos são importantes porque vão nortear toda a análise deste trabalho e outras que possam surgir com objetos midiáticos. Primeiramente, depois de apresentados os pressupostos da Teoria do Jornalismo, é necessário esclarecer que discutir sobre a “verdade”, para a Semiótica, é pôr em debate um efeito do discurso, e não uma assimilação filosófica. Para esta teoria, o conceito de verdade é entendido como uma construção discursiva que existe no texto e que também pode ser complementada enquanto efeitos configurados em diálogos com outros textos. Para um melhor esclarecimento sobre o que seria essa verdade jornalística, vale o diálogo com os “Regimes de Verdade” de Michel Foucault. Para ele, a verdade como algo alcançável e coletivo não existe, uma vez que cada sociedade se organiza para fazer valer discursos que entende e aceita como verdadeiros. Para Foucault, o que importa não é a descoberta daquilo que é verdadeiro, mas, como explica Revel (2005, p.87) ao analisar a obra do escritor francês, “das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso”. Deslocando esse conceito para o jornalismo, as verdades se tornam trechos de verdade por várias razões, só para citar algumas:

- a) configuram um recorte do acontecimento, entendido aqui como o conjunto de ocorrências da vida cotidiana;
- b) representam uma escolha do jornalista, que vai enxergar e selecionar os fatos – número limitado de acontecimentos que o jornal entende como prioritários - e de acordo com sua própria formação pessoal e profissional;
- c) estão submetidas à linha editorial do veículo a que serão publicadas;
- d) estão submetidas à linguagem do suporte que a veicula;
- e) estão submetidas às coerções do discurso da editoria específica a que pertencem, etc.

Enfim, como os Regimes de Verdade, as notícias jornalísticas são versões da realidade que se fazem funcionar como verdadeiras, e são aceitas como tal, de acordo com o contexto em que estão inseridas. Ou como diz Serva (2002, p.61) “compreender o mundo pelo modelo da imprensa não significa compreendê-lo de fato, mas apenas isso, ‘compreender o mundo pelo modelo da imprensa’, um fim em si”.

Outra mística do discurso jornalístico que deve ser “semiotizada” neste trabalho, antes de dar início à análise do objeto propriamente dito, é com relação à imparcialidade e objetividade. Também para a Semiótica, a neutralidade é impossível de ser alcançada em termos concretos e pode ser configurada por meio de efeitos de sentido da enunciação. O recorte, a escolha das palavras, o gancho (enfoque que cada jornal dá à matéria publicada) configuram uma escolha. A Semiótica sistematizou⁹, inclusive, recursos sintáticos e lexicais que permitem identificar e alcançar o dito “estilo objetivo”, com as debruagens temporais, actanciais e espaciais. Os sistemas enuncivos, que permitem a construção do texto no tempo do *então*, na figura do *ele* e no tempo do *lá*, concedem ao texto uma sensação de distanciamento, de neutralidade e objetividade de que o jornalismo contemporâneo faz uso para manter o aval de credibilidade. Da mesma forma, os componentes do sistema enuciativo – *agora*, *eu*, *aqui* – também integram a montagem do discurso, ainda que com efeito distinto. Não cabe ao analista dizer que um texto construído de uma maneira ou de outra é mais ou menos parcial, mas que

⁹ Para saber mais ver BARROS, Diana. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005, p. 53-67.

a escolha de um outro pode levar a um processo sensorial de maior ou menor aproximação.

Por fim, esses e outros conceitos servem de exemplo para discutir, no decorrer do trabalho, outros paradigmas da mídia do ponto de vista semiótico. No entanto, os exemplos apresentados já mostram, de antemão, que a comunicação, como já postulavam os semioticistas¹⁰, não é ingênua; e mais, a verdade e a parcialidade do discurso jornalístico são, antes, um “efeito”. Mas antes de concluir esta discussão, que incluiu a apresentação dos pressupostos da teoria e a demonstração de alguns de seus conceitos aplicados ao texto, poder-se-ia questionar sobre a apresentação da terminologia Semiótica, já que esta se mostra muitas vezes como um entrave para os iniciantes na área. Para não tornar o trabalho cansativo, não caberia aqui fazer uma explanação isolada dos termos. Os conceitos ficam mais claros à medida que vão sendo explorados na análise e é esta a proposta neste trabalho: o uso da metalinguagem explicitada para leigos, como pressupõe também a prática jornalística. Por fim, vale concluir que a escolha da Semiótica para a análise do objeto midiático não poderia ser mais eficiente. Esta teoria tem encarado o desafio de estudar o Jornalismo com precisão, ainda que este objeto, desde sua origem, não se mostre pronto, mas mutável a cada alteração tecnológica. Assim, esse estudo pretende contribuir para se alcançar o entendimento mais profundo das persuasões dos discursos midiáticos sobre o funcionamento dos meios de comunicação cujos paradigmas parecem ser guiados muito mais pela questão temporal que pela apuração precisa, e suas conseqüências sociais e ideológicas.

¹⁰ Entenda-se a generalização “semiolicistas” como um conceito amplo que inclui desde Greimas até os pesquisadores atuais como José Luiz Fiorin, Diana Barros, Norma Discini e outros que estão citados nas referências desta dissertação.

CAPÍTULO II

CONHECENDO O JORNAL: SUPORTE E SUAS PISTAS SOBRE O ENUNCIADOR

“O que Deus tem feito?”

(Alexandre Graham Bell)

Em 10 de março de 1876 Alexandre Graham Bell faz sua primeira experiência importante com o que seria o telefone atual. Com um instrumento rudimentar consegue uma ligação em seu próprio escritório para seu assistente *Thomas Watson*. Depois dessa experiência o experimento ainda seria aperfeiçoado até usar cabos subterrâneos e transmitir mensagens. Conforme conta Pinho (2003), naquela época o telégrafo de Morse já existia, mas tinha uma finalidade estritamente comercial, por causa do alto custo¹¹. “Em 1879, cada mensagem entre os Estados Unidos e a Inglaterra custava US\$ 100, caindo para no máximo 25 centavos de dólar por palavra em 1970” (2003, p. 14).

O rádio foi o primeiro meio de comunicação eletrônica que não necessitava de uma ligação física – era transmitido por ondas eletromagnéticas. A transmissão via rádio comercial foi inaugurada em 2 de novembro de 1920, nos Estados Unidos. No Brasil o marco da rádiofusão poderia ser colocado como a fundação, em 1923, da Rádio Sociedade do RJ. Primeiramente voltado para as elites, com música erudita, literatura e ciência, o rádio foi, paulatinamente, adaptando-se até tornar-se uma referência na comunicação de massa. O aparecimento da TV vai modificar profundamente a natureza do rádio, de qualquer maneira foi a tecnologia deste que permitiu o surgimento da televisão, que no Brasil aportou em 1950, com a TV Tupi, uma emissora de Assis Chateaubriand.

Já o princípio de conexão em rede tem cunho militar e começa na Guerra Fria. De lá para cá, uma grande evolução tecnológica foi sendo aperfeiçoada até o aparecimento da *Internet* – rede mundial. Mohedaui (2002) menciona que a experimentação para o que se entende como mídia *on line* começou no Estados

¹¹ PINHO (2003) conta que a primeira experiência na telegrafia internacional data de 1858, mas problemas técnicos só permitiram o sucesso na transmissão transatlântica em 1866.

Unidos, na década de 80, com o aparecimento de produções jornalísticas embrionárias, os futuros jornais digitais. Apenas para situar o leitor da pouca idade desta mídia no Brasil, vale lembrar que a *Internet* comercial só iniciou no país em 1995, quando apareceram versões *on line* de jornais impressos, agências de notícias, portais e *sites* noticiosos. A primeira iniciativa foi do grupo *O Estado de S. Paulo* que, no mesmo ano, colocou sua agência de notícias – Agência Estado – no ar na rede mundial. Ao JB (Jornal do Brasil) fica o mérito de ser o primeiro veículo nacional a fazer uma cobertura completa no espaço virtual, conforme conta Mohedauí.

O primeiro jornal brasileiro a fazer uma cobertura completa no espaço virtual foi o Jornal do Brasil (www.jb.com.br) em 28 de maio de 1995. Logo em seguida vários outros jornais registraram-se na *Web*, como O Estado de S. Paulo (www.estadao.com.br), a Folha de São Paulo (www.folha.com.br), o Globo, o Estado de Minas (www.estadodeminas.com.br) o Zero Hora (www.zerohora.com.br), o Diário de Pernambuco (www.dpnet.com.br) e o Diário do Nordeste (www.uol/diariodonordeste.com.br) (MOHEDAUI, 2002, p.24).

2.1 Embalagem

Mídia relativamente nova, com pouco mais de dez anos, o jornalismo na *Internet* ainda não explorou todas as possibilidades de textualização que o suporte deste texto sincrético – que agrega diferentes linguagens – permite¹². Assim, a referência primeira do jornalismo *on line* continua alicerçada nas orientações do jornalismo impresso, ainda que o novo domínio permita outras investidas, além do texto escrito, fotografia e gráfico, como por exemplo, vídeo, áudio, ilustrações animadas, *links* de acesso a outras matérias que tenham informações complementares ou indiquem caminhos fora do espaço virtual a que o conteúdo (aqui cabe melhor esse termo por agregar outros recursos além do escrito) é apresentado.

¹² Um *site* que usa muitos recursos multimídia pressupõe um enunciatário que dispõe de uma conexão em banda larga, ou seja, com condições de navegação rápida, ainda que a página esteja “pesada”. Como em geral os *sites* jornalísticos, e particularmente o Campo Grande News, tentam atingir o maior número de internautas, já que tratam de assuntos variados, uma página assim poderia afastar um enunciatário que, embora guiado pela agilidade, fizesse uso de uma *Internet* de conexão com modem ultrapassado. Um *site* “pesado”, que demora mais tempo para carregar sua página, seria sancionado como lento. Isso explica, em partes, porque não é possível usar em demasia opções mais arrojadas de *design* gráfico.

Essa migração de linguagem é muito comum quando do aparecimento de uma mídia. Aconteceu, por exemplo, com a TV, que antes de definir um estilo específico adotou a linguagem do veículo que lhe parecia mais próximo, no caso, o Rádio. A discussão é pertinente aqui porque, antes de partir para a análise, é preciso conhecer o suporte, que Maingueneau (2005) chama de *mídium*. Segundo defende, esse conjunto que dá materialidade ao discurso não é um mero acessório, mas agrega e concede sentido ao enunciado, ainda que por muito tempo tenha sido desprezado pelos analistas do discurso. “Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o *mídium* não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer” (MAINGUENEAU, 2005, p. 71)

Se as discussões sobre o sentido que o suporte agrega tiveram pouca atenção dos estudiosos do discurso, cabe lembrar que o suporte é um problema fundamental da escrita desde o aparecimento dos primeiros alfabetos. Quintero (1994) conta, por exemplo, que este elemento capaz de receber e conservar a inscrição de um texto, aqui visto no sentido semiótico, foi sendo aperfeiçoado paulatinamente das tábuas de barro sumérias, ou de madeira e marfim, até o aparecimento, ainda na Antiguidade e parte da Era Medieval, do uso do Papiro, descoberta dos egípcios.

A casca do tronco era fendida e do caule obtinha-se o líber, uma película interior com tiras finíssimas. Sobre uma tábua umedecida com água turva do Nilo colocavam-se umas na posição horizontal e outras na vertical. (...) a água turva do rio era suficiente para colar os filamentos, mas apesar disso também lhe era aplicada uma camada de cola. A operação terminava com o esmagamento com um maço e a secagem ao sol (QUINTERO, 1994, p.16).

Além do papiro, outros suportes também conviveram neste período, como as lâminas de chumbo e estanho. O autor conta que só com no Século 1 antes de Cristo, depois de ter escrito sobre a seda, os chineses inventaram o papel, que se foi expandindo até chegar à Europa e popularizar-se. Embora hoje a impressão seja muito diferente e os suportes para o texto bem variados, a invenção de Gutemberg¹³

¹³ Gutemberg publicou a primeira Bíblia da história, com 42 linhas, em 1456. Muitos autores datam a história da imprensa com o aparecimento das gazetas – edições semanais diárias lançadas um século depois. Quintero (1994), depois de um amplo estudo sobre a história da imprensa no mundo defende que, apesar de não apresentarem as mesmas características dos noticiários que marcam a histórias da imprensa, o embrião deste modelo de comunicação de massa estaria nos calendários-almanaques, de 1448, também originários da oficina de Gutemberg.

continua atual e sem dúvida é a mais revolucionária descoberta desde do aparecimento da escrita. O prelo de caracteres móveis permitiu a produção em larga escala e a popularização da informação. Depois desta inovação o mundo substituiu, aos poucos, o texto manuscrito pelo impresso, que ganhou periodicidade. Depois disso o informativo é substituído pelo jornal de papel e assim por diante. A descoberta é tão importante para a imprensa, entre outras razões, porque impressão e jornalismo não se dissociam. E mesmo com o advento das mídias eletrônicas, quando se pensa em jornal logo se imagina uma publicação com as características do impresso.

A idéia do modelo tradicional de jornal escrito foi tão disseminada que, como foi lembrado acima, até pouco tempo quem estudava o sentido de um texto deixava pouca ou nenhuma atenção ao suporte e ao modo de difusão. Maingueneau (2005) defende que apenas recentemente, com o advento do computador e da linguagem cibernética, que pesquisadores ocuparam-se do estudo da manifestação material dos enunciados como forma complementar de produção do sentido.

Foi, sobretudo, com a chegada dos mídiuns audiovisuais e o desenvolvimento da informática que tomamos consciência desse papel crucial do mídiun. Eles revolucionaram efetivamente a natureza dos textos e seu modo de consumo. Seu surgimento provocou uma ruptura com a civilização do livro, que trazia em si toda uma concepção do sentido (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Inclusive, por muito tempo, o estudo do Plano de Expressão (forma de manifestação, produto de uma linguagem ou mais linguagens, como quadrinhos, cinema e outros) não interessou à teoria, que só iniciou a busca deste sentido quando esta “embalagem”, digamos assim, passou não apenas a abrigar o conteúdo, mas contribuir para sua semantização.

Neste prisma, hoje é unânime que não se pode analisar separadamente as diferentes manifestações de produção de um discurso sem comprometer seu sentido global. Só com uma concepção assim é possível chegar a um entendimento mais aprofundado de um jornal digital, que na sua própria formação manifesta-se nas mais diferentes linguagens. O jornal *on line*, para a Semiótica de Linha Francesa, pode ser entendido como um texto porque, conforme esta linha teórica, este é visto

como um *todo de sentido* que conjuga uma dualidade, sendo ao mesmo tempo objeto de significação e de comunicação, ou seja, para a teoria desenvolvida por A. J. Greimas, saber *o que o texto diz e como faz para dizer o que diz* significa envolver uma análise interna e outra externa deste objeto. “[...] a semiótica trata, assim, de examinar os procedimentos da organização textual e, ao mesmo tempo, os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto” (BARROS, 2005a, p.8).

E a Semiótica vai além, não restringe o texto à materialidade verbal ou à expressão oral, mas amplia o conceito para qualquer objeto de significação. Assim, um texto pode ser tanto uma poesia, quanto uma conversa entre crianças, uma imagem na parede, um encontro no supermercado e até mesmo um aroma. Partindo desse conceito, o *site Campo Grande News* configura um texto que reúne linguagens distintas:

- **verbal:** manifestada tipograficamente com matérias, títulos e chamadas e que neste *site* apresenta pouca variação;
- **fotográfica:** representada pelas fotografias, também com pouca mobilidade, em geral pequenas e em pouca quantidade. Vale notar que só as matérias de Capa fazem uso deste recurso na apresentação;
- **gráfica:** com gráficos explicativos, também raramente usados, em geral apenas em matérias previamente apuradas, as denominadas “especiais”, que são inseridas nos fins de semana;
- **diagramática:** Com caixas coloridas para destacar e orientar a navegação. O material publicitário geralmente se apresenta nessas caixas;
- **hipermidiática:** Com *links* de acesso entre uma matéria e outra ou entre uma editoria e outra; material em fluxo, como apresentação das capas em *slides*, chamadas que correm uma atrás da outra, caixas que acompanham o movimento da barra de rolagem e animações publicitárias. Há ainda, a “TV News”, que traz entrevistas semanais que podem ser acompanhadas em vídeo.

Objetos como esses, que concentram mais de uma linguagem, são identificados como Sincréticos. Discini (2005, p.29) classifica como texto sincrético aquele que pelo menos “[...] juntar em si dois meios diferentes de expressão”, ou

seja, pode ser uma tira publicada em jornal, uma publicidade, um panfleto entre outros. Nesta perspectiva, não é possível entender, com eficiência, um texto sem levar em conta suas características enunciativas de Conteúdo e Expressão, além da relação entre elas. Barros (2005a) lembra que estudos recentes mostram no estudo de textos sincréticos, a Expressão conjuga significado e portanto não pode ser desprezada. “[...] em muitos textos, o plano de expressão faz mais que apenas expressar o conteúdo, ele cria novas relações com o conteúdo”, (BARROS, 2005a, p. 210).

Enfim, chegar ao entendimento profundo de uma mensagem significa conhecer seu enunciado desde os conceitos mais elementares até os mais complexos, ou seja, fazer um percurso em camadas: em um momento as camadas referentes ao Plano de Conteúdo e, em outro, às do Plano de Expressão, não necessariamente nesta ordem.

2.2 Um jeito todo seu

O **Campo Grande News** é pioneiro neste modelo de divulgação de notícia em Campo Grande, sendo um jornal exclusivamente *on line*. Entrou na Rede Mundial em 1999 e é um único em Mato Grosso do Sul que permanece 24 horas em atualização na rede. Esse *site* oferece acesso ilimitado a todo o conteúdo disponível, sem custo algum para o leitor. Para a análise deste projeto, sobre a cobertura das rebeliões nos presídios de MS, é importante antes conhecer como se apresenta esse veículo e de que recursos de textualização ele dispõe. Não será aprofundada aqui a estrutura da empresa, nem discutidas as condições de trabalho. A meta é fazer uma breve apresentação do Plano de Expressão e, quando necessário, sua comunicação com o Discurso.

Além dos recursos de linguagem, que foram descritos no tópico anterior, outras disposições plásticas da página do **CGNews** podem revelar algumas pistas do enunciador. Para começar é válido perceber que se trata de uma *homepage* praticamente estável do ponto de vista da disposição dos conteúdos, seja na manchete, nas chamadas, nos *links* de acesso para as editorias, que aqui recebem no nome de Canais, ou, ainda, nos demais produtos, como colunas e *sites* parceiros; ou seja, o leitor que navega pela página do *site* sabe, todos os dias, onde encontrar os assuntos que busca. Há uma determinação espacial que permite conhecer os acessos da maioria do conteúdo por meio de convenção. Se a distribuição espacial

do conteúdo da primeira página, que funciona como a capa de um jornal, onde o enunciatório evidencia seus valores, o jornal busca recursos visuais para dar o efeito de movimento e fluxo.

O meio mais evidente é a disposição temporal das notas, acompanhadas do horário da inserção. Como as matérias são inseridas em intervalos muito curtos de tempo, em geral com diferenças de dois a três minutos, a sensação é de que o jornal não é estático. “Cada portal, ao enunciar o tempo todo sobre um conjunto de fatos, consegue o efeito de sentido de representação do próprio pulsar da vida cotidiana e de inserção do internauta nesse movimento incessante” (HERNANDES, 2005, p. 276).

Quase sem recursos hipermediáticos até dezembro de 2006, com o novo *layout*, que entrou no ar em janeiro de 2007, o **CGNews** passa a explorar com bastante ênfase o movimento na sua página principal. Ainda assim, o *site* não usa muitos recursos de apresentação. Inclusive usa menos efeitos que um jornal de papel, o qual permite, por exemplo, aumentar ou diminuir o tamanho da fonte, usar cores e tipos diferentes de títulos – dependendo da página –, e montar apresentações com recortes fotográficos. No **CGNews** esses recursos não são usados.

Diariamente o jornal dispõe de cinco capas simultâneas que se modificam como um *slide* de *Power Point*, sempre no centro da página. As capas, ainda que se substituam umas as outras nessa seqüência, mantêm a convenção primeira entre o jornal e o leitor de ocupar sempre a mesma posição espacial e sem grandes mudanças de apresentação. Assim, a capa virá sempre com um título em duas linhas, logo acima da fotografia, a única da página principal, sendo que estas manchetes dispõem da possibilidade de usar uma nova fotografia na página interna.

Há ainda as **Chamadas**, algumas ficam em movimento no alto da página, acima da manchete. São em média quatro ou cinco chamadas em movimento, como que correndo uma atrás da outra. Há também a opção de chamada fixas, num total de seis, ao lado direito da manchete. Elas vêm sempre acompanhadas do nome da Editoria a que estão vinculadas e como a capa e as outras chamadas não trazem a inserção do horário que foram publicadas. Logo abaixo da capa há uma caixa retangular usada para informe publicitário e funciona como uma separação entre a manchete e as chamadas das demais notas, que são inseridas uma abaixo da outra, sendo que a última inserida sempre ocupa o primeiro espaço abaixo da publicidade,

mostrando ao internauta qual a “mais nova” informação que ele pode conhecer. Do lado esquerdo da manchete estão os “Canais”, com as editorias, colunas e outros *links* de que o jornal dispõe.

Exemplo:

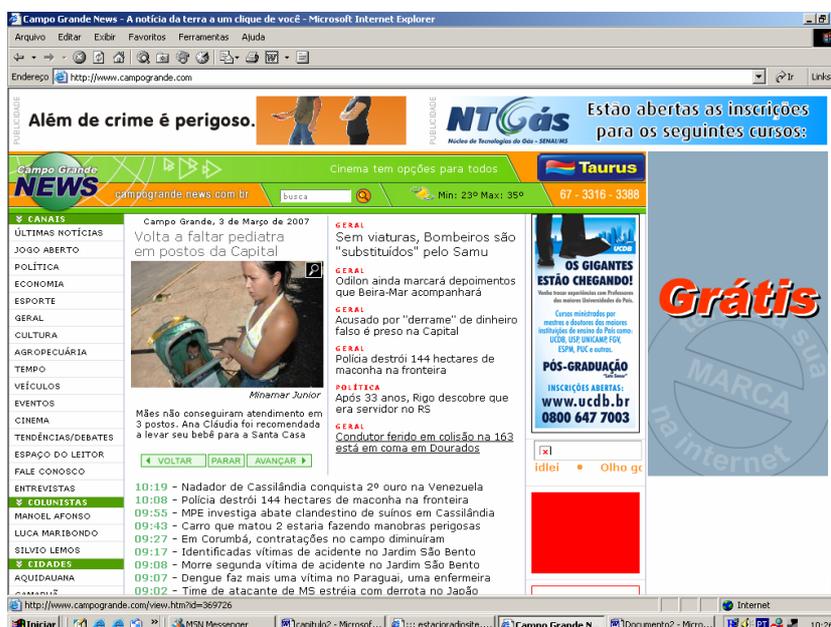


Figura 1 – parte da página inicial do **CGNews** exibida sem usar a barra de rolagem / acesso em 03 de março de 2007 às 10h26 min.

Nesta página de abertura, em que não é preciso usar a barra de rolagem, estão as informações entendidas pelo enunciatário – que quer compartilhar esse valor com o leitor – como as mais importantes. Tanto é assim que o *internauta*, nesse caso, não precisa de esforço nenhum para procurá-las. Ao abrir o *site* elas ficam expostas. Hernandes (2005) atenta para o que chama de categoria Exposto x Escondido, que não teria no jornal impresso, mas que no *on line* evidencia a predileção editorial do jornal. A manchete tem um lugar fixo e é seguida de outras chamadas, móveis ou fixas, que são apresentadas nesta parte visível do jornal. Sem usar a barra de rolagem é possível conhecer praticamente metade do que pode ser encontrado na página inteira. A página de abertura também é modelo, com poucas diferenças, para as páginas de acesso às editorias (Canais). Cada Canal tem uma manchete, que pode ser diária ou semanal, mas sem o recurso do movimento, e repete os simulacros. Essa padronização, inclusive, é uma das orientações também do jornal impresso. Na parte inferior da barra de rolagem estão as primeiras notas do

dia, os *links* para *sites* de outras cidades do interior, que são os parceiros do jornal, o espaço de serviço, com classificados, o expediente do veículo, e também uma enquete semanal, na maioria das vezes sobre um assunto político.

Na padronização gráfica, a primeira página é a que detém os maiores recursos persuasivos para a posterior leitura de todo o jornal. Para tal, é necessário que essa padronização gráfica seja personalizada, para que o leitor a identifique imediatamente. Ela representa a própria imagem do jornal (SILVA, 1985, p. 50).

Em análise do Portal Uol, Hernandez (2005) adaptou leis de diagramação do jornalismo impresso que poderiam ser usadas no estudo do jornal na *web*. Ele propôs algumas leis que seriam partilhadas entre os dois veículos e apontou alguns semi-simbolismos entre o conteúdo publicado e a imagem que este pretende mostrar ao seu enunciatório por meio dos recursos de apresentação.

Pietroforte (2004, p.21) explica que “quando isso acontece, uma forma da expressão é articulada com uma forma do conteúdo, essa relação é chamada de semi-simbolismo”. O semi-simbolismo é um termo cunhado pelo semioticista francês J.M. Floch e usa uma metalinguagem particular, se comparada com os termos do Percurso de Greimas. Para seu exame, faz uso de Formantes Figurativos e Formantes Plásticos. É por meio desses elementos que o analista vai determinar as representações formais que correspondam ou confirmem o Plano de Conteúdo e que possam levar às relações semi-simbólicas.

Para entender o conceito de semi-simbolismo, primeiramente, é necessário saber o que é símbolo. Um sistema simbólico é aquele em que há conformidade entre o Plano de Conteúdo e o Plano de Expressão, como as placas de trânsito, as cores da bandeira do Brasil, a cruz do Cristianismo etc. Já os semi-símbolos se definem não pela conformidade, mas pela relação de categorias entre os dois planos. O semi-simbolismo pode ser construído em qualquer tipo de texto, mas nem todo texto abre espaço para sua construção, é preciso criar, antes, como já foi dito, uma relação de categorias.

Assim, conforme o estudo de Hernandez (2005), as leis partilhadas no portal Uol, e que se repetem também no *site* **Campo Grande News**, seriam as seguintes:

Exemplo:

Relações semi-simbólicas	Categorias topológicas de expressão¹⁴
Primeira lei: o valor de uma unidade noticiosa ¹⁵ é proporcional ao espaço a ela concedido.	Maior volume ocupado x menor volume ocupado
Segunda lei: tudo o que estiver na parte de cima tem mais valor do que na parte de baixo.	Parte de cima x parte de baixo
Terceira lei: a máxima valorização espacial acontece na capa ou na primeira página.	Exterior x interior
Quarta lei: o início de uma unidade noticiosa é o espaço mais valorizado. Essa lei obriga a colocação das principais informações e dos elementos de mais impacto sempre no começo.	Inicial x final

Em análise do *site CGNews*, as tabelas que foram usadas no estudo do Portal Uol apresentam mais quatro leis, sendo que as duas últimas são exclusivas do jornal *on line*:

Relações Semi-Simbólicas	Categorias topológicas de expressão
Quinta lei¹⁶: uma unidade noticiosa é mais valorizada quando acompanhada de uma imagem fotográfica ou de um gráfico, o que pressupõe um tempo a mais para elaboração.	Imagética x verbal
Sexta lei: o tempo de atualização, ou seja, de substituição de uma unidade noticiosa por outra, mostra a valorização dada pelo enunciário para o conteúdo publicado. Ainda que em tempo real,	Maior tempo para substituição x menor tempo para substituição

¹⁴ Na tabela original, o autor acrescenta a todas essas leis a Correspondência no Plano de Conteúdo como: Maior valor e potencial de atenção x menor valor e potencial de atenção. Para este estudo ela foi excluída porque não interessa a esta pesquisa a relação com o Gerenciamento do Nível de atenção, que corresponde a capacidade do jornal em atrair a atenção do enunciário.

¹⁵ O autor usa o termo **unidade noticiosa** para se referir a “elementos de significação de qualquer jornal analisado” (HERNANDES, 2005:36). Nisso se incluem desde as chamadas notícias informativas a recursos opinativos do jornal, como charges, crônicas, editoriais e outros.

¹⁶ Como essa complementação da tabela tem como base a primeira proposta por Hernandez, será mantida a nomenclatura **unidade noticiosa**, explicada na nota anterior.

<p>alguns conteúdos dispõem de recursos que dão a eles efeito de sentido que os mantêm atualizados por horas, ou seja, não são substituídos com a mesma rapidez de notas tidas como menos importantes para o jornal.</p>	
<p>Sétima lei: As unidades noticiosas que não exibem, na sua apresentação, o horário da inserção ficam mais tempo atualizadas e, portanto, têm um valor maior que aquelas que evidenciam o momento que entram no sistema, porque estas “envelhecem” mais rapidamente.</p>	<p>Com horário de inserção x sem horário de inserção</p>
<p>Oitava lei: Matérias com o recurso do movimento têm mais valor do que aquelas que ficam paradas, porque a movimentação dá um efeito de sentido de que está acontecendo naquele momento e aproxima o enunciário da sensação de fazer parte do noticiado.</p>	<p>Em movimento X parado</p>



Figura 2 – página inicial do **CGNews** visualizada para impressão/ acesso 03 de março de 2007 às 10h33min.

Mas o Plano de Expressão analisa também os Formantes Figurativos. Na página do *site Campo Grande News*, e de uma maneira global de outros veículos na *web*, os objetos visuais usados são arcados numa figurativização icônica, que busca alicerce na “realidade”. Neste estudo em questão o jornal consegue esse efeito basicamente nas fotografias, que se apresentam como uma confirmação da narrativa das notas e “uma prova” dos acontecimentos.

2.3 Prazer em conhecê-lo

Como parte integrante da realidade do jornal *on line*, o *webdesign* é o meio que garante essa identificação e facilidade de acesso. Num meio em que a rapidez é o fator que sanciona positiva ou negativamente a eficiência do jornal, um modelo padrão e o uso de recursos icônicos, portanto facilmente reconhecíveis, impede a perda de tempo do enunciatário e evita a representação de incompetência. Desta forma, com todos esses recursos de expressão e já fazendo uma ponte com o discurso, o jornal, como marca, assume uma personalidade, cria uma imagem de si mesmo e do seu leitor. Na seleção desses recursos lingüísticos, o jornal cria um *ethos*, ou seja, uma figura agregada de valores, em geral, positivos. A partir de então não é mais qualquer pessoa que fala, mas o veículo tal e, portanto, irrefutável. *Ethos* seria esse fenômeno que garante uma corporalidade virtual ao texto, essa materialidade que só existe em uma enunciação interpretada no enunciado. O jornal como personagem apresenta-se como confiável, imparcial e eficiente. No caso do veículo *on line*, acrescenta-se a qualidade de ser também o mais rápido.

Mas é preciso atentar para o fato de que esse personagem que enuncia, para manter a estratégia de manipulação, terá de ser aceito pelo leitor, partilhar os mesmos valores para conceber os recortes da realidade do jornal como reais. É a antiga discussão sobre o uso do termo *invasão* ou *ocupação* de terras nas matérias sobre a disputa por território entre os movimentos populares e os produtores rurais. Para um jornal que tenha como público-leitor os produtores rurais, o uso da palavra *invasão* não irá parecer tendenciosa, porque enunciador e enunciatário compartilham as mesmas crenças, ao passo que, para ativista do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra) a imagem formada é a de um jornal extremamente parcial.

Em virtude das regras e dos projectos que lhe são próprios, um jornal afirma-se socialmente, citando Eric Landovski, como um *sujeito semiótico*, dotado de personalidade jurídica mas, também, graças ao estilo, ao tom, ao perfil que cultiva, de uma entidade figurativamente reconhecível pelos leitores (RABELLO, 2000, p.41).

Conforme lembra Fiorin (2004), a formação deste simulacro do enunciador não é uma especulação, mas apreendido no texto, seja pelas marcas discursivas ou de expressão. Num jornal digital, como o estudado nesta dissertação, a identificação desse personagem é fundamental à medida que são vários repórteres que enunciam, mas o dito não pode ser confundido com a fala desse enunciador, nem com a do proprietário jurídico do jornal. Isso porque o **Campo Grande News** como veículo torna-se uma entidade acima disso. Ele se apresenta como um personagem exterior, dotado de opinião própria. Assim, pela distribuição das matérias e o modo que o jornal se mostra esteticamente é possível encontrar quem é **Campo Grande News**, qual é o seu “caráter”, seu “corpo” e seu “tom”, fazendo referência aos três elementos do *ethos* apontados por Maingueneau (1995). Conforme o autor, a primeira característica diz respeito ao componente psíquico do enunciador; a segunda está atrelada à parte física, a imagem que cria; e a última ao sentido de voz revelado no discurso.

[...] a análise do *ethos* do enunciador, nada tem do psicologismo que, muitas vezes, pretende infiltrar-se nos estudos discursivos. Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito” (FIORIN, 2004, p. 120)

Se não se trata de uma especulação, é preciso mais que uma leitura superficial para conhecer a figura encoberta pela marca que dá nome ao veículo. Discini (2004) orienta que, para “descobrir” esse perfil que o jornal cria, o pesquisador pode buscar um *ethos* partilhado, que no caso da estudiosa foi unir o perfil dos periódicos *Folha de São Paulo* e *O Estado de S.Paulo* em oposição ao jornal *Notícias Populares*, sendo que assim os dois grupos, independentemente, formavam duas totalidades distintas, a primeira do que chamou “jornais ditos sérios” e o segundo “jornais sensacionalistas”. No entanto, ela lembra que em alguns casos, como para distinguir o primeiro do segundo veículo, cada um teria de representar

uma totalidade particular. Partindo dessa lógica, o **Campo Grande News** agrega uma totalidade específica, que pode ser encontrada nas manifestações imanentes, como na maneira como apresenta seus textos, a forma como distribui em sua página aquilo que entende como mais importante, a ênfase que dá a determinados assuntos, entre outros pontos. Como a autora explica: “[...] é preciso coerência e coesão, no fazer e no ser, para que se (re)organize um mundo por meio de uma totalidade de discursos. Caso contrário, não haveria como construir um *ethos* [...]” (DISCINI, 2004, p. 135).

Assim, quem vê a página inicial do **Campo Grande News**, sem mover a barra de rolagem, tem uma visão das **Chamadas em Movimento**, que dão um efeito de agilidade, rapidez e atualização constante; das matérias principais, que ocupam o espaço das **Capas** que se sobrepõem, e dos seis **Destaques** fixos, sempre focados nas ditas *hard news* – notícias mais quentes, inadiáveis, que privilegiam as editorias (canais) de Economia, Política e Geral. Só por essa hierarquização, que evidencia aquilo que se pretende destacar na página, pode-se dizer que o enunciador se mostra como um informante de assuntos de interesse geral e não de entretenimento. Tanto é evidente que as editorias de Cultura e Esporte são as menos atendidas. Em média somam juntas não mais que 15 notas diárias – com exceção aos domingos, quando a editoria de Esportes é bombardeada por informações sobre jogos de futebol e as corridas de Fórmula-1, entre outras notícias nacionais. Já as editorias de Política e Economia, por exemplo, mantêm uma média de 15 a 20 notas inseridas diariamente no *site*, e a chamada Geral chega a superar 60 inserções nas 24 horas que o jornal fica no ar. Ao priorizar essas editorias, o enunciador manipula o enunciatário criando um simulacro de jornal “Sério”, sem tempo para amenidades ou apelos emotivos.

Geral é a editoria mais ampla do **CGNews**. O recorte temático inclui, entre outros assuntos, as notas policiais. O *site* não dispõe, como na maioria dos outros jornais semelhantes, de uma editoria de Polícia, ainda que dedique boa parte da sua cobertura diária ao tema. Se levarmos esse recurso para análise do Plano de Conteúdo, pode-se concluir que este seria um meio do veículo confirmar sua postura de seriedade, sobriedade e confiabilidade. A editoria de Polícia é, indubitavelmente, a mais explorada nas manipulações sensacionalistas, que apelam para a emoção. Ao excluir, pelo menos na nomenclatura, e diluí-la num termo amplo como Geral, o

CGNews confirma sua estratégia de manipulação para criar um efeito de honestidade e objetividade naquilo que publica.

Como não faz uso de recursos de editoração gráfica que possibilitem usar negrito ou aumentar o tamanho da fonte – ferramentas que, simbolicamente, confirmam que um jornal estaria destacando como o assunto mais importante daquele dia – a página de abertura do *site* permite saber sobre as preferências ou tendências do jornal pela disposição espacial e de recursos imagéticos, ou seja, há o lugar fixo para a matéria principal, que sempre virá acrescida de uma fotografia. Há também as que conseguem uma temporalidade mais ampla; como no *on line* tudo tem de ser atualizado minuto a minuto, aquelas matérias que conseguem ficar mais tempo com efeito de novas, ou seja, em destaque, são consideradas mais importantes.

O *site* também não possui uma editoria de assuntos nacionais. Inclusive as matérias de cunho nacional só são inseridas quando apresentam um enfoque regional. Com isso o jornal apresenta-se como um enunciador que tem um espaço limitado de apuração, portanto, dedica todo o seu tempo às preocupações locais, em outros termos, com as coisas que vão realmente fazer diferença na vida de quem vive aqui. Assim se mostra interessado no dia-a-dia do seu leitor, só com isso. Por outro lado, o seu leitor não está só na Capital. No campo Cidades, ele oferece *links* para páginas de outros *sites* do interior, referentes às dez maiores cidades do Estado, nas quatro grandes regiões (Norte, Sul, Leste e Oeste). É com esses *sites* indicados que o jornal faz parceria nas notas que envolvem fatos do interior. Muitas matérias têm esses *sites* como fonte. Com essa parceria ele reafirma seu próprio slogan: “A notícia da terra a um clique de você”, ratificando a amplitude de sua apuração pelos pólos em todo o Estado e, além disso, em “um clique”, ou seja, rapidamente, “antes dos demais”.

Os textos do **Campo Grande News** são escritos na norma culta, mas com frases curtas e com uma sintaxe simples, projetando um leitor que busca uma informação rápida e que não tem tempo a perder. Ao optar por esse modo simplificado e direto de enunciar é como se dissesse: Eu sei que você tem pressa! As notas costumam trazer sempre antecedentes dos fatos, seja na contextualização da matéria ou por meio de *links* de acesso à cobertura. O veículo assume que seu leitor tem interesses variados. As siglas são sempre precedidas da explicação do

significado, confirmando também que não há tempo para ficar buscando outra explicação. A posição é coerente com o próprio formato do veículo. “A dinâmica da rede mundial criou um sujeito nervoso, pouco paciente. Se não encontra o que quer com rapidez, tem sua auto-imagem afetada, julga-se incompetente, assim como também passa a julgar o *site* ‘ruim’” (HERNANDES, 2005, p. 284). Enfim, há ainda outras características, mas essas já dão uma pista bem clara de quem é enunciador para agregar na análise da cobertura, mais adiante.

CAPÍTULO III

TEMPO: MOTOR DA REALIDADE

“O que mais importa ao homem moderno não é mais o prazer ou o desprazer, mas estar sempre excitado”

(Nietzsche)

A Semiótica, como teoria da significação¹⁷, não poderia ignorar uma das suas matrizes mais expressivas: o tempo. Afinal, qual elemento mais carregado de sentido que este, que apesar de ser uma convenção parece se impor como algo natural e congênito ao homem? A discussão sobre a sucessão das horas e o efeito disso nos mais diversos textos tiveram espaço entre as preocupações dos semioticistas, particularmente enquanto construção de sentido. Basta pensar no trabalho do professor José Luiz Fiorin em *Astúcias da enunciação*, um estudo minucioso das categorias de Tempo, Espaço e Pessoa na enunciação¹⁸. Assim, antes de dar início à análise de uma mídia que tem como alicerce agilidade e rapidez, é preciso saber mais sobre o conceito de Tempo, que, em Semiótica, é entendido como uma sensação, um efeito, uma construção do discurso.

3.1 O tempo

Não seria intrépido afirmar que entre as mais notáveis criações do *homo sapiens* esteja a escrita. É certo que o homem primeiro falou e só depois escreveu e a escrita, como representação da linguagem falada, é um fenômeno “recente”. Não cabe aqui fazer um levantamento sobre a origem da linguagem, mas lembrar que a evolução desse código até o aparecimento da imprensa e hoje o advento da mídia em rede, serve para mostrar como a sensação do homem com relação ao passar tempo, também mudou nesse período. Conforme lembra Quintero (1994, p.15), “ao fixar a escrita, o homem fixa duas dimensões básicas de consciência: tempo e

¹⁷ Para Fiorin (1995, p. 02) “Dar ênfase ao conceito de que o texto é um objeto de significação implica considerá-lo um todo de sentido, dotado de uma organização específica, diferente da frase. Isso significa, portanto, dar relevo especial ao exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como uma totalidade de sentido”.

¹⁸ Neste estudo, além de mostrar como a linguagem articula cada uma das categorias de Tempo, Pessoa e Espaço no discurso, faz um exame do seu uso na língua portuguesa, particularmente na aplicação dos Tempos Verbais na construção dos sentidos.

espaço. Escreve para tornar presente o que se encontra distante; escreve também para aqueles que viverem depois dele”.

Na verdade, o homem sempre teve a impressão de que o tempo acontece naturalmente, de que somos nós, e somente nós, que sofremos com as turbulências do tempo e não o contrário. Esquece-se de que são convenções. Ainda hoje, apesar das discussões filosóficas e da consciência de que o tempo não é igual para todos, tem-se a sensação de que ele é algo exterior a nós. Basta pensar no Horário de Verão, no Brasil. A medida que altera o relógio, durante quatro meses no ano, entre mudanças e renovações nos decretos, iniciou-se em 1931, mas ainda hoje há grande insatisfação e discussões sobre sua necessidade. Afinal, a mudança no relógio altera o “horário de Deus”.

Certamente, o tempo tem uma relação direta com as experiências pessoais que vivemos. O filósofo Whitrow (1993) lembra que computar o tempo é algo que acompanha a raça humana desde à Antiguidade. Na maioria das vezes, os povos primitivos usavam os fenômenos da natureza para mensurá-lo, como o clima, a vegetação, a criação de animais e também movimentos astrológicos, medidos com ferramentas rudimentares. Portanto, cada um encontrava um conceito próprio para medir o tempo de acordo com a situação em que vivia. “O método mais antigo de contar o tempo apoiava-se em alguns fenômenos prontamente reconhecíveis; um exemplo é a contagem dos dias em auroras, que encontramos em Homero” (WHITROW, 1993, p.28).

Uma infinidade de convenções foi usada para medir ou como indicador de tempo, quando começa ou termina um dia, entre eles o uso do pôr-do-sol pelos babilônicos, judeus e muçulmanos, ou o nascer do sol pelos romanos, ainda o canto do galo ou auroras pelos egípcios. Se por um lado os povos antigos dispunham de medidores de tempo, por outro, não tinham a consciência moderna deste. Conforme esclarece Whitrow, essa é uma característica da sociedade contemporânea, em que o relógio acompanha cada passo do homem. Hoje é o tempo que delimita as ações do homem desde a hora em que acorda. Antes da Revolução Industrial, por exemplo, a vida humana era menos dominada pelo tempo, pelo menos conscientemente. O desenvolvimento do relógio mecânico e, posteriormente do relógio de pulso, mudou profundamente a sociedade. Antes, a preocupação resumia-se ao início e ao fim do dia. Agora, o tempo move as ações humanas a cada passo.

Até o advento da moderna civilização industrial, a vida das pessoas era muito menos conscientemente dominada pelo tempo do que passou a ser desde então. O desenvolvimento e o aperfeiçoamento contínuo do relógio mecânico e, mais recentemente, de relógios que trazemos conosco, teve profunda influência em nosso modo de viver. [...] Tendemos até a comer não quando sentimos fome, mas quando o relógio indica que está na hora da refeição. Em consequência, embora haja diferenças entre a ordem objetiva do tempo físico e o tempo individual da experiência pessoal, somos compelidos cada vez mais a relacionar nosso “agora” pessoal ao cronograma determinado pelo relógio e calendário (WHITROW, 1993, p. 31).

Foi o desenvolvimento das cidades, a organização das redes monetárias, do transporte e mais tarde da imprensa que enfatizaram o tempo na vida diária. A Revolução Industrial trocou o tempo “longo” do campo, das estações, pelo tempo controlado das máquinas, da produção organizada em turnos. Ou seja, o tempo físico pertence à experiência subjetiva de cada sociedade no seu momento histórico. De uma maneira bem rudimentar, isso poderia ser exemplificado com uma oposição semântica de Nascimento e Morte, por exemplo, uma vez que esta é certamente a primeira analogia que faz com que o homem preocupe-se com os dias que passam. Afinal, é o único animal que sabe de sua mortalidade, de sua finitude. Sem esse saber não poderia estabelecer julgamentos morais do passado, esperança de futuro, enfim, não teria consciência de Tempo. Ao que parece, uma importância mensurada pela relação do homem com a sua realidade.

Se estivermos em uma busca das origens de nossa preocupação quantitativa moderna, devemos nos concentrar nas últimas décadas do Século XVI. Até então só a igreja tinha uma certa preocupação com a mediação do tempo. As datas de nascimento, por exemplo, só foram instituídas a primeira vez na França em 1538. Mesmo depois disso só quem escrevia documentos e crônicas tinha esse hábito de se preocupar com datas ((WHITROW, 1993, p.100).

Por fim, em maior ou menor grau, parece que o homem sempre teve uma relação direta com o suceder dos momentos, ainda que com razões e modos diferentes. Desde os persas que viam o tempo como um “deus”, até a relatividade matemática proposta por Einstein, vários pensadores já se dedicaram a discutir a questão e sua construção de sentido dentro da vida cotidiana. Para aproximar esse conceito do modo como a semiótica o entende, uma elaboração que integra o

discurso, e propor uma teorização para este conceito no âmbito de uma mídia na *web*, é importante conhecer as reflexões de Santo Agostinho, que propõe, entre outras coisas, um julgamento de tempo psicológico, movido pelo instante, que é uma abstração da consciência; e não pela duração, que estaria submetida às coerções do espaço.

Se eu tiver que medir a duração de um poema, não será contado o número de versos ou de páginas que conseguirei, pois isso seria medir o espaço, e não o tempo. [...] Pode-se suceder que um verso mais curto, recitado lentamente, dure mais tempo que um verso mais longo recitado apressadamente. [...] Quando meço a duração de um poema, meço o poema pelo tempo em que é pronunciado, ou tal como o imagino sendo pronunciado, “meço alguma coisa que permanece gravada na minha memória. É em ti, meu espírito, que eu meço o tempo” (PIETTRE, 1997, 33)

¹⁹

3.2 Tempo agostiniano/Tempo semiótico

A noção de tempo de Santo Agostinho torna-se o tempo da semiótica a partir do momento em que permite a criação de um simulacro temporal. Discini (2004) explica que o conceito de simulacro pode ser comparado a uma produção que pressupõe uma abstração por parte do sujeito. “O simulacro, enquanto construção ‘modelar’ do sentido, requer um referente, que não será dado *a priori*, mas que se constitui no discurso, como ilusão referencial. É, portanto um efeito de sentido construído no enunciado” (DISCINI, 2004, p.72).

Ao transportar esse entendimento para a discussão deste estudo, significa dizer que não se trata do tempo real, físico em si, mas de uma sensação produzida dentro do discurso jornalístico em respeito ao próprio gênero e à disposição no suporte que o agrega, a *Internet*. Esse simulacro, que se defende neste trabalho e será apresentado mais adiante, repete-se a ponto de tornar-se uma “lei” e confundir-se com o mundo exterior, no caso, com o tempo do mundo e não com o tempo criado pelo discurso. Pensando do ponto de vista da Semiótica, esse tempo baseado na sensação é explorado pelo *site* para garantir um fim de rapidez e agilidade e uma apuração em que o simulacro crie uma sensação em que o MA (Momento do Acontecimento) seja concomitante com o ME (Momento da Enunciação) e partilhado pelo leitor também em simultaneidade com o MR (Momento de Referência), o que

¹⁹ As aspas da citação são feitas pelo autor e referem-se a citações de Santo Agostinho, em Confissões, Livro XI, cap. XXVI.

garantiria, enquanto efeito de sentido, uma atualização mais efetiva para o enunciatário, ou seja, o Presente Pontual.

A relação entre a semiótica com as reflexões de Agostinho foram inicialmente percebidas no estudo de Fiorin (2005c). Essa relação agora é retomada aqui para que se possa transportar as reflexões do filósofo também no estudo de uma mídia *on line*. Para entender melhor isso é notável saber que Agostinho chegou à conclusão de que nosso entendimento de passado e futuro depende da memória e da expectativa, ou seja, de uma construção pessoal ou produzida. *Confissões*, a obra em que apresenta essas reflexões, publicada pouco antes da queda de Roma, foi a primeira biografia da história e rendeu, mais tarde, a Santo Agostinho o elogio de “o primeiro homem moderno”. O pensador católico fez uma severa crítica ao conceito de tempo de Aristóteles, que entendia este como movimento em relação às esferas celestes. Ele condenou a relação com os corpos celestes porque entendia que mesmo que esses astros parassem por alguns minutos, o tempo continuaria a correr. “Se os astros do céu parassem e a roda do oleiro continuasse a mover-se, deixaria de existir o tempo para medirmos as voltas dela?” (AGOSTINHO, XI, capítulo XX).

Para Agostinho, a mente humana era a fonte e o padrão do tempo, ou seja, a atividade mental seria a base para mensurá-lo, portanto, esse se apresenta como um recurso que permite apreender a realidade. O filósofo defende, ainda no texto de *Confissões*, que só é possível medir o tempo se nossa mente tiver condições de guardar a impressão deixada pelas coisas ao passo que se deixam acontecer. Assim, mede-se não o tempo, mas a impressão que deixam: futuro pela antecipação; e passado pela memória. A teoria sobre o tempo de Santo Agostinho pode ser usada no estudo do jornalismo *on line* à medida que as matérias destes veículos são definidas pelo critério temporal e focadas num presente contínuo. Para Agostinho, o tempo presente é uma virtualidade.

Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro para o passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo, o tempo presente não tem nenhum espaço (AGOSTINHO, 1996, p, 324).

No jornalismo *on line* há essa inexata impressão de tempo real por meio da organização do discurso, seja na distribuição das matérias com datas e minutos – que aproximam o tempo lingüístico do tempo cronológico e garantem pela ancoragem a sensação de realismo – seja pelo fluxo com que tomam, uma o lugar da outra, a cada instante, e com isso traduzem uma virtualização de agilidade pelo movimento. Como no caso do jornal analisado, as matérias “Últimas Notícias”, dispostas, temporalmente, e não por editoriais (temas), parecem se diluir numa teia incessante de novas informações, colocando o *internauta* como um sujeito copioso, que sabe muito porque tem, em demasia, notas ao seu alcance, algumas vezes, talvez mais do que seria capaz de ler no momento que navega, haja vista tantas informações que podem consumir numa mesma página ou em janelas abertas simultaneamente²⁰.

Na *Internet*, o fluxo de matérias dá a falsa impressão de que tanto o público quanto o jornalista sabem muito, ainda que o próprio caráter temporal do suporte agregue em si uma superficialidade – o tempo não pára, ele é mutável e suas “verdades” acompanham as modificações que lhes são intrínsecas. E essas mudanças vão além de ser apenas uma orientação, integram um ritmo coletivo para quem produz e para quem lê. Não é só veículo que impõe o ritmo acelerado, ele também é cobrado pelo leitor para cumprir esse curso.

Essa manipulação do presente no jornal *on line* é tão evidente que a própria construção da página permite controlar a maior ou menor atualização de uma matéria em relação à outra. No **Campo Grande News**, por exemplo, as Chamadas em Movimento – aquelas que deslizam numa seqüência de no máximo cinco notas no alto da página – ou o ponto fixo que chamaremos de Destaques²¹, localizado no

²⁰ Para saber mais sobre este assunto, ler sobre Gerenciamento do Nível de Atenção – HERNANDES, NILTON. *Semiótica dos jornais – análise do Jornal Nacional, Folha de São Paulo, Jornal da CBNM, Portal UOL, revista Veja*. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor.

²¹ O nome Destaques refere-se ao antigo título dado a esta seção, que ocupava o espaço abaixo da Capa até dezembro de 2006. Em janeiro de 2007, o **Campo Grande News** passou por uma reformulação da sua página inicial e deslocou estas notas para o lado direito da página, agora ao lado e não abaixo da Capa, e suprimiu o nome da seção, ainda que mantenha os mesmos propósitos de “deixar em destaque” assuntos que o jornal entende por mais importante entre outras razões apresentadas no corpo deste trabalho. Ao elevar este conjunto de notas de uma posição “abaixo” para uma outra “ao lado”, e no topo da página, o jornal agregou um status ainda maior a esta produção se levarmos em conta que a Capa ocupa o lugar mais privilegiado e de maior atenção pelo *internauta*. Conquistar essa área, ainda que em parceria, representa ser **quase** tão importante quanto; e só não **exatamente** tão importante quanto porque neste caso a Capa dispõe de uma

alto da página, ao lado direito da capa, permitem ao enunciador decidir o que fica mais ou menos tempo nesse espaço privilegiado. Tal escolha evidencia o que o jornal entende por mais ou menos importante, sendo que essa decisão não se resume a isso; tendo como base um veículo focado na rapidez, mostra que pelo controle do tempo de exposição, tal meio de comunicação salienta também as notícias em que foi o primeiro a anunciar.

Esses espaços não mostram apenas o que o jornal entende por mais importante, mas também servem de vitrine para mostrar o que apurou antes e, mais, garantem um tempo de atualização (chamarei de presentificação mais à frente), de sensação de presente para essas matérias, maior que as demais, que pretendem obter e manter a atenção do leitor numa seqüência de mais de 30 notinhas, em linha, uma abaixo da outra.

Embora os dois recursos – “Chamadas em Movimento” e “Destaques” – tenham a proposta de enfatizar assuntos tidos como importantes e, juntamente com isso, mantê-las atuais pelo maior tempo possível, esse controle é feito de maneira distinta entre elas. As primeiras, por exemplo, têm uma ancoragem atemporal, ou seja, elas são atualizadas pelo espaço que ocupam, não pelo horário da inserção, já que mesmo que o *internauta* (enunciatório) clique sobre o título e tenha acesso ao material produzido, ele não saberá em que horário ela foi inserida. Ao efetuar esse ato, tem acesso a uma caixa com o resumo da matéria, sempre sem a ancoragem temporal, dando a impressão de que acabou de ser produzida, ou seja, o enunciador partilha com o enunciatório a sensação de que ele é atualizado no mesmo tempo do jornal.

O *internauta* só terá acesso ao horário de produção desta matéria se desejar ir até a nota original, no momento da inserção. Um *link*, nesse resumo, permite a ele ter acesso à matéria completa, esta sim com o recurso da hora inteira, mas com um certo grau de dificuldade, já que terá de passar por três etapas para alcançar esse estágio, ou seja, gastar tempo, o que nem sempre é interessante para um leitor de *on line*. Com isso o enunciador controla a “atualização” do conteúdo, que se apresenta sempre num presente virtualizado como o presente do enunciatório.

imagem de abertura, a única em toda a distribuição de recursos do layout no *site*, o que essas notas não desfrutam.

No outro recurso chamado de “Destaques”, esse momento em que as marcas lingüísticas do tempo parecem se esconder, quando ficam camufladas para estender seu caráter de atualização, é um pouco menor. Os “Destaques”, como chamadas de “Capa” não apresentam o horário de inserção, como é o padrão das demais notinhas, sempre acopladas ao horário em que entram na rede, mas assim que o leitor “abre” a matéria tem esse acesso. Ou seja, embora seja o tempo que determina a sanção de eficiência, o enunciador busca recursos para oferecer ao leitor um tempo presente contínuo, ainda que para isso tente chamar atenção para outros aspectos de disposição na página, que não o tempo.

Exemplos:



Figura 3: No alto da página, no lado direito da logomarca do jornal estão as Chamadas em Movimento, que deslizam uma após a outra; abaixo, do lado direito da Manchete, estão as seis outras chamadas da página, que neste trabalho denominamos Destaques. O horário de inserção só aparece quando se acessa o conteúdo da nota. Acesso em 19 de janeiro de 2007 às 9h36

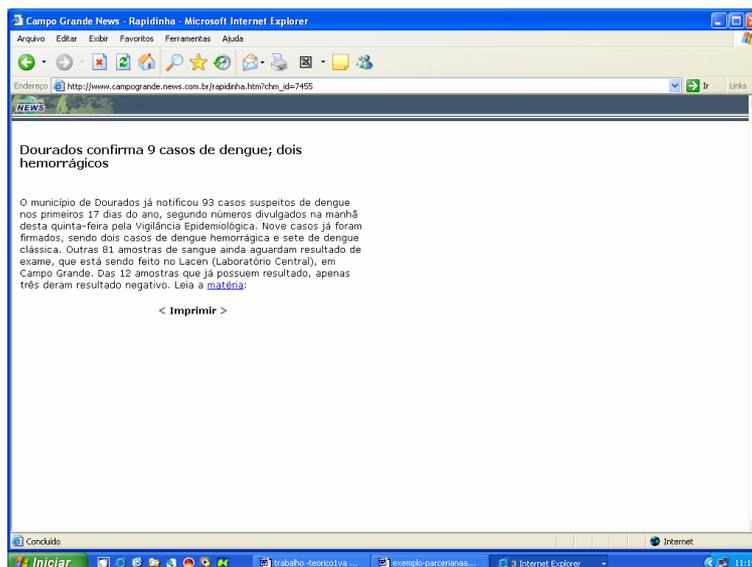


Figura 4: Exemplo da caixa de acesso das chamadas em movimento, sem inserção de tempo. Recurso mantém a matéria atualizada conforme o momento de visitação da página pelo *internauta*. Acesso em 19 de janeiro de 2007 às 9h41.

Em geral, as matérias que ocupam o espaço de Manchete do jornal no dia, assim que são substituídas por uma nova, automaticamente ocupam o lugar dos “Destaques”. Da mesma forma, boa parte das vezes os Destaques, quando substituídos, também tomam o lugar das “Chamadas em Movimento”, ou seja, um tempo atualizado e construído pelo discurso, com referência na sensação presente do próprio leitor.

Outro ponto defendido por Santo Agostinho, que semiotizado serve para entender e antecipar a teorização sobre como a mídia explora os recursos lingüísticos para ter controle sobre o efeito temporal em seu discurso, é de que o tempo é “fundamento da realidade”. A semiótica não se preocupa com a realidade, porque a entende como inapreensível, mas com o simulacro desta. À medida que se entende o tempo como alicerces da realidade torna-se menos arriscado dizer que o discurso jornalístico usa dos recursos de monitoramento do tempo garantindo, por tautocronia, a agilidade e a “realidade” do texto, uma vez que as bases do discurso midiático estão centradas no mundo reais, no que chamam de “fatos”.

O conceito de fato para o jornalismo seria o de que a realidade estaria acima das coerções de valores do repórter, do veículo, das construções ideológicas etc. O jornalismo entende o fato como realidade e defende que este pode ser apreendido com imparcialidade e reportado com um texto enxuto e sem juízo do valor. Na

prática, a imprensa deveria se posicionar como Clovis Rossi, em uma crítica severa a esta premissa, descreveu: “[...] numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões” (ROSSI, 1980, p.7).

Hoje, apesar de jornalistas e teóricos da comunicação admitirem que o conceito de objetividade e imparcialidade não pode ser alcançado nesses moldes, o julgamento do que é fato parece estar longe de ser entendido como a semiótica propõe: um simulacro. José Marques de Melo (2006) propõe uma revisão do conceito de objetividade e admite que, no máximo, o que jornalista alcança são “versões” dos fatos; ainda assim defende que essa apreensão fica mais próxima da “verdade” e menos a mercê das coerções de mercado e do próprio jornalista se aceitar que:

[...] objetividade no jornalismo contemporâneo implica em *pluralidade* de observações e de relatos. O que se desdobra em pluralidade de fontes, de canais e de núcleos receptores. Em síntese: corresponde a assegurar que os acontecimentos sejam captados e reproduzidos sob diferentes ângulos, gerando distintas versões, honestamente registradas [...] (MELO, 2006, p. 49).

Enfim, ainda que mais flexível e menos enfático, o novo entendimento de apreensão dos fatos para o jornalismo moderno mantém seu alicerce na “realidade apreensível”. Necessário lembrar aqui que Greimas não negou a realidade, mas a apresentou como uma percepção do sujeito e, portanto, distinta a cada discurso, visão, relato ou reportagem deste. “[...] todo discurso constrói seu próprio referente interno” (GREIMAS/COURTÉS, 1989, p.379), ou seja, para ele, também o “mundo natural” pertence à ordem do parecer. Ao conduzir esse sentido para o jornalismo da *Internet*, vale um diálogo com a reflexão de Discini (2004) sobre a construção da ilusão do referencial em seu exame sobre os estilos dos textos. Conforme ela:

Ao observar, nos discursos enunciados, elementos como a ancoragem espacial – os topônimos; a temporal – os cronôminos; a actorial – os antropônimos, e como se enfeixam numa configuração interdiscursiva tais figuras isotópicas, de maneira que se verifique como elas são assumidas por tematizações diferentes, como elas se inscrevem em contextos variados de uma totalidade, o analista terá recursos para construir a ilusão referencial dada pelo enunciado, ela própria, uma revivificação do ‘mundo natural’ (DISCINI, 2004, p.72).

Essa concepção partilhada pela Semiótica, de que a realidade construída nos textos é um simulacro, inclusive, vem sendo discutida por teóricos de outras áreas e, particularmente, por estudiosos dos meios de comunicação porque permite uma análise, ainda que com certa abertura à polêmica, de argumentos sólidos. Um exemplo é o filósofo francês Paul Virílio, que ao discutir as hipóteses de alteração das concepções de tempo e espaço por meio da velocidade no cotidiano conclui que:

A realidade nunca é dada de antemão, mas adquirida, gerada pelo desenvolvimento das sociedades. Mesmo se a pedra permanece pedra, mesmo se a montanha continua no seu lugar, a maneira de captar a realidade varia ao ritmo da evolução do conhecimento (VIRÍLIO, 1999, p.1).

Enfim, fatores religiosos, políticos, sociais, econômicos concorrem para a formação dos sentidos que apreendemos ou atribuímos a determinados acontecimentos e coisas. Para demonstrar essa construção numa mídia digital, que tem como contrato fiduciário ser a mais rápida, o jornal faz parecer ignorar que o tempo da língua é diferente do tempo cronológico. O enunciatário admite o tempo do enunciador como o seu tempo também, fazendo uma interação lingüística.

Assim, voltando ao conceito de Agostinho, este trabalho aponta que sua proposição sobre o tempo como fundamento da realidade tem relação com a prática jornalística à medida que não reportamos a realidade, mas um entendimento dela. O tempo presente é uma ilusão, ainda que mantenha, como lembra Fiorin (2005c), em comum com os outros tempos a simultaneidade, a duratividade e a direção (retrospectiva e prospectiva). Para o pensador católico, essa certeza de que o tempo existe enquanto presente, passado e futuro só pode ser perceptível na linguagem. E é isso que a Semiótica defende, uma construção por meio da linguagem. “Se agora é gerado pelo ato da linguagem, desloca-se ao longo do fio do discurso permanecendo sempre agora” (FIORIN, 2005c, p.142).

Parece óbvio que o discurso do jornal coloque o fato narrado como real e concomitante com o tempo de recepção do leitor, ainda que seja produzido num tempo anterior ao seu acontecimento e também de recepção. É o recuo temporal que dá a impressão de tempo real, que coloca o leitor numa sensação virtual de que é o momento do ocorrido. É o que Fiorin chama, citando o pensamento de Ricoueur, de “intenção presente” (ibid: 137), que caminha na direção dessa construção do

tempo na mídia e busca tornar presente todo e qualquer tempo, tentando com isso alargar o espaço que separa o passado e o futuro, ou seja, uma semiotização. “A rigor, não existem três tempos; passado, presente e futuro, mas somente três presentes: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro” (AGOSTINHO, XI, p. 20).

3.3 A corrida da mídia: uma corrida social

Partindo do conceito de que o tempo é uma construção discursiva, segue-se a discussão para entender como essa ação tem referência com a mídia. Sabe-se que nesse sentido não é apenas o veículo que impõe o ritmo, mas são mudanças de orientação coletiva. O leitor também quer ser o mais rápido a saber. Medina (1988) defende que o conceito de mídia foi mudando com o passar da história e que apesar de a *Gazeta do Rio de Janeiro* ter sido a primeira folha impressa no Brasil em 1808, somente com a virada do século, na Segunda Guerra Mundial, e já com o aparecimento do rádio, surge pela primeira vez de forma significativa “a pressa em saber as coisas”. Nesta época já existia o telegrama e a corrida pela novidade era a necessidade de encurtar distâncias. Uma pressa que, na avaliação de Virílio (1995), pode ser mais bem ilustrada com as mudanças na capacidade de impressão e difusão da *Times Londres*, que em 1814 instalou sua primeira impressora a vapor com capacidade para imprimir mil jornais por hora; substituída em seguida, em 1827, por outra mais eficaz que quintuplicou essa capacidade, já anunciando o ritmo da primeira rotativa, que apareceu 21 anos depois; seguida, na década seguinte, por uma capaz de imprimir 20 mil jornais por hora; para chegar, finalmente, ao final do século, a aceleração do modelo linotipo²². “A imprensa na Grã-Bretanha alcançaria os vinte e cinco milhões de exemplares impressos por volta de 1810 e, dez anos mais tarde esse número chegava a trinta milhões” (VIRÍLIO, 1995, p.29).

Inclusive, a rapidez parece ter sido sempre uma meta das tecnologias e da própria imprensa. Em 1985, por exemplo, quem não tivesse um aparelho de fax estaria “fora da realidade” – atrasado com relação ao progresso. As mídias em geral, o telégrafo, o telefone, o cinema, a TV e hoje também o jornal na *web*

²² Linotipo é uma impressora criada em 1890, na Alemanha, com capacidade de produção de 6.000 a 8.000 toques por hora. Ela faz uso de tipos gráficos e imagens a partir de blocos fundidos de chumbo. Hoje, apesar da sua substituição pela imprensa *offsete*, alguns lugares ainda trabalham com o maquinário de linotipos. (Informações do *site* wikipedia.org.br – acessado no dia 10/01/2007 às 10h09).

acompanharam a aceleração das relações humanas. O jornalismo na rede está especificamente ligado à questão da velocidade para garantir o diferencial com relação às outras mídias. O furo jornalístico não é uma novidade inventada pelo jornal *on line* e integra o próprio fazer jornalístico. A diferença é que, na mídia da Rede Mundial, esse espaço para se conseguir chegar antes está cada vez menor e se aproxima de uma irracionalidade em termos de condições de apuração.

Não caberia aqui uma discussão sobre os modos de produção, já que não é este o foco do trabalho, mas vale, ainda que a título de ilustração, apresentar uma das hipóteses defendidas por Moretzshon (2005) sobre a imagem que a sociedade tem de que a velocidade é uma característica inata da imprensa. Segundo ela, esse conceito, que hoje chega a níveis que beiram a fantasia – basta pensar na proposta do portal IG com a informação no “Último Segundo” – é uma elaboração de base econômica capitalista e não uma mera particularidade da comunicação. “De fato, a velocidade é uma característica do capitalismo, resumida na expressão ‘tempo é dinheiro’, instituindo e obedecendo a uma lógica que Marx sintetizou ao definir: ‘economia de tempo: a isto se reduz finalmente toda economia’” (MORETZSHON, 2005, p.19-20). Ou seja, a mídia como atividade da era industrial e sua transformação como produto de massa integrou-se ao processo de aceleração do tempo.

De qualquer maneira o que interessa aqui é saber que essa corrente de informação meteórica integra a produção midiática tornando-se uma orientação do próprio discurso que quer sempre estar à frente. O fato é que depois que integra a vida social, o homem parece criar uma dependência e uma exigência ainda maior, ou seja, agora o próprio leitor vai sancionar negativamente aquele jornal *on line* que demora mais de dois ou três minutos para apresentar uma notícia que talvez já tenha sido apurada pelo concorrente, mesmo que esses minutos não alterem em demasia sua relação com o mundo.

Embora poucos entre nós considerassem seriamente a hipótese de se tornarem corredores de automóveis e muito menos a possibilidade de treinar, queremos que o nosso Toyota tenha a velocidade máxima equivalente ao dobro da velocidade-limite na auto-estrada. (KECKHOUE, 1997, p. 31).

Esse *contrato* leva o jornalismo à criação de uma necessidade de oferecer essa notícia em tempo além da capacidade de produção. Queremos o novo, minuto a minuto, ainda que não precisemos dele nessa fração de segundo; ainda que não tenhamos condições, nesses fragmentos, de criar uma reflexão aprofundada sobre este assunto. Para dar conta dessa responsabilidade, o jornal precisa criar recursos que dêem ao leitor essa sensação de atualização instantânea e essa ilusão de imediaticidade. A TV e o Rádio já antecipavam essa impressão, mas estavam restritos a um ou outro flash; na mídia *on line* o desafio é oferecer essa sensação a cada acesso à página.

Uma busca que o próprio *site* analisado nesta dissertação tenta alcançar. O **Campo Grande News**, que entrou na rede mundial em março de 1999, é o único do Estado a permanecer 24 horas em atualização. A medida é um diferencial em relação aos outros jornais digitais de Mato Grosso do Sul e, particularmente, de seu concorrente direto na Capital, o **Mídia Max News** (estréia em maio de 2002), já que foi somente depois do aparecimento desta empresa na disputa do mercado regional que o *site* analisado implementou a ampliação do tempo de serviço. Antes disso o **CG News** encerrava seu expediente à meia noite. Ao permanecer mais tempo no ar o jornal garante uma sanção de mais eficiente, já que “acompanha todos os fatos antecipadamente”.

O conceito de que o jornalismo tem de ser ágil, rápido e não pode “perder tempo” é tão disseminado e aceito que até mesmo *sites* institucionais, que não têm a preocupação com o furo de reportagem, vêm buscando a ancoragem do tempo nos moldes da grande imprensa para tentar repetir sua sanção de “eficiência”. Esses modelos institucionais, por funcionarem como assessoria de imprensa, não têm entre seus “contratos” acompanhar os acontecimentos com esse efeito de “tempo real”, mas divulgar e evidenciar atividades, projetos ou acordos etc da empresa atendida. Ou seja, a sanção de “eficiência” deve ser assegurada em outros moldes, como repercussão no maior número de veículos, veiculação da marca da empresa, apresentação do maior número de detalhes que enaltecem a importância do projeto, entre outros.

Exemplo:



Figura 5: Página do Detran-MS/ acesso 19/12/2006 -17h31. Atualização chega a levar 15 dias, mas o *site* repete o modelo dos ditos jornais em tempo real.

Ao analisar esse processo de aceleração do tempo no âmbito da imprensa, Virílio (1995) defende que hoje o que se consome não é mais a informação, o conteúdo da notícia em si, mas a velocidade. O conceito faz sentido aqui porque, como foi mostrado, até mesmo veículos sem pretensões de apuração instantânea têm adotado o mesmo recurso. “[...] o ‘espaço-tempo cibernético’, surgirá dessa constatação, cara aos homens de imprensa: a informação só tem valor pela rapidez de sua difusão, ou melhor, a velocidade é a própria informação” (VIRÍLIO, 1995, p.122). Em sua reflexão, o autor reitera que a pressa da informação acompanhou a aceleração das relações sociais e econômicas e mostra que essa transformação acompanha a arquitetura das sociedades modernas.

A velha fórmula segundo a qual a *informação é praticamente a única mercadoria que não vale mais nada ao fim de vinte e quatro horas* merece, portanto, reflexão. No século XIX e no início do XX, em pelo auge da imprensa, trata-se [...] menos de produzir informação do que de antecipá-las, de alcançá-la em movimento, para finalmente vendê-la antes que seja literalmente ultrapassada. Os assinantes passam a comprar menos notícias cotidianas do que adquirir instantaneidade, ubiqüidade ou, em outras palavras, compram sua participação na contemporaneidade universal, no movimento da futura cidade planetária (VIRÍLIO, 1995, p.49).

Uma mostra de que a mais-valia nessa relação é o consumo da instantaneidade em detrimento da informação. Na prática isso se reflete na fragmentação das matérias em notas, que repetem informações com formato de contextualização e trazem quase nenhuma informação nova; e no uso de matérias no tempo futuro, antecipando assuntos que devem acontecer no dia, semana ou mês futuro. Fracionar significa criar uma sensação de aceleração pelo fluxo, arcada, neste caso, por uma especulação com o que há por vir. Em 1 de janeiro de 2007 o **Campo Grande News** acompanhou as movimentações políticas e sociais para a posse do novo governador do Estado. A primeira nota inserida no *site* foi às 9h32, com o título “**Puccinelli será empossado governador de MS às 16 horas**”. Tratava-se de uma nota completa, com toda a programação do dia, o nome dos novos secretários e suas respectivas pastas, quem seriam dos adjuntos, além de anunciar a vinda de autoridades. Às 11h03 o *site* trouxe outra matéria – “**André Puccinelli faz reunião com secretariado**” – e confirma ao leitor a reunião antecipada na nota anterior e relembra a vinda das autoridades. Nesta nota, o jornal se coloca como muito atualizado porque a cobertura acontece no “exato” momento da reunião.

Em seguida, sem novidades por exatos 41 minutos sobre este assunto, o jornal insere, às 11h44, a nota “**Puccinelli passa diretrizes para novos secretários**”. A nota não trazia nenhuma informação nova, repetia o nome dos secretários empossados, suas pastas e a visita das autoridades. A matéria começava dizendo que o governador “já repassa diretrizes para os primeiros momentos de governo aos novos secretários”. Enfim, uma matéria usada apenas para lembrar o leitor de que o *site* está acompanhando o evento, ainda que não tenha tido acesso a nenhuma informação diferente do que já havia publicado e, do ponto de vista do jornalismo, uma não-notícia. As notas seguintes anunciavam passo a passo cada diretriz em cada pasta e lembravam os horários e atividades para o evento da posse. Como a cerimônia só aconteceria às 16 horas, o *site* fracionava as informações que obtinha o máximo possível para que pudesse ampliar o número de notas, dando a impressão de grande trabalho de apuração. Às 14h04, por exemplo, inseriu a nota **Orquestra de Campo Grande faz dois números em posse**. Das 33 linhas da nova matéria, apenas as cinco primeiras traziam informações “quentes”, o

restante era a antiga repetição das notinhas anteriores, com nomes de secretários, horário do discurso e presença de autoridades.

Este não é um exemplo isolado de uma cobertura em particular, nem característica exclusiva de um jornal regional, como se poderia pensar. Em análise ao Portal Uol, na cobertura sobre a captura de Saddam Hussein pelo exército americano, em 14 de dezembro de 2004, Hernandez (2005) constatou que essa fragmentação chega a comprometer a idéia de notícia como uma explicação resumida do acontecimento. Segundo defende, com essa postura a notícia:

[...] perde um pouco o sentido em função de seu caráter de enorme fragmentação. Quando o UOL citou a prisão de Saddam pela primeira vez, por exemplo, não havia sequer a certeza de que a informação procedia. [...] Às 9h36, a Folha Online liberou uma matéria de arquivo, preparada muito antes para a ocasião: "Saiba mais sobre Saddam Hussein". Lia-se o lead sobre a prisão e todos os 11 parágrafos restantes contavam a trajetória do ex-ditador em ordem cronológica a partir do nascimento dele, em 1937. Novidade mesmo, só nas primeiras linhas. (HERNANDES, 2005, p.293-294)

Fora isso, essa busca pela rapidez, no contexto do jornal *on line* pode gerar fatos inusitados, criando uma certa contradição com o próprio fazer jornalístico de 'relatar os fatos'. Semioticamente, como foi apresentado anteriormente, os fatos são, de maneira grosseira, um simulacro da realidade, uma projeção no discurso. No entanto, essa agilidade pode fazer o jornal criar um simulacro do real que não é compartilhado entre enunciador e enunciatário, gerando um discurso dado como inverídico e, portanto, não efetivo.

"[...] a teoria saussuriana forçou a semiótica a inscrever entre suas preocupações, não o problema da verdade, mas o do dizer-verdadeiro, da veridicção", (GREIMAS E COURTÉS, 1996, p. 485). De outro modo, não se discute aqui se o que se relata é verdade ou não, mas a construção dessa verdade no discurso tem de parecer verdadeira, criar uma impressão de certeza. Em diálogo com os conceitos dos dois autores citados acima, é essa veridicção do discurso que lhe vai garantir a coerência e a credibilidade. Ao analisar a transmissão direta, o chamado "ao vivo" na televisão, Fachine de Brito (2001) lembra que essa comunicação só merece confiança se partilhar dos mesmos sentidos, ou seja, a construção do discurso, no caso arcado no tempo, tem de ser coerente com o "contrato" dos envolvidos na enunciação.

Semioticamente, o reconhecimento de uma transmissão direta é o resultado, sobretudo, de um contrato fiduciário entre os sujeitos envolvidos, através do qual se opera, da parte de quem transmite, um fazer-creer e, da parte de quem assiste TV, um crer-verdadeiro — a crença de que aquilo que se está vendo na tela está, de fato, acontecendo no momento em que é visto. O espectador precisa acreditar, antes de qualquer coisa, nas “marcas” da simultaneidade entre a produção e a transmissão do programa (precisa acreditar, em outras palavras, que essa simultaneidade “inscrita” no programa, de fato, tem lugar (FACHINE DE BRITO, 2001, p. 23).

É certo que o “tempo real” do jornalismo da *Internet*, em se tratando da produção de matérias do *site* analisado e de outros nos mesmos moldes, não compartilha dos mesmos contratos da dita transmissão direta – o popular “ao vivo” – e guarda suas particularidades, entre elas o fato de que o enunciário sabe, por meio do horário marcado, o momento da inserção e, ainda que se faça ignorar o tempo de produção, amplia esse “tempo real” por alguns segundos e entende, não que se trata de uma produção “ao vivo”, mas “naquele momento”. Esse saber permite uma pequena elasticidade temporal do presente. O **CG News**, como todos os *sites* noticiosos do Estado, não dispõe do recurso do “ao vivo” – como propõe, por exemplo, algumas coberturas que se apresentam como simultâneas nos grandes portais nacionais como o **Terra** (www.terra.com.br) – mas faz uso do jargão “Tempo Real” como se este fosse “[...] o tempo do “mundo natural”, o tempo marcado pelos relógios: refere-se à dimensão cronos do tempo; à compreensão crônica ou cronológica do tempo” (FACHINE DE BRITO, 2001, p.13).

Nessa perspectiva, ainda que a mídia na *internet* não partilhe de todas as características da transmissão direta, elas encontram-se no ponto em que o contrato deixa de ser cumprido. Neste momento, seja no ao vivo ou no “tempo real” das notinhas da *Internet*, há um ruído de informação e o jornal, que se posicionava de modo positivo – ao anunciar antes – diante do enunciário, acaba invertendo essa sanção positiva pelo equívoco. Ou seja, não basta ser o mais rápido, a construção da aceleração tem de ser também, precisa, ou, no mínimo, coerente com as demais construções do mesmo gênero.

No dia 6 de agosto de 2003, por exemplo, os principais jornais *on line* nacionais divulgaram quase que simultaneamente, com diferenças de dois ou três minutos, a morte do jornalista e presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho. Na Capital, os *sites* regionais acompanharam as publicações e redigiram,

apontando a fonte de onde partiu a informação, a mesma notícia. O inusitado, e que exemplifica essa discussão, é que o **Campo Grande News** inseriu a nota cujo título foi **“Roberto Marinho Morre aos 98 anos no Rio de Janeiro”** – 6 de agosto de 2003, 20h35, uma hora antes da morte oficial do jornalista, mesmo descontando a diferença de uma hora inteira do fuso horário de Mato Grosso do Sul com relação ao horário de Brasília. Conforme os demais jornais *on line* nacionais e regionais – incluindo o **Mídia Max News**, que inseriu a nota **“Jornalista Roberto Marinho morre no Rio de Janeiro”** às 22h40, e depois, às 22h47, uma matéria especial do jornal Folha *On line* **“Roberto Marinho morre aos 98 anos no Rio”**, que trouxe um apanhado da cobertura sobre o caso – soube-se que o jornalista: **“morreu às 22h30”** conforme Boletim Médico.

Exemplo:



Figura 6: Acesso dia 19/12/2006 às 13h52

Na intenção de ser o mais rápido, o **Campo Grande News** acabou manipulando o tempo, tanto do texto, quanto do sistema que permite a inserção, e criou um equívoco sério do ponto de vista da Técnica de Reportagem, hilário do ponto de vista dos bastidores da profissão, e comprometedor enquanto construção

de sentido e cumprimento de contratos entre os sujeitos da enunciação do ponto de vista semiótico. De qualquer maneira o fato deixa evidente, no contexto da discussão deste estudo, que a construção do discurso é uma artimanha em todos os textos, e no caso do Tempo, que é o que se discute aqui, acompanha também as publicações que têm como alicerce o “tempo real”.

Em outras palavras, que o Tempo, assim como a Pessoa e o Espaço são parte da construção do enunciador não há dúvidas, mas como semiótica defende, é preciso que essa construção seja partilhada entre as partes envolvidas no enunciado, caso contrário, há uma desconstrução do discurso que leva a uma sanção negativa e não efetiva, ou seja, não há uma comunicação no sentido de partilhar conhecimentos porque o discurso se apresenta como Mentiroso – *parece, mas não é*. “Partindo do princípio que de que todo o discurso procura persuadir seu destinatário de que é *verdadeiro* (ou falso), os mecanismos discursivos têm, em última análise, por finalidade criar a ilusão de verdade” (BARROS, 2005a, p. 55).

3.4 Um modo de construção da temporalidade

Alguns pontos já foram descritos na tentativa de teorizar sobre como o jornal usa recursos discursivos, ou de *webdesign*, para controlar o efeito de atualização do seu discurso. Cabe aqui avançar um pouco mais com o objetivo de esmiuçar o problema semioticamente. Inclusive é na tentativa de semiotizar essa descrição que se esbarra no primeiro obstáculo: a metalinguagem. O termo “Atualizar”, embora aplicado aqui no âmbito jornalístico e com base também no dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, no propósito de tornar novo, acrescentar elementos ou informações, enfim, informar-se sobre acontecimentos recentes, já integra a terminologia da teoria semiótica francesa em outro sentido. O conceito de “atualização” nessa linha teórica pertence às modalizações do sujeito, modos de existência que alteram seus estados passionais²³. Ou seja, para evitar equívocos e confusões teóricas, em se tratando de discussões semióticas, será adotado de agora em diante o conceito de Presentificação para explicitar os recurso de ordem

²³ Em geral a semiótica francesa trabalha com três categorias de modalização do sujeito: o sujeito Virtualizado (não conjunto) – tem o *querer* ou o *dever*, mas não realiza a ação porque não detém o *poder* e/ou o *saber* -, o sujeito Atualizado (disjunto) – aquele que *pode* ou *sabe*, mas ainda não realiza a ação – e o sujeito Realizado (conjunto) – que *quer* e *faz*. Fontanille e Zilberberg (2001) propõem um remanejamento dessa acepção lingüística e criam mais uma etapa de transformação do sujeito, o Potencializado, que chamam de não conjunto, que não *quer* ou *deve* ainda.

temporal que o jornal *on line* usar para criar essa sensação de um presente durativo, longo.

O termo não está catalogado no Dicionário de Semiótica de Greimas e Courtés e foi escolhido porque substitui com eficácia o sentido ordinário de “Atualização” e agrega o conceito de Tempo Presente, alicerce de todo o simulacro discursivo do jornalismo na *web*. “Presentificar”, nessa proposta, será tornar presente, parecer estar no presente, ora compartilhado ora em descompasso entre o enunciador e enunciatário, mas sempre como uma meta desse meio de comunicação. Neste sentido, como já havia atentado anteriormente, propõe-se a utilização do termo “Presentificar” a título de não promover mais desacordos de valores. “Presentificar” aqui será um modo de ampliar essa sensação de presente e torná-lo, ao mesmo tempo, pontual. Um texto presentificado é um texto em que o presente apresenta-se mais longo que as frações de milésimos de segundo que ele poderia, de forma abstrata, ser fracionado.

No âmbito do jornal, é aquele recurso²⁴ que vai assegurar a este uma marca de agilidade e de rapidez; um processo sensorial inconsciente de estar vivendo, por meio da leitura, um presente que se estende e inova-se em dois estímulos: num Tempo Extensivo, no sentido de que sua duração é estendida e pode ser mantida com um certo grau de ineditismo por um período mais longo (Momento de Referência mais longo que o Momento de Enunciação e concomitante com o Momento do Acontecimento²⁵); e num Tempo Intensivo na forma como organiza sua distribuição espacial, criando uma agilidade pela ancoragem com o Momento de Enunciação – hora de inserção na nota - e com o Momento do Acontecimento – hora apresentada no conteúdo da matéria.

Neste último processo a distribuição de uma matéria abaixo da outra, sempre acompanhada do horário de inserção permite ao enunciatário acompanhar cada nova apuração do jornal, ou seja, o tempo de duração de sua existência presente é duração curta. Como no caso do **Campo Grande News** a média de horário de inserção é de 5 minutos – com alguns casos de inserções simultâneas de duas a três notas – quem busca informações neste veículo parece estar nesse mesmo intervalo conhecendo as novidades.

²⁴ Alguns desses recursos já discutidos nas páginas acima desse artigo com o antigo conceito de atualização, e outros que serão apresentados adiante.

²⁵ Vale lembrar que o Momento do Acontecimento não pode ser confundido com o Momento Real, porque também se trata de um simulacro.

Pela Presentificação o enunciador quer *fazer-criar* que o enunciatário partilha com ele o mesmo Momento do Acontecimento, por meio do Momento da Enunciação. Para isso, conforme explica Fiorin (2005c) com base nos estudos de Benveniste, é preciso entender que, no tempo lingüístico, o Presente apresenta-se em contemporaneidade com o evento narrado e o momento da enunciação, ainda que reinventado cada vez que o enunciador enuncia. O “agora” da enunciação é articulado em Concomitância x Não Concomitância em relação ao Momento de Referência da enunciação. A não Concomitância ainda se divide em Anterioridade x Posterioridade. Assim criam-se os três tempos-base: Presente (concomitância com o tempo da enunciação), Passado (anterioridade com relação ao momento da enunciação), e Futuro (posterioridade em relação ao momento da enunciação). Fiorin lembra que o enunciador admite o tempo do enunciatário como o seu tempo também e com isso cria uma interação lingüística.

Assim o tempo lingüístico independe do tempo cronológico, ainda que em alguns momentos a ancoragem com este permita o entendimento do hoje, agora, amanhã de um texto qualquer, o que no jornalismo na rede garante uma temporalidade extensa, particularmente no sentido de “agora” da enunciação. O tempo, nesse sentido, tem como característica ordenar estados e transformações no texto, mostrando quais são anteriores e posteriores em relação ao presente implícito na enunciação.

Se o *agora* é gerado pelo ato de linguagem, desloca-se ao longo do fio do discurso permanecendo sempre agora. [...] O momento que indica a concomitância entre a narração e o narrado permanece ao longo do discurso e, por isso, é um olhar do narrador sobre o transcurso (FIORIN, 2005c, p. 143).

A concomitância ou não com este momento e o efeito de maior ou menor simultaneidade entre eles é notada conforme a posição do enunciatário frente ao produto. O narrador narra como se estivesse sempre no presente. É a partir daí que quem lê vai posicionar-se como presente, passado ou futuro uma experiência particular em si. O jornal pode escolher em enunciar um fato que foi, será, é ou está sendo. No caso do *on line* a tentativa é trabalhar com as duas últimas possibilidades, para não parecer estar atrasado, ou ainda com o futuro, para se mostrar mais ágil que a própria “realidade”.

Na tentativa de neutralidade, de mostrar o tempo discursivo como parte do tempo recordado do “mundo natural”, o jornal parece fazer o enunciatário sentir-se parte do acontecimento, como se partilhasse das emoções do repórter e dos próprios envolvidos na reportagem, como se estivesse no local, se não no seu espaço, pelo menos ao mesmo tempo; ainda que o “aqui” do repórter não seja o “aqui” do editor e menos ainda o “aqui” do leitor. Sabendo disso, a mídia tenta organizar seu enunciado afim de que espaços sejam congelados pelo tempo e com isso criem uma sensação de presença, um lugar comum com o leitor, já que não há uma demarcação clara de espaço enunciado e espaço onde se dá a enunciação. Esse recurso é mais bem visualizado em matérias assinadas em dupla.

Nessas notas, um repórter está no local da cobertura e repassa as informações para outro, por meio de telefone, na Redação. A matéria é assinada em parceria, mas não fica claro, uma vez que não se esclarece quem é o redator e de quem é a apuração na matéria, de onde se está falando, quem é o seu enunciador primeiro já que o espaço apresenta-se virtualizado. O mesmo recurso de neutralidade espacial mostra-se em notas produzidas pelo que Polyana Ferrari (2004) chamou de “empacotamento”, ou seja, aquelas notas que o jornal apura tendo como base informações já publicadas em outros meios de comunicação, seja TV, Rádio ou mesmo outro *site* noticioso. No **Campo Grande News** esse tipo de apuração tem como padrão a reedição do material seguido da expressão “com informações do...”. O termo “com informações de”, além de não dar uma noção exata do momento da inserção da nota no *site* que serviu de fonte da informação, isenta o *site* das questões referentes às responsabilidades pelo que está publicado. Como a discussão aqui é sobre a questão tempo/espaço deixa-se o tema da credibilidade para outra ocasião e atém-se à primeira reflexão, ou seja, um espaço neutralizado que cria um efeito de algo que acontece num momento próximo.

Exemplo:

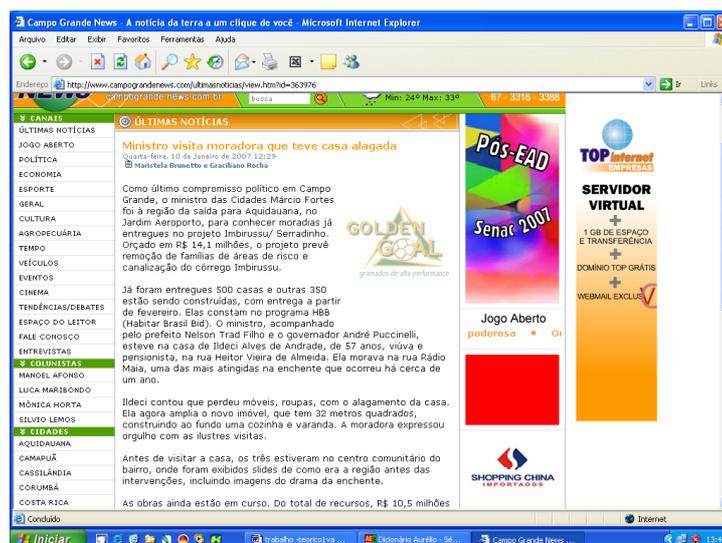


Figura 7: Apuração em parceria, *internauta* não tem certo o espaço da enunciação e sente-se parte integrante do discurso, porque acompanha o relato pelos olhos de alguém que está no local do acontecimento. Acesso dia 19/12/2006 às 13h59

No jornal *on line* esse entendimento de presentificação vai reafirmar uma sensação de presente da continuidade e de presente pontual. No âmbito dessa reflexão o estudo do *site Campo Grande News* serve de alusão para mostrar como esse veículo, e outros no mesmo formato, usam estratégias de distribuição espacial, de escolha dos tempos e modos verbais e da distribuição das matérias para alcançar essa integração. Semioticamente o jornal propõe essa partilha, esse *fazer-criar*. Na verdade este meio de comunicação tenta alcançar este objetivo – produção, inserção e recepção concomitantes – desprezando que cada uma dessas etapas pressupõe um certo período de apuração e buscando marcas lingüísticas com advérbios de tempo, por exemplo, para confirmá-lo. É o uso do “agora”, “neste momento”, “acaba de acontecer”, “neste instante” etc. Esse sentido de “apreensão”, de “compartilhamento”, segundo Fechine de Brito (2001):

[...] é própria aos enunciados cujo sentido é determinado, antes, pelas condições que cercam seu próprio ato de enunciação. Ou seja, o que se produz numa configuração como esta é um tipo de enunciado cuja configuração está condicionada à duração do seu próprio ato de enunciação (p. 34).

Numa perspectiva jornalística, essa realização do enunciado corresponderia ao próprio modelo de produção do texto jornalístico da *web*. No *site* analisado esse conceito poderia ser organizado, entre outras características com a:

- colocação em funcionamento de recursos temporais da língua culta, dêiticos e advérbios que dêem noção de passagem das horas;
- construção do texto em debreagem enunciativa, que representa uma imparcialidade na apuração e, por consequência das próprias características desse recurso, sem melindres ou rodeios da apresentação pessoal, portanto mais objetiva e rápida;
- uso do lead²⁶, que inicia já no primeiro parágrafo com o ápice da história e com isso se mostra ligeiro no esclarecimento dos fatos (sem perda de tempo e coerente com a leitura atual, particularmente como leitor de *Internet*, definido por Hernandez (2005) como “um sujeito nervoso”;
- escolha de títulos mais impactantes e atemporais, que podem permanecer como novidade por mais tempo na página;
- apresentação das notas acompanhadas do horário de inserção, mostrando ao leitor a apuração meteórica e enfatizando a eficiência do veículo em relação aos demais;
- a extensão do tempo presente nas matérias das chamadas, que não explicitam o seu horário de inserção, garantido uma presentificação contínua;
- partilha de apuração das matérias, deixando subentendido que um repórter está no local no momento do acontecimento no momento da enunciação e com isso pode dividir com o leitor emoções do fato e a sensação de viver aquilo enquanto acontece;
- distribuição de notas por tempo e não por assuntos, mostrando que o mais importante é que está acontecendo agora e ofuscando uma possível repetição de temas em detrimento de outros;
- distribuição do conteúdo geral do *site*, as “últimas notícias”, que incluem, inclusive, as chamadas e as capas em linha reta, uma embaixo da outra,

²⁶ Conforme o Manual de Redação do jornal Folha de São Paulo (2001, p. 28-29) “o lide tem por objetivo introduzir o leitor na reportagem e despertar seu interesse pelo texto já nas linhas iniciais”, e resume neste núcleo “[...] a idéia mais significativa de um debate, o aspecto mais curioso ou polêmico de um evento ou a declaração de maior impacto ou originalidade de um personagem. Imprescindível à valorização da reportagem e útil à dinâmica da leitura contemporânea”.

formando uma espécie de escada, que na visualização ampla da *homepage* dá uma impressão de muitas notas;

- antecipação dos acontecimentos, que funciona como uma grande agenda de coisas que ainda devem acontecer e mostram que o jornal é ágil e sabe das coisas;
- empacotamento de conteúdos retirados de outras agências mostrando que o *internauta* não tem tempo a perder com outras navegações e pode obter todo o conhecimento necessário rapidamente na página em que se encontra;
- fragmentação do conteúdo publicado, que fornece uma sensação de grande fluxo de conteúdo, ainda que com poucas novidades, fazendo com quem navega sinta-se em constante aquisição de saberes em intervalos cada vez mais curtos de tempo, como se acontecessem em escalada.

E, no caso no novo *layout* da página do **Campo Grande News** um recurso acrescido é o investimento no Movimento. A nova versão da apresentação da *homepage*, além das já adotadas “Chamadas” que corriam no alto da página, traz outras novidades que usam da mesma ferramenta. A Capa sobrepõe-se de três a sete opções que mudam em segundos e as colunas de opinião também integram uma caixa com pequenos títulos em movimento. O movimento favorece a sensação de aceleração, das horas passando, das coisas acontecendo, do tempo fracionado em mais e mais instantes. No caso da Capa deste *site*, por meio de três caixas abaixo das informações, que recebem a indicação “Recuar”, “Parar” e “Avançar” o leitor pode controlar a mudança de uma manchete e outra. Assim, ele se sente controlando sua própria velocidade de atualização. Esse recurso coloca no leitor a responsabilidade de ser o mais rápido, não no jornal, que se mostra como muito ágil. É como se dissesse: “você pode esperar mais um minuto para conhecer o que está acontecendo, o seu jornal não”. O próprio slogan da empresa propõe isso: “a informação de Mato Grosso do Sul em um só clique”, ou seja, do seu clique, da sua rapidez.

É inútil, portanto, na tentativa de convencer-nos, de retornar até Copérnico e Galileu. Ou, ainda, de retomar Einstein e Niels Bohr para concluir que, em matéria de temporalidade, *o tempo não é mais inteiro*, mas indefinidamente fracionado em quantos instantes, instantaneidades, quanto permitem as técnicas de comunicação e de telecomunicação (VIRÍLIO, 1999, p. 02).

Ao propor esse conceito de “Presentificação”, além do que já foi apresentado até aqui, particularmente, na tentativa de mostrar como o jornal quer dar-se a conhecer sempre como um veículo com informações novas (muito novas), acredito que o termo também dialoga com a dualidade Presente/Futuro, trazendo esse raciocínio para o jornalismo na *web*, o discurso usa a criação da expectativa para não se mostrar obsoleto na mesma rapidez com que se propõe atual, uma vez que à medida que uma nota entra no sistema, ela já ocupa uma posição de última, ou seja, uma nova deve tomar o seu lugar. Com o uso do futuro, ou, pelo menos uma expectativa deste, por mais incerta que seja, no texto vai garantir uma “Presentificação” maior; afinal, se isso ainda vai acontecer, quando narro a previsão é o que se mantém presente.

De maneira simplificada seria dizer que o jornal mantém-se atual conforme presume sobre as possibilidades do presente, e depois confirma ou ignora. Só para exemplificar, no dia 23 de janeiro de 2007, das 00h19, quando foi inserida a primeira nota do dia até às 9h16, das 29 matérias publicadas, 19 falavam do futuro, seja na antecipação de fatos que aconteceriam nos próximos dias – **Termina amanhã penúltima etapa para matrícula no Estado, 07h15** – seja sobre agenda para o outro mês – **lagro inicia vacinação contra a aftosa em fevereiro, 00h19** -, no uso de tempos verbais – **Encontro irá discutir regularização de recursos da saúde, 02h15** - ou em especulação – **Pacote do governo deve reduzir limite do auxílio-doença, 07h55**.

Desta forma, o jornal mantém-se atual não falando do presente, mas do que há por vir, do que pode acontecer, ampliando sua presentificação. Ao mesmo tempo mostra-se como um bom conhecedor das novidades e nesta lógica o “intermediário certo” entre os acontecimentos e o leitor.

Exemplo:

Visualizar impressão

Imprimir... 75% Ajuda Fechar

Página 1 de 3

Campo Grande News - A notícia da terra a um clique de você

Página 1 de 3

REALIZE SEU SONHO ! Ensino Superior de qualidade com parcelas iniciais a partir de **51,80?**

Brasil e Bolívia discutem reajuste do gás dia 14

campo grande NEWS campo grande news.com.br Min: 24° Max: 32°

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

JOGO ABERTO

09:16 - Quem entrar na Justiça recebe salário depois, diz André

09:14 - André insistirá em projetos que ficaram de fora do PAC

09:01 - Jéerson e Akira disputam apoio de André no voto secreto

08:55 - Delegacias de Polícia Civil têm novos titulares

08:44 - Erosão volta a causar transtorno em trecho da MS-295

08:29 - Brasil e Bolívia discutem reajuste do gás dia 14

08:23 - Capital pode terminar janeiro com 6.000 casos de dengue

08:10 - Dengue: no meio da epidemia, municípios recebem fumacê

07:55 - Pacote do governo deve reduzir limite do auxílio-doença

07:54 - Concurso de fantasia recebe inscrição até 2 de fevereiro

07:40 - Apreendidos 43,8 quilos de maconha na BR-163; 3 presos

07:22 - Jovem preso com cocaína que seria distribuída em SP

07:15 - Termina amanhã penúltima etapa para matrícula no Estado

07:00 - Prazo de matrículas da UFMS começa em fevereiro

06:42 - Preso traficante que vendia drogas em capas de CD e DVD

06:26 - Oficinas de férias do MARCO começam nesta terça-feira

06:10 - Aeroporto Internacional da Capital opera sem restrições

05:59 - Deve chover forte no Norte e Nordeste do MS nesta terça

05:21 - Dourados: concurso para Secretaria de Assistência Social

04:54 - Capital terá campeonato de Xadrez neste final de semana

04:23 - Documentário sobre as águas no Pantanal estréia na sexta

03:50 - Troca de Comando da Capitania Fluvial acontece dia 31

03:17 - MS participará de leilão da Conab de 248 mil t de milho

02:50 - Lei prevê inelegibilidade a políticos que renunciarem

02:15 - Encontro irá discutir regularização de recursos da saúde

01:48 - Corumbá: Premiação da Corte de Momo totalizará R\$ 3 mil

01:16 - Aquidauana inaugura novo prédio da Cassems na sexta

00:52 - Polícia detém jovem de 14 anos com droga em escola

00:19 - Iagro inicia vacinação contra a aftosa em fevereiro

22/01/2007

23:53 - Abertas inscrições para residência médico-veterinária

23:31 - Capital recebe show de César Menotti & Fabiano em março

23:12 - Futsal: Corumbá terá curso para formar árbitros em maio

22:54 - Enade: Ausência pode ser justificada até o dia 31

22:32 - Demora na entrega de documentos adia reunião da Série B

22:13 - Maracaju sedia edição do maior evento tecnológico de MS

Figura 8: Fluxo das notas: das 29 inseridas no período, 19 tem como foco o futuro. Acesso em 23/01/2007 às 9h30

Por fim, mesmo com tudo isso que foi apresentado até agora na tentativa de descrever os recursos de temporalidade no site, é preciso lembrar que ele não garante o tempo real, já que nessas condições, nunca será um texto em ato, ainda

que guarde a sensação de um conteúdo fazendo-se. É um *fazer crer*²⁷ que quer levar a um *fazer-fazer*, criar uma fidelização do *internauta* com o veículo, uma satisfação. Na semiótica não dá para mensurar se conseguem este objetivo com êxito, mas parece ser um discurso bem sucedido à medida que, conforme Maciel (2005, p.32) “[...] de segunda-feira à sexta-feira a média de acessos ao *site* é de 2,5 milhões”, ou seja, um discurso que, pelo número de acessos, mostra-se eficaz.

²⁷ Os termos *fazer crer* e *fazer fazer* integram a metalinguagem referente as modalizações do ser no nível narrativo do simulacro metodológico de Greimas. Os termos serão melhor explicados no capítulo que segue, com a análise. Para saber mais sobre o assunto ler BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática, 2005.

CAPÍTULO IV

COBERTURA DAS REBELIÕES EM “TEMPO REAL”: ANÁLISE

*“Vivemos num tempo maluco em que a informação é tão rápida que exige explicação instantânea e tão superficial que qualquer explicação serve”
(Luis Fernando Veríssimo)*

A análise que segue sobre a cobertura *on line* do **CGNews**²⁸ referente às rebeliões promovidas pelo PCC em quatro presídios de Mato Grosso do Sul apresenta-se com um ‘modelo’ para uma série de outras reflexões sobre a influência do tempo e sua construção de sentido numa mídia que quer ser atual numa fração de segundos que simule o “tempo real”. O conjunto de notas publicadas servirá como um fragmento representativo para demonstrar alguns modos de textualização na abordagem do assunto e o reflexo que esta proposta de produção veloz acarreta no discurso midiático.

O estudo será apresentado em camadas, como propõe o simulacro metodológico de Greimas, o Percurso Gerativo de Sentido²⁹, uma ferramenta que oferece subsídios para construir-se o sentido do texto, partindo de suas oposições semânticas básicas, o chamado Nível Fundamental; passando, ainda, pelo Nível Narrativo, em que se dão as mudanças de estado do sujeito e os estabelecimentos e rupturas de contrato; e, por fim, o conteúdo revela-se no Nível Discursivo, quando são articuladas as Pessoas, os Tempos e os Espaços da enunciação e os efeitos que eles conjugam. Embora na proposta do pensador lituano o percurso parta dos conceitos mais abstratos para alcançar os mais concretos, a ordem de investigação não é algo estático para a teoria e pode ser adaptada conforme as necessidades do objeto, a relevância para o estudo e o objetivo do investigador. Nesta dissertação,

²⁸ Infelizmente não foi possível localizar as “manchetes” na página inicial do **CGNews**, porque o jornal, em seu sistema de busca, permite, apenas, um arquivo por títulos e não por disposição na página. Para a análise deste trabalho acredito ser suficiente, uma vez que os recursos de *webdesign* repetem-se e não foram diferentes neste corpus. Por outro lado, a não preocupação do jornal em manter suas “capas” no sistema de busca, confirma a efemeridade do veículo, já que estas são substituídas, como já vimos nos capítulos anteriores, em fração de segundos.

²⁹ O Plano de Expressão não integra o Percurso Gerativo de Sentido, mas possui ferramentas metodológicas que ajudam a chegar ao entendimento profundo de informações algumas vezes complexas, com figurantes plásticos e figurativos. A descrição dessa etapa pode ser vista no capítulo II, quando foram apresentadas as relações do suporte e a construção do ethos do jornal.

como as discussões de tempo e seu reflexo na mídia remetem substancialmente para o Discurso, o primeiro nível analisado será o Nível Discursivo, o terceiro da escala greimasiana.

A apresentação dos fatos, nota a nota, será analisada no conjunto da Cobertura, que, como já foi dito no Capítulo I, pode ser vista como um texto pela Semiótica por agregar duas ou mais linguagens. A opção representa uma maneira de captar o sentido integral do discurso do **CGNews** sobre o ocorrido, uma vez que numa mídia *on line*, diferente de uma publicação impressa, por exemplo, o discurso vai sendo construído em partes, na fragmentação das informações, e não em uma grande reportagem que traria todas as notícias já apuradas.

No somatório dos três dias que compõem a cobertura – 13, 14 e 15 de maio de 2006 – o **CGNews** publicou 108 notas sobre o tema, sendo 6 no dia 13 de maio, quando apenas especulava-se sobre a ação; 52 no dia da ação propriamente dita, 14 de maio; e 50 no dia seguinte, quando a polícia conseguiu controlar a rebelião. O assunto recebeu atenção de aproximadamente 95% do jornal no dia se comparado à média diária de publicação.

Títulos publicados³⁰:

Dia 13 de maio de 2006
08h20 Em SP, ataques a carros e bases da PM matam 14 policiais
10h31 Chega a 21 número de mortes em ataques à PM de SP
12h17 PCC mata policiais e promove rebeliões em São Paulo
13h12 Agepen reforça segurança em presídios do Estado
16h13 PM do Estado está em alerta devido represálias do PCC
21h50 PCC já matou pelo menos 32 pessoas em 24h em SP

Dia 14 de maio de 2006
07h53 Criminosos do PCC já mataram 32 desde sexta-feira em SP
10h36 Rebeliões em São Paulo têm pelo menos 132 reféns
11h10 Mães de presos: amor incondicional e resignação
11h40 Presídio de Segurança Máxima enfrenta rebelião
11h55 Desespero toma conta de familiares no Segurança Máxima
12h01 Presídio é cercado; há suspeita de reféns no local

³⁰ O sistema de busca do **CGNews** não permite ter acesso a todas as matérias publicadas por data. A busca por data está vinculada diretamente a um assunto. Nesta pesquisa foram usadas as palavras “Rebelião”, “PCC” e “Presídio” para chegar ao montante de notas que compõe esta cobertura. O texto dos títulos foi mantido na íntegra, como foram publicados no sistema, ainda que apresentem problemas de padronização à norma culta da língua.

12h12 Detentos fazem quatro agentes reféns na Máxima
12h15 Penitenciária de Dourados também enfrenta rebelião
12h18 Presos também se rebelam no presídio de Corumbá
12h22 Detentos de Três Lagoas iniciam rebelião em presídio
12h32 Quatro presídios de MS tem rebeliões simultâneas
12h36 Três agentes penitenciários são reféns em Dourados
12h42 Rebelião teria provocado 6 mortes, dizem familiares
12h45 Rebelião: policiais isolam área do presídio de Corumbá
12h50 Parentes de presos começam a ser liberados da Máxima
13h01 Agepen atribui a facção criminosa rebeliões em MS
13h08 Telles foi avisado sobre motim, diz sindicato
13h08 Em Ponta Porá, clima também é tenso em presídio
13h10 Gestante era mantida como refém no Presídio de Corumbá
13h23 Bombeiros confirmam quatro mortos em presídio
13h28 Presos fazem reivindicações à imprensa em Corumbá
13h41 Presos estendem bandeira da facção criminosa na Máxima
13h41 Motim teria sido orientado por detentos em São Paulo
13h43 Detentos são transferidos para Presídio Militar
14h10 Grávida que era feita refém foi liberada em Dourados
14h22 Ala onde motim começou tinha só 3 agentes, diz sindicato
15h03 Sem visita, motim poderia ser melhor controlado, diz PM
15h14 Áreas próximas a unidades da Polícia isoladas em Corumbá
15h41 Mais de cem PMs estão no Presídio de Três Lagoas
15h43 Rebeliões em 4 presídios em MS já duram mais de 4 horas
16h16 Máxima: Detento tenta fugir e é contido pela polícia
16h30 Identificado um dos agentes mantidos reféns na Máxima
16h35 Número de reféns em presídio não passa de 15, diz Raufi
16h40 Identificados reféns no presídio de Dourados
16h47 Em Corumbá, oito pessoas são liberadas de presídio
16h49 Água e luz são cortadas no presídio de Corumbá
17h10 Autoridades não cederam a pressões de presos, diz a PM
17h32 Penitenciárias onde há motins estão superlotadas em MS
17h39 Detentos ocupam mais um prédio no presídio da Capital
17h51 Cipmac fecha 8 bares perto da rodoviária de Campo Grande
18h34 Comandante fala em "vínculo de confiança" com amotinados"
19h07 Rotai de Aquidauana envia policiais para a Máxima
19h10 Mais 2 reféns são liberados de rebelião em Corumbá
19h12 Polícia de Naviraí está em estado de alerta
19h21 PM diz que não há mortos no presídio de Campo Grande
19h35 Polícia pede para que imprensa saia de dentro da Máxima
20h25 Presos da Capital e de Dourados suspendem negociação
21h00 Polícia estima que mil presos participem de rebelião
21h03 Raufi diz que situação nos presídios foi normalizada
22h22 Já chega a 14 o total de bares fechados hoje pela Cipmac
22h40 Domingo de caos em presídios das maiores cidades de MS
23h52 Rebeliões também atingem quatro municípios do Paraná

Dia 15 de maio de 2006	
00h02	Preso tenta fugir da Máxima e clima volta a ficar tenso
00h30	Garras chega e clima na Máxima volta a ficar tranquilo
01h34	Rebelião continua em Três Lagoas; não há negociação
02h05	Detento diz que dois internos foram mortos em rebelião
02h45	Rebelião de SP também atinge complexo da Febem
03h13	Em Dourados, situação é considerada calma pela PM
03h50	Mais um preso foge da rebelião e se entrega à polícia
04h30	Agentes retidos no pátio e parentes em celas na Máxima
05h39	Outro detento se entrega à PM, mais de 40 transferidos
05h42	Negociação com presos deve ser retomada às 8h na Capital
05h48	Identificado preso que teria sido morto em rebelião
06h51	Rebelião segue para o segundo dia em presídio de MS
06h59	Três visitantes são liberadas de presídio na Capital
07h14	Agente é liberado de presídio e visitas continuam saindo
07h27	Crianças e mulheres são liberadas de presídio na Capital
07h30	Comandante da PM diz que pelo menos três presos morreram
07h50	Presos pedem transferência de comando do PCC em SP
07h56	Zeca e cúpula da segurança discutem crise nos presídios
07h59	Defensor público chega ao presídio masculino de Corumbá
08h10	Comandante diz que detento confirmou 4 mortes em prisão
08h16	PM considera libertações avanço e não vai invadir prisão
08h21	Presos encerram rebelião em Corumbá e voltam às celas
08h52	Presos já libertaram 111 adultos e 51 crianças
09h21	Presos de Dourados começam a liberar visitantes
09h34	Segurança Máxima tem 55 adultos e 12 crianças retidos
10h10	Detentos exibem cabeça de presidiário assassinado
10h11	Em Dourados presos liberam 81 adultos e 42 crianças
10h20	Detentos esperariam ordem de SP para encerrar motins
10h40	Cúpula da Segurança Máxima está reunida para avaliar crise
11h21	Raufi acredita em fim de rebeliões até o fim da tarde
11h24	Dois presos feridos são retirados do Segurança Máxima
11h36	Telefônicas estudam como bloquear celular em presídios
13h33	Na Máxima, mais um detento teria sido decapitado
14h27	Dourados: Transferência de presos pode encerrar motim
15h10	Encerrado pente-fino em celas do presídio de Corumbá
15h21	Cem policiais chegam para reforçar pente-fino na Máxima
15h59	Raufi minimiza gravidade da crise nos presídios
16h02	Famílias de presos cobram lista de feridos na Máxima
16h08	PM dá ultimato para presos de Dourados liberarem reféns
16h10	Em Corumbá, 6 celulares foram apreendidos em presídio
16h13	Secretário vai a Brasília pedir recursos para presídio
16h20	Após rebelião, deputado faz visita a presídio da Capital
16h46	Tumulto atrasa fim de rebelião em presídio de Dourados
17h15	Após quase 29 horas, rebelião em Dourados chega ao fim
17h23	Após 29 horas, presos encerram todas as rebeliões em MS
17h51	Dois agentes e três presos permanecem na Santa Casa
18h37	Em Ponta Porã, presos se recusam a voltar às celas

18h51 Na Máxima, 300 PM's presos auxiliam na segurança interna
20h56 Varredura da PM confirma apenas uma morte na Máxima
22h57 Onda de ataques já soma 94 mortes em SP

4.1 Nível Discursivo

Estudar o Nível Discursivo na semiótica greimasiana é levar a análise para a etapa mais concreta e enriquecida das camadas do Percurso Gerativo de Sentido. É onde se costuma dizer que se descobre o objetivo do texto. O conceito de “concreto”, nesta situação, pode ser mais bem entendido à medida que o analista percebe evidências materiais no texto que o levam a alcançar o efeito buscado na produção de uma enunciação qualquer. Essa materialidade pode ser encontrada nos estudos do Tempo, Espaço e Pessoa da enunciação.

Conforme Fiorin (2005c), a enunciação pode ser definida, de forma sucinta, como “ato de produzir enunciados”, e estes, por sua vez, seriam uma realização lingüística concreta. Para ser chegar ao enunciado, quem produz o texto faz uso de elementos lingüísticos que apontam os participantes de comunicação (ex. Eu, Tu); os marcadores de Espaço (advérbios de lugar, pronomes demonstrativos, etc) e marcadores de Tempo (ex. agora, hoje, ontem).

A escolha desses recursos não é vista pelo semioticista como uma ação espontânea, mas com uma intenção do enunciador. Assim, não cabe ao analista uma mera descrição desses recursos, mas saber o que eles criam de sentido e o que esperam dessa construção a cada texto. A escolha de um Tempo ou Modo verbal em uma matéria de jornal pode ser diferente num poema, música ou crônica, ainda que se trate do mesmo verbo em Modo e Tempo. Ou seja, a descrição permite uma visão objetiva das funções que esses recursos podem exercer numa enunciação, mas os seus sentidos só podem ser apreendidos dentro do corpo de cada objeto.

Sendo assim, vale saber que as rebeliões narradas nas matérias que compõem este estudo aconteceram efetivamente em 14 de maio de 2006, ainda que a especulação sobre a possível mobilização já ganhasse espaço na mídia no dia anterior. Além de Campo Grande, os rebelados, acatando determinação do PCC (Primeiro Comando da Capital), facção criminosa nascida nos presídios de São

Paulo, com fortes ramificações no Estado, chegaram às penitenciárias de Três Lagoas, Dourados e Corumbá.

No dia anterior à ação, 13 de maio de 2006, quem acessou o **CGNews** ficou sabendo, logo pela manhã, às 8h20, que em São Paulo uma série de rebeliões matou policiais, inclusive à paisana – **Em SP, ataques a carros e bases da PM matam 14 policiais**. A nota não trazia nenhuma indicação que ação semelhante poder-se-ia repetir em Mato Grosso do Sul, mas já representava uma mudança significativa na postura do jornal, que não costuma publicar notícias de cunho nacional em seu espaço na *web*. Quatro horas depois, mais uma nota de cunho nacional entra no espaço virtual do *site*: **PCC mata policiais e promove rebeliões em SP (12h17)**. A matéria é uma complementação da anterior, com apuração de dados atualizados, mesmo assim continua sem referência a Mato Grosso do Sul. Uma hora e vinte e cinco minutos depois as notas justificam-se. O jornal coloca no ar o seguinte título: **Agepen reforça segurança nos presídios do Estado**. No resto do dia mais três matérias tratavam do assunto, duas regionais – **PM do Estado está em alerta devido represálias do PCC (16h13)**, e **Agentes do 7º DP recebem suposta ameaça do PCC (20h44)** –, e outra nacional, com um balanço do número de policiais mortos nas 24 horas em São Paulo – **PCC já matou pelo menos 32 pessoas em 24 h em SP (21h50)**.

No dia seguinte, quando a movimentação iniciou, as ações nesses presídios chegaram ao conhecimento do leitor do **CGNews** às 11h40, com o título **Presídio de Segurança Máxima enfrenta rebelião**. Como o *site* vinha acompanhando o noticiário nacional desde o dia anterior, o leitor que naquela manhã não tivesse navegado em outras páginas, saberia que ações semelhantes aconteciam, antes, em São Paulo. Uma postura semelhante ao *site* concorrente, **MídiamaxNews**, que pela manhã já havia anunciado a movimentação policial de forma preventiva. Às 8h53 este jornal inseriu em sua *homepage* uma nota sobre o fato de os policiais estarem com coletes à prova de balas na cidade, com medo de possíveis ações da facção criminosa – **Policiais da Capital usam coletes após ação do PCC em SP (8h53)** e **Agepen reforça segurança em presídios após ataques do PCC (11h34)**. Mesmo acompanhando a movimentação de perto, o **MídiamaxNews** só noticiou a rebelião às 12h05, ou seja, 25 minutos mais tarde que o **CGNews**. Para não evidenciar o atraso, manteve um recurso de linguagem que já aparecia na notícia

inicial do *site* concorrente, o “agora há pouco”, para delimitar o início da ação e confirmar, como efeito de sentido, que o *site* está atualizado.

Trechos transcritos das primeiras notícias sobre a rebelião:

³¹ **CGNews – Domingo, 14 de maio de 2006, 11h40**

“Começou, *agora há pouco*, uma rebelião no Estabelecimento Penal de Segurança Máxima de Campo Grande”

MidiamaxNews - Domingo, 14 de maio de 2006, 12h05

“Os internos do presídio de Segurança Máxima de Campo Grande iniciaram *agora há pouco* uma rebelião”

Em jornalismo e, particularmente, nos ditos meios rápidos, como o Rádio, a TV e as publicações *on line*, o tempo de divulgação é que orienta o trabalho nas Redações, ou seja, é preciso noticiar antes, ser o primeiro. Na mídia impressa, por exemplo, deixar de noticiar um fato é considerado, no jargão jornalístico, “tomar um furo”. Dar uma notícia de primeira mão para qualquer veículo midiático é ser sancionado não apenas com a reputação de eficiente, mas de mais eficiente que os outros. Numa mídia “em tempo real”, o recorte tempo/espço para o entendimento do que seria um furo jornalístico é medido em questão de minutos. Assim, noticiar antes, ainda que seja uma diferença de dois ou três minutos, representa que os outros jornais estão atrasados e, portanto, são menos competentes. Por esse conceito, fica evidente porque as duas notícias de apresentação dos jornais concorrentes trouxeram o “agora há pouco”, um recurso que não dá a noção clara de quando começou, mas cria um efeito de sentido, tanto para o jornal que noticiou antes, quanto àquele que estava “atrasado”, a sensação de que o momento em que acontece está em reciprocidade com o momento da cobertura e, inclusive, da inserção da nota, ou seja, uma presentificação em que o Momento do Acontecimento (MA) é concomitante com o Momento da Enunciação (ME) e

³¹ Os grifos do “agora há pouco” são específicos para este artigo e não se encontram na publicação original dos *sites*.

igualmente simultâneo ao Momento de Referência (MR), sendo assim representado: MA=MR=ME.

O mesmo recurso foi utilizado nas matérias referentes ao encerramento das rebeliões, primeiramente na Capital e por último em todo o Estado. Quando a PM assumiu o controle da situação na Penitenciária de Segurança Máxima da Capital, o **CGNews** manteve o *há pouco*, mesmo sendo o primeiro *site* a publicar o sabido. Com o título **Tropa de choque entra no Segurança Máxima na Capital (12h29)** o *site* manteve-se à frente do concorrente **MídiamaxNews** por 23 segundos. No corpo do texto a seguinte informação: “Há pouco, a Tropa de Choque da Polícia Militar entrou no Estabelecimento Penal de Segurança Máxima”. Neste caso, o **CGNews** fez uso do recurso “agora há pouco” para manter-se presente o maior tempo possível, tendo como ancoragem o próprio momento de inserção no *site*. Se tivesse escolhido colocar o horário exato do término da rebelião no título, por exemplo, rapidamente a nota estaria velha, com sua escolha o efeito de atualidade é garantido pela extensão do tempo presente, que não explicita o seu horário, garantido uma presentificação contínua.

Na nota “balanço” das ações de rebeldes e policiais, quando a crise foi dada por encerrada pelas autoridades e os reféns libertados, o **CGNews** continuou na frente, só que desta vez substituiu o “há pouco” por “após”, que busca uma referência no passado para manter o efeito de “agora”, “neste momento”, “em tempo real”. Às 17h23 o *site* inseriu o seguinte título: **Após 29 horas, presos encerram todas as rebeliões em MS**. Embora o demarcador “após” tenha como referência o passado, a atualidade da informação foi mantida pela continuidade, ou seja, o passado é apenas uma referência para informar o que acontece agora.

Outro recurso lingüístico que garantiu efeito de atualidade na cobertura ficou evidente na escolha dos Tempos e Modos verbais nos títulos das notícias. No montante de matérias inseridas nos três dias que compõem a cobertura, das 108 inserções deste tema, os títulos apontaram 3 usos do Passado Simples; 2 casos de Pretérito Imperfeito; e 5 usos do Futuro do Pretérito. Já o Presente, por tratar-se de uma cobertura tida como em “tempo real”, aparece nas 92 outras matérias. Vale acrescentar que para todas as construções das frases foi usado o Modo Indicativo.

Durigan (2006) explica que o Modo é um tipo de categoria gramatical que deixa transparecer a natureza do discurso do enunciador, oferecendo uma espécie de orientação ou propósito da enunciação. Em Português são aceitas três

modalidades: Indicativo (usado quase em sua totalidade pelo jornal), o Subjuntivo e Imperativo.

[...] **modo** é uma categoria que envolve todas as noções relacionadas à atitude do falante diante dos fatos que expressa: o julgamento implícito do enunciador acerca da natureza (subjativa ou não) da comunicação que faz, o tipo de comunicação instituída entre ele e seu interlocutor. (p.02)

O Modo Indicativo é escolhido pela enunciação jornalística por produzir uma asserção franca, seja ela positiva ou negativa, confirmando com isso as próprias bases do modelo discursivo da mídia, que prima pela objetividade, a verdade e a convicção dos fatos, ainda que semioticamente isso esteja restrito a um efeito de sentido. Ao adotar em toda a cobertura essa categoria verbal o jornal reafirma seus alicerces e garante confiança pelo sentido de isenção que repassa para seus leitores. Além da sensação de estar dizendo alguma coisa “certa” e, portanto, “verídica”, que o jornal consegue com essa primeira escolha, ele, como enunciador, quer mostrar-se imediato, por isso a busca maior pelo Tempo Presente.

Segundo Fiorin (2005c), para haver o presente: “Deve haver [...] uma tripla coincidência: MA=MR=ME” (p.149)³². Como já apresentamos, essa sensação de presente é uma abstração. Com o balanço numérico deste exercício fica claro que o jornal busca essa coincidência, por isso faz uso, principalmente nas coberturas de acontecimento que não são pré-agendadas e se desenrolam durante o processo de apuração, do Presente Simples.

No dia-a-dia essa escolha disputa espaço com outros Tempos de futuro, ou, ainda, com construções de presente que favoreçam uma sensação de fatos que estão por vir. Um exemplo disso é a nota do dia 15 de maio – **Negociação com presos deve ser retomada às 8h na Capital (5h48)**. Ao substituir o verbo “será” (Futuro do Presente) por “deve ser” o jornal usa efeito de futuro, ainda que o verbo esteja no presente. A substituição assegura a noção de futuro, mas cria ao mesmo tempo uma proximidade com o “agora”. O sentido fica ainda mais perto se substituído pelo composto “vai ser”.

Na cobertura em questão o Presente Simples predominou porque, além de ser coerente com a proposta de agilidade do jornal, que se apresenta como um

³² MA: Momento do Acontecimento; MR: Momento de Referência; ME: Momento da Enunciação

observador e divulgador do que acontece “agora”, pertence ao sistema Enunciativo, que concede um caráter de proximidade entre o fato narrado e o enunciatário, ainda que as notas sejam construídas, como um todo, no sistema Enuncivo (espaço do *lá*, pessoa do *e/e*). Em avaliação dos Tempos e Modos verbais nos discursos científicos, Durigan (2006) descreve o Presente do Indicativo como aquele que “cria efeito de atualidade, envolvendo o leitor na ‘vivência’ dos processos relatados ou comentados e imprimindo no discurso valores de verdade e atualidade” (p. 03). Suas reflexões podem ser usadas na análise do discurso jornalístico à medida que este busca o mesmo efeito de sentido. O jornal assume uma postura de divulgar a verdade, cuja materialização denomina fato; também defende ser um porta-voz da atualidade, já que a própria hierarquização das pautas, no jornal, são guiadas pela novidade.

Para alcançar esse sentido de “presentificação”, ou seja, extensão do agora pelo maior instante possível – pelo menos até a inserção da nota seguinte ou até que o concorrente apure o mesmo fato – o jornal *on line* busca o uso constante desse Tempo, que neste caso pode ser percebido na subclassificação proposta por Fiorin (2005c) de Presente Durativo, quando o Momento de Referência apresenta-se mais longo que o Momento da Enunciação. Por exemplo, na nota **Rebelião continua em Três Lagoas; não há negociação – 15/05/2006 (01h34)**, o Momento de Referência é a Rebelião, que o leitor do *site* vem acompanhando desde o dia 13, e apresenta-se mais longo que o Momento da Enunciação, embora em algum momento fique simultâneo a ele. Ao dar ênfase a este Tempo nesta cobertura, o jornal quis mostrar-se atual e aproximar o leitor do fato, como se tivesse observando de perto, participando da apuração. Ainda que não usando o tempo Futuro, neste caso, o Presente, pela própria organização da frase que usa verbo “continuar”, cria um efeito de expectativa.

Em outras duas inserções do dia 13 de maio – **PCC mata policiais e promove rebeliões em São Paulo (12h17)**; e **PCC já matou pelo menos 32 pessoas em 24h em SP (21h50)** – é possível visualizar dois efeitos distintos nas propostas do jornal e entender com mais clareza as escolhas temporais e seus efeitos. No primeiro título o jornal começa com a opção analisada acima, de um presente que se mostra ser o “agora” do enunciador e também do enunciatário e, pelo Modo Indicativo apresenta-se como uma certeza do jornal, que não traz números, mas assume a responsabilidade do dito. Já no segundo caso é de uso

pouco comum, o Pretérito Simples do Indicativo. O modo repete a condição modal de convicção e agrega pelo Tempo as condições perfectivas mostrando-se um fato concluso. “[...] o pretérito perfeito simples acumula em português duas funções: anterioridade em relação a um momento referência presente e concomitância em relação a um momento de referência pretérito” (FIORIN, 2005c: 153).

Nesta escolha ele se apresenta em concordância com o que havia apurado anteriormente. Não dá sensação de passado, mas, ao colocar a extensão “24 horas”, traduz um sentido de continuidade, particularmente se substituir a expressão por “desde ontem”. Neste caso em especial, apresenta-se como o que Fiorin (2005c) chama de Pretérito Perfeito 1 que mostra uma anterioridade em relação ao Momento de Referência Pretérito e, neste caso, tem efeito de uma ação em continuidade.

Outro exemplo de escolha de tempo marcado pela Concomitância com o Momento de Referência Pretérito, foi o uso do verbo no Pretérito Imperfeito na abertura da nota do dia 14 de maio – **Grávida que era refém foi liberada em Dourados (14h10) –**, que mescla os dois tempos pretéritos. O Imperfeito representa um aspecto não acabado e procura descrever uma ação, com um sentido de estaticidade.

Evidentemente, o semantismo do verbo ou o contexto podem conter a idéia de duração [...]. No entanto, o pretérito perfeito apenas ‘cita’ essa duração, não a ‘descreve’, como faria o imperfeito. Este ‘estende’ a menor duração; aquele ‘resume’ os mais longos períodos (FIORIN, *apud* BAYLON e FABRE, 2005: 157).

Enquanto a escolha do “foi” representa uma certeza do jornal, o “era” dramatiza a história, já que se parece estender no tempo. Por essa extensão também conserva o estímulo da presentificação. Por fim, a cobertura trouxe também o Futuro do Pretérito, que trabalha com a relação de Posteridade do Momento do Acontecimento com relação ao Momento de Referência Pretérito. Este tempo trabalha com o caráter de antecipação imaginária. Se o Futuro do Presente, por exemplo, configura uma expectativa, aquele tempo tem um valor hipotético, sem um alicerce que embase com segurança a suposição. Quando escreve no dia 14 de maio, **Motim teria sido orientado por detentos de São Paulo (13h41)**, o verbo “teria” isenta o jornal de assumir o discurso, mas também não assegura ser essa

uma informação precisa do entrevistado, ou seja, trata-se de uma afirmativa com conotação de incerteza, mais evidente a medida que o jornal relega a uma terceira fonte – não o jornal e não o entrevistado – à origem da informação. Para evitar isso, bastaria substituir “Teria Orientado” por “Foi Orientado”. Esta última forma oferece-se ao *internauta* como um fato incontestável, pelo menos no âmbito do discurso; diferente do primeiro, que corrobora o cepticismo do enunciador sobre ser esta uma certeza.

Inclusive a escolha do tempo Futuro do Pretérito tem sido bastante discutida entre as reflexões sobre o fazer jornalístico da atualidade. No site *Comunique-se* - www.comunique-se.com.br, 29/03/2005, às 09h33 – o artigo *Reportagem exemplar de Rubens Valente*, de Carlos Chaparro, chama atenção para essa escolha que, muitas vezes, é ignorada pelos leitores, quiçá pelos próprios profissionais da imprensa. Ao fazer elogio à cobertura do repórter do jornal *Folha de São Paulo*, sobre um caso de uso indevido de recursos públicos pelo então ministro Romero Jucá, ele lembra que só uma cobertura rigorosa, com garantias de documentos e outras provas, que entre outras coisas exige dedicação e tempo de investigação, garantem a convicção do dito pelo jornalista e permitem evitar calúnias e suposições maldosas que um tempo como o Futuro do Pretérito pode configurar. Só essa pesquisa exaustiva, conforme Chaparro, “apoiado em investigação trabalhosa e exemplar [...] permitiu ao jornal dar à matéria um título sem condicionantes e sem insinuações caluniosas – este: **“Jucá toma crédito, não paga e garantia é falsa”**”. A reflexão serve aqui apenas de exemplo para ilustrar que a escolha dos tempos verbais pelo enunciador, seja ele um jornal impresso, *on line* ou qualquer outro, transparece certezas e dúvidas, e mostra as intenções nada inocentes desses veículos, inclusive na construção do tempo.

4.2 Outras estratégias

Mas as estratégias do Nível Discursivo não terminam aqui. A primeira meta do discurso jornalístico é alcançar a objetividade e a imparcialidade, como explica o *Manual de redação do jornal Folha de São Paulo*, no item procedimentos (2001, p. 45). “Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza”. Na primeira parte desta dissertação já apresentamos como esse conceito é entendido pela Semiótica, neste momento cabe saber que, para conseguir esse efeito junto ao

enunciatário, o enunciador mantém, nas notícias publicadas, um discurso projetado nas terceiras pessoas do singular e do plural e um efeito de generalização. Em Semiótica chamamos esse recurso de *debreagem enunciva*, quando o enunciador, para alcançar essa impressão de afastamento do discurso, constrói sua enunciação no tempo do “lá”, no espaço do “então” e na terceira pessoa.

Ao recolher o montante de notas da cobertura das rebeliões é possível notar que ainda que busque o mesmo discurso objetivo e imparcial, arcado no distanciamento de pessoa (os detentos, os policiais, os agentes, a PM, etc), e no espaço do lá (no Presídio, no Estabelecimento Penal de Segurança Máxima), o discurso mesclou recursos enunciativos, que concedem ao texto um sentido de proximidade, por isso, embora os acontecimentos estivessem “lá no presídio”, ao mesmo tempo eles estavam “aqui em Campo Grande”, “aqui em Mato Grosso do Sul”, em referência ao “aqui” do *internauta*. Ao recorrer aos dois modos de construção textual, o *site* aproxima a cobertura do interesse do leitor, que projeta e reafirma seu próprio simulacro de “jornal REGIONAL”.

Nas escolhas temporais uma particularidade típica dos ditos produtos em “tempo real” é o tempo enunciativo, que aproxima o enunciatário do acontecimento e da própria enunciação. Para conseguir efeito de vizinhança entre o tempo cronológico e o tempo de inserção, o jornal produziu seu discurso no Presente – “agora”, “neste momento” -, e quando não, usou o Passado como condição de memória, voltando em seguida o texto para o momento da enunciação, ou seja, o passado serviu apenas como uma contextualização do fato, que em seguida volta-se para o presente.

Exemplo (trecho da nota):

Penitenciária de Dourados também enfrenta rebelião – 14 de maio (12h15)

Presos de Dourados também *iniciaram* uma rebelião, por volta das 11h50 deste domingo, na Penitenciária de Segurança Máxima Harry Amorim Costa. De acordo com o Dourados News, vários tiros *foram* ouvidos no interior do estabelecimento. Informações preliminares dão conta que existem reféns. Conforme notícias de um policial militar do Serviço de Guarda e Escolta o clima no local é bastante tenso.³³

³³ Grifos nossos.

No trecho destacado, percebe-se que o verbo no Passado Simples (Pretérito Perfeito 1), “iniciaram”, tem como objetivo contextualizar a informação com relação a outras rebeliões que o jornal vêm cobrindo, mas já na primeira frase o enunciador escolhe o demarcador “deste domingo” para lembrar que o acontecimento é o hoje do enunciatário/enunciário, que não está desatualizado. O restante da nota volta-se para o Presente, para o momento “agora”. No restante da cobertura, o passado também foi neutralizado nas notícias com expressões como “agora há pouco”, “há pouco”, “deste domingo”, “de hoje”, “desde tal hora”, “já dura mais de tantas horas” etc. O efeito de continuidade foi mantido com a escolha de construções no gerúndio, com “estão sendo”, “está acontecendo”, “estão fazendo”, “estão tentando”, “estão discutindo”. Ou seja, o enunciador busca, enquanto Pessoa, um distanciamento do dito, enquanto que na Temporalidade produz uma aproximação. No discurso de uma mídia *on line* é uma miscigenação de recursos enunciativos, que agregam proximidade – Tempo e algumas vezes também o Espaço – e enuncivos – Pessoas. Com isso, embora o jornal mantenha sua postura de objetividade enquanto observador, mostra-se também como alguém que enuncia no momento em que vê.

Como a sanção primordial é ser o mais rápido, ele busca esse reconhecimento. A medida não compromete o efeito de objetividade, como bem lembra Fiorin (2005b): “Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do ‘sujeito’, tomado como ponto de referência. Assim, o espaço e o tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia” (p. 163).

Trechos do dia 14 de maio:

Desespero toma conta de familiares no Segurança Máxima – 11h50

Familiares dos detentos do Presídio de Segurança Máxima de Campo Grande se escondem atrás de prédios para fugirem dos tiros, que são dados no interior do estabelecimento. Uma rebelião começou há pouco e há informações de que esteja relacionada com a ação do PCC (Primeiro Comando da Capital). No presídio há diversos presos ligados à facção.

Presídio é cercado; há suspeita de reféns no local – 12h01

Pelo menos cinco viaturas da Polícia Militar estão no entorno do Estabelecimento Penal de Segurança Máxima, em Campo Grande, onde ocorre uma rebelião. Além

da PM, o Cigcoe (Companhia de Gerenciamento de Crises e Operações Especiais) está no local. A polícia trabalha com a possibilidade de reféns. Hoje é dia de visita e há vários parentes de presos dentro do presídio, incluindo crianças e adolescentes.

Detentos são transferidos para Presídio Militar – 13h43

Detentos do pavilhão 4, que não se envolveram na rebelião que toma conta do Estabelecimento de Segurança Máxima de Campo Grande desde às 11h30 de hoje, estão sendo transferidos para o Presídio Militar.

Nesses três trechos o princípio de distanciamento e de objetividade é garantido pelas escolhas de Pessoa e Espaço: são “eles” e “lá no presídio” - ainda que em Campo Grande, longe do leitor. No entanto, como o Tempo é o germe que orienta uma mídia *on line*, o fato é narrado “agora”: ‘tiros são dados (agora), “onde ocorre (agora) uma rebelião”, “estão sendo transferidos (agora) para o Presídio Militar”.

4.3 Efeito de realidade

Outra estratégia evidenciada no Nível Discursivo, típica da linguagem jornalística, é a busca pelo efeito de realidade. Isso é alcançado no discurso, primeiramente pelo compartilhamento de simulacros entre enunciador e enunciatário, e pelas marcas de veridicção: tempo e espaço demarcados, uso de fotografias, emprego do discurso direto com frases de especialistas e citação das fontes, entre outras. Não se trata da realidade em si, das condições de produção do dia a dia na imprensa, mas do modo como o discurso é construído para mostrar que se trata de pessoas reais, de declarações reais, num tempo e num espaço que o leitor entende como partilhadas no mundo físico e, portanto, que “existem efetivamente”.

Das 108 notas inseridas no **CGNews** com o assunto da Rebelião, todas tinham a ancoragem temporal à frente do título, na listagem de busca, e no alto da matéria, com um cabeçalho entre o título e o nome do repórter. Ao confirmar o horário de inserção, além de sustentar sua atualização e quando possível também o fato de ser o primeiro a publicar e “saber” do acontecido, o jornal sacramenta a realidade. Por ter o tempo cronológico como referência, parece dizer algo

incontestável. Ele usa o tempo como recurso lingüístico de ancoragem na realidade e assim assegura sua veridicção. O leitor reconhece o horário e acompanha o acontecimento, minuto a minuto. A marca configura a certeza, partilhada pelo leitor: isso realmente aconteceu, o jornal assume, inclusive, o horário certo da ocorrência.

Exemplo:



Figura 9: Exemplo de listagem no sistema de busca do site com a palavra “Rebelião” referente ao dia 14 de maio.

Ainda tratando dos recursos lingüísticos que vão apoiar o dito jornalístico na “realidade exterior” está a escolha das fontes, ou seja, pessoas, órgãos ou entidades que repassam as informações que darão origem às matérias de qualquer veículo. “Se são reais as personagens, os locais e os momentos em que os fatos ocorrem, torna-se verdadeiro todo o texto que a eles se refere”, (BARROS, 2005: 60). Em geral as matérias de jornalismo não se originam da observação direta dos jornalistas; na maior parte das vezes essas informações chegam aos repórteres e editores por pessoas de outras áreas, que testemunham ou integram esses acontecimentos. Como bem lembra Scalzo: “Jornalista não é quem sabe, mas quem conhece quem sabe” (2003: 76).

Lage (2003) categoriza as fontes que dão origem às notícias em três naturezas: Oficiais, Oficiosas e Independentes. As primeiras seriam mantidas pelo

Estado ou Instituições, como no caso desta cobertura integrantes autorizados a responder pelo Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, o Secretariado do Governo e os Sindicatos; a segundas seriam reconhecidamente ligadas a estas entidades oficiais, mas não autorizadas a responder por elas, como um integrante qualquer dos sindicatos, que não o Presidente ou Vice; e oficiais que não estejam no comando da operação, etc; por fim, a terceira e última categoria integraria os depoimentos desvinculados dos interesses do Estado, como testemunhas. “Das três, as oficiais são tidas como as mais confiáveis [...] os dados que propõem são tomados como verdadeiro” (LAGE, 2003: 63).

Proponho neste estudo a criação de uma terceira categoria, a das fontes Generalizantes, que seria uma ramificação das Independentes, mas não identificadas por nome e sobrenome e, sim, tomadas como um todo coletivo, como familiares, parentes e outros conceitos genéricos. Numa cobertura movida pela rapidez, a apuração de várias fontes representa um gasto de tempo maior. Talvez por isso a fonte primeira das notas que compõe essa reportagem tenha priorizado a observação direta do jornalista, que descreveu o que via; o balanço da própria cobertura, com matérias complementares que reuniu, de tempos em tempos, as informações anteriormente publicadas; e a reprodução de notas de outros jornais da *web*, como Perfil News (Três Lagoas), Dourados News (Dourados) e Corumbá *on line* (Corumbá). Se somadas as notas com essas características³⁴, isso representa 57,7% da cobertura, aproximadamente 60 matérias. Outros 14% ficaram com fontes Generalizantes - familiares sem indicação, informações preliminares, informações extra-oficiais –, e Oficiosas – bombeiros, agentes, o sindicato, etc.

Uma fonte Oficiosa ou Generalizante não assegura, do ponto de vista da construção de enunciados, a “realidade” do texto porque não pode ser materializada, como uma fonte oficial, por exemplo, que traz, juntamente com a informação, a sua origem, seja o comandante da PM, seja o presidente do Sindicato, com nome e função. Se o enunciatário não consegue identificar os interlocutores da ação, o texto compromete sua capacidade de parecer real. Não cabe aqui discutir se as fontes Oficiais ou Independentes falam ou não a verdade, mas ao assumirem o dito, o enunciatário sabe quem são, identifica-as como existentes no mundo real e garante ao jornalismo seu efeito de tradutor da realidade.

³⁴ Quando o jornal usa matérias de parceiros ele costuma escrever, no corpo do texto: “com informações de”. Essa característica permitiu chegar ao dado estatístico apontado nesta dissertação.

Exemplo:**Fontes usadas na cobertura *on line***

Fonte de informação	Número de notas	%
Órgãos jornalísticos – agências nacionais, <i>sites</i> do interior, reportagens de TV...	29	27%
Fontes generalizantes e oficiosas: familiares, bombeiros, agentes e outros sem indicação do entrevistado, informações preliminares, extra-oficiais...	15	14%
Observação direta: Descrição do repórter e balanço das notas do jornal	36	33%
Oficiais e Independentes: interlocutores identificados	28	26%

No jornal impresso, por exemplo, a urgência em informar não é o que move a produção. Ainda que o jornal tenha um tempo mínimo para finalização de edição, ele trabalha com uma escala temporal de um dia, uma vez que a publicação só vai circular nas bancas no dia seguinte ao seu fechamento. Está além do interesse da Semiótica e, portanto, desta dissertação, saber se uma cobertura para o jornalismo impresso é mais bem apurada que outra voltada para um *site*. Apenas para ilustrar a questão da escolha das fontes, sua indicação e a influência do tempo nessa triagem, cabe conferir como foi a publicação dos três dias de rebelião³⁵ no Jornal Correio do Estado. Este veículo foi escolhido como exemplo porque, como o **CGNews**, é o mais antigo da Capital no seu suporte. A primeira edição do Correio do Estado data de 07 de fevereiro de 1954.

A cobertura impressa ocupou no primeiro dia uma página do jornal, só com matérias nacionais; no dia seguinte o veículo reservou a este assunto duas páginas inteiras, desta vez com cobertura local; e no último dia de rebelião o jornal dedicou quatro páginas para o assunto, todas regionais; totalizando neste período 22 matérias e um ensaio fotográfico de página inteira. Embora também tenha usado em grande quantidade o texto descritivo, em que o repórter narrou o que viu durante a movimentação dos presos, familiares, policiais e governo, apenas uma usou o termo generalizante “segundo agentes”. Todas as outras matérias trouxeram a fonte da

³⁵ Vale lembrar que a rebelião do recorte deste estudo aconteceu nos dias 13, 14 e 15 de maio de 2006. Como o jornal impresso circula sempre no dia seguinte, as publicações analisadas referem-se aos dias 14, 15 e 16 de maio do mesmo ano.

informação identificada. As que fizeram balanço da operação eram fontes Oficiais, os familiares citados trouxeram, todos, nome e sobrenome; e 85% das reportagens vieram acompanhadas de citação, ou seja, discurso direto, em que interlocutores assumiram a origem da informação. Extrapola os interesses da semiótica saber se essas pessoas eram reais, se disseram na íntegra o que foi publicado, ou outras questões desse gênero. O comparativo demonstra a diferença entre uma apuração que tem como preocupação publicar em tempo recorde e outra que privilegia outros recursos. A checagem também autentica a influência do tempo na escolha dos recursos lingüísticos, alguns deles elementares para a produção jornalística, já que asseguram um efeito de realidade e, com isso, também a credibilidade do veículo, que se assume um tradutor do real.

Exemplo:

Fontes usadas na cobertura impressa do jornal Correio do Estado

Fonte de informação	Número de notas	%
Órgãos jornalísticos – agências nacionais, sites do interior, reportagens de TV...	3	13%
Generalizantes e Oficiosas: familiares, bombeiros, agentes e outros sem indicação do entrevistado, informações preliminares, extra-oficiais...	1	6%
Observação direta: descrição do repórter e balanço das notas do jornal.	8	36 %
Oficiais e Independentes: interlocutores identificados.	10	45%

Mais que escolher fontes que acrescentem um sentido de confiabilidade, para manter o efeito de realidade o texto deve fazer uso das declarações textuais. Em semiótica esse recurso é chamado de *debreagem interna*.

Na sintaxe do discurso, os efeitos de realidade decorrem, em geral, da *debreagem interna*. Quando, no interior do texto, cede-se a palavra aos interlocutores, em discurso direto, e constrói-se uma cena que serve de referente ao texto, cria-se uma ilusão de situação 'real' de diálogo (BARROS, 2005a, p. 59).

A *debreagem interna* não é vista pelos analistas do discurso como apenas uma voz, um estilo. Sua escolha esconde interesses e serve para guiar a leitura.

Pela citação ou declaração textual, componente das matérias jornalísticas pelo qual o jornal dá voz aos seus interlocutores para confirmar aquilo que é apresentado no texto ou refutar com propriedade informação de outros entrevistados, um enunciador pode evidenciar preferências, opiniões ou crenças, uma vez que ao oferecer espaço para esses entrevistados, estes ganham notoriedade ou desprezo entre os leitores.

A idéia de que o as citações conferem efeito de realidade ao texto não é uma concepção exclusiva das teorias do discurso. O próprio jornalismo aceita o conceito como uma estratégia, ainda que com bases teóricas diferentes. Uma confirmação disso é o artigo “Aspas e Respeito”, assinado pelo ombudsman da *Folha de São Paulo*, na coluna de 23 de dezembro de 2001. Conforme escreveu:

Citações são a alma da boa reportagem. [...] Humanizam o texto. Conferem-lhe autenticidade. [...] Além das declarações, o repórter confere vida aos relatos com detalhes significativos, dados precisos, que particularizem cenários, contextos. Quanto mais êxito obtiver aí, mais completo e atraente estará o texto. Essas regras, básicas, se tornam ainda mais importantes em textos produzidos em momentos ou locais de tensão, de crise, em situações desfavoráveis (AJZENBERG, 2001).

Trazendo esta discussão para o *corpus* deste estudo, as notas na sua maioria não fizeram uso desse recurso que garante o efeito de realidade, ou seja, deixaram a voz apenas para o narrador, que descreveu os acontecimentos.

Exemplo:

Uso de citação nas notas da cobertura

Citação	Número de notas	%
Fez uso de citação	9	9%
Não fez uso de citação	99	91%

BENITES (2002) divide as citações em seis modalidades: Citação de Epígrafe (aquela que orienta a direção em que a leitura deve ser realizada), de Cultura (aquela que traz frases da cultura popular), de Autoridade (as que visam imprimir maior credibilidade ao argumento), de Ironia (que demonstram discordância velada a uma fala e confirmam seu descrédito), de Isenção de Responsabilidade (quando o jornalista busca não ser dado responsável pela fala citada, mas apenas como um

transmissor), e de Fidelidade (usadas para confirmar uma informação já divulgada no texto em discurso indireto).

Durante a cobertura do **CGNews** sobre as rebeliões, o jornal *on line* fez uso de citação em 9% das suas matérias, ou seja, 91% delas não contou com o recurso que, semioticamente, serviria para conceder ao texto, entre outras coisas, o crédito de realidade. O resultado ratifica a escolha das fontes, que como foi mostrado no tópico anterior, não tinham identificação e na maioria eram generalizantes. Dessas declarações, conforme a categorização de Benites, quatro são de Isenção de Responsabilidade, casos de declarações de juízos de valor ou que tivessem um tom de denúncia e acusação; três de Fidelidade, que tiveram como objetivo assegurar credibilidade ao dito do jornalista; uma de Ironia, em que o jornal deu pouco crédito à afirmação do interlocutor; e por último uma de Autoridade, esta tendo como base uma sentença assinada por um juiz.

Exemplos do uso de citações na cobertura

ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Ala onde motim começou tinha só 3 agentes, diz sindicato/ 14 de maio (14h22)

No início do motim, apenas três agentes penitenciários faziam a segurança, segundo informou o presidente do sindicato dos agentes penitenciários de Mato Grosso do Sul, Fernando Anunciação. “Ontem às 11h30 eu telefonei para o Telles (Luis Carlos Telles – diretor Agepen) e alertei do perigo, levando em conta o que estava acontecendo em São Paulo. Pedi providências não só a Agepen mas ao governo e Secretaria de Segurança Pública”, disse.

Em Corumbá, oito pessoas são liberadas de presídio/ 14 de maio (16h47)

Hilda Aparecida, uma das reféns libertadas, disse que os detentos estão “calmos e tranquilos” e, em nenhum momento teriam ameaçado reféns. Ela disse que os amotinados reivindicam apenas “os direitos deles”.

Comandante diz que detento confirmou 4 mortes em prisão/ 15 de maio (08h10);

O tenente-coronel Carlos Alberto Paes de Arruda, comandante do 1º Batalhão da Polícia Militar, que faz a guarda externa e da muralha do EPSM (Estabelecimento Penal de Segurança Máxima), disse esta manhã que conversou com preso pela janela que voltou a afirmar que existem 4 mortos. “Só vagabundo morto”, teria dito o preso

Agepen atribui a facção criminosa rebeliões em MS/14 de maio (13h01)

O diretor-geral da Agepen (Agência de Administração do Sistema Penitenciário) de MS, Luiz Carlos Teles, afirmou há pouco ao Campo Grande News que as rebeliões simultâneas que estão acontecendo no Estado só podem ser obra da facção

criminosa PCC, que está promovendo, desde sexta-feira, o mesmo tipo de ação no Estado de São Paulo. “Não tem outra explicação”, resumiu.

FIDELIDADE

Mães de presos: Amor incondicional e resignação/ 14 de maio (11h10)

Ela passou a viver com privações desde que o filho foi preso. Doméstica, ela gasta todo o salário com o filho. Ela mora em São Gabriel d’Oeste. Vai e vem a pé até do anel viário ao presídio, na saída para Três Lagoas, uma caminhada de cerca de uma hora. “Prefiro passar fome do que meu filho”, disse, resignada.

Em SP, ataques a carros e bases da PM matam 14 policiais/ 13 de maio (08h20)

“Quando batemos de frente contra o crime é isso mesmo que acontece. A situação só ficaria acomodada caso nós não enfrentássemos de frente os bandidos e compactuássemos com eles. Inclusive, todos os líderes (do PCC) estão presos. O objetivo desses bandidos é movimentar a mídia e tentar passar uma sensação de insegurança...”, completou, conforme informações da Agência Estado.

Chega a 21 número de mortes em ataques à PM de SP/ 13 de maio (10h31)

“Nós recomendamos que eles não ajam deste jeito, porque o PCC nunca venceu em São Paulo. No final, a cena que vai ficar é a da rendição, da tropa de choque tendo que invadir, o que nós estamos tentando evitar”, afirmou.

IRONIA

Comandante fala em “vínculo de confiança” com amotinados/14 de maio (18h34)

O comandante do Cigcoe (Comando Integrado de Gerenciamento de Crises e Operações Especiais), major Sá Braga, considera que já foi estabelecido um “vínculo de confiança” entre os negociadores do grupamento e os autores da rebelião no Estabelecimento Penal de Seguranaça Máxima de Campo Grande.

AUTORIDADE

Detentos exibem cabeça de presidiário assassinado/ 15 de maio (10h10)

Eloy tinha problemas com a Justiça desde a década de 80. Na sentença em que foi condenado pela morte de Jéferson de Jesus, em Campo Grande, conta que já foi acusado de porte de armas, roubo, seqüestro e cárcere privado, tráfico, “com condenação em vários deles, totalizando dez guias de recolhimento”. A sentença é assinada pelo juiz da 2ª Vara do Tribunal do Júri, Aluízio Pereira dos Santos.

4.4 Imagens e o estigma da verossimilhança

Além dos demarcadores lingüísticos, outro recurso que delega ao texto um efeito realista é o uso de fotografias. A obsessão pela imagem sempre acompanhou o *homem* desde o tempo das cavernas. Povos primitivos, ou mesmo grandes civilizações antigas como Egípcios, por exemplo, buscaram registrar por meio da imagem aquilo que viviam, ou entendiam como representação de sua história. As imagens, por razões diversas, seja pela impressão de realidade, seja pela

constatação do tempo registrado, continuam um grande ritual como sempre foram para a raça humana. Ainda que hoje as discussões sobre recursos de manipulação ou a influência do *homem* na produção da imagem fotográfica tenha afastado o olhar da sociedade contemporânea da certeza da representação da realidade, ainda hoje a fotografia traz consigo a marca da mimese e apresenta-se como uma prova da verdade do dito, seja um fato reportado jornalisticamente, seja uma história narrada oralmente, ou uma enunciação qualquer.

Nessa história de quase duzentos anos, podemos dizer que os mitos da especularidade, ao invés de se dissiparem, se perpetuaram, tornando-se oficiais e presentes no nosso dia-a-dia. Não são poucas as estruturas de poder, incluindo entre elas, os meios de comunicação, que se valem das fotografias, ou instrumentos dela derivados, como ferramentas discursivas, afirmativas de enunciados quase nem sempre relacionados à questão fotográfica, mas com afirmações morais, legais e estéticas. Usada como prova documental de um fato, como elemento de controle social (ai daquele que não se parecer com a foto de identificação) a fotografia, desde o seu nascimento, esteve associada aos valores de uma sociedade que insiste em ver o instrumento fotográfico e suas ramificações (cinema, TV) como verdadeiros símiles da realidade. (BUENO, 2006, p. 01)

Conforme Andrade (2004), a penetração da fotografia na imprensa ilustrada data de 1960, com imagens voltadas para vistas e retratos. Ainda assim, segundo o autor, o foto-jornalismo propriamente dito só começa, de verdade, quando essas imagens aos poucos passam a não mais se resumir a registros de localidades e pessoas, mas a registrar fatos. Com isso elas passam a confirmar o real pela semelhança com aquilo que se entende da realidade.

A partir do advento da fotografia e de suas primeiras aplicações [...] a imagem fotográfica passa a cumprir destacada função no sistema de informação desses periódicos, graças ao suposto estatuto 'de fiel reprodutora da realidade visual' ou de portadora de maior objetividade ou neutralidade na representação dos fatos jornalísticos' (ANDRADE, 2004, p. 244)

Para a Semiótica francesa, as fotografias são um texto, portanto, passíveis de aplicação de todas as estratégias enunciativas e narrativas que integram uma análise textual. Neste sentido, semioticamente essas "provas" físicas que a fotografia fornece de um passado existente, nada mais são do que uma estratégia de

manipulação de seu enunciador para orientar a interpretação do conjunto sincrético em que ela está inserida. Some-se a isso o fato da fotografia ser, também, uma interpretação ótica, estética, social e emocional. Ela é um comentário temporal e influenciável das particularidades exteriores. Isso porque, da maneira como essas produções são usadas pelo grupo, servem como um “inventário de comprovações”.

Na verdade, um aprofundamento neste estudo ultrapassaria os limites desta dissertação. Essa pequena avaliação do papel da fotografia na vida em sociedade serve para mostrar que a imagem, como um texto cultural, construído com determinados objetivos, é mais um recurso de confirmação da realidade, isso porque o foto-jornalismo procura reproduzir suas imagens no plano ótico do realismo, com recortes e iluminação que são reconhecidos pelo leitor como os da realidade. No caso das Rebeliões provocadas pelo PCC, seriam mulheres e crianças saindo da porta da penitenciária, ao serem libertadas; policiais uniformizados, imagens diurnas, já que a rebelião acontece de dia, entre outros. Informações visuais assim, serviriam para confirmar o dito, garantir a realidade do fato e trazer novos detalhes à reportagem. No entanto, o **CGNews** inseriu fotografias em apenas 29 notas, ou seja, 27% da sua cobertura contou com o recurso imagético. Numa cobertura descritiva, a fotografia seria mais um argumento de realidade, já que esta foi comprometida na escolha das fontes e no limitado uso de citações.

Exemplo:

Uso de fotografias na cobertura

Fotografia	Número de notas	%
Fez uso de fotografia para ilustrar matérias	29	27%
Não fez uso de fotografia para ilustrar matérias	76	72%

Exemplo:

Efeito de realidade proporcionado pelo uso da imagem



Figura 10: Efeito de realidade garantido por matéria com fotografia



Figura 11: Efeito de realismo comprometido com matéria sem fotografia

4.5 Nível Narrativo

O Nível Narrativo ocupa, no Percurso Gerativo de Sentido, um ponto intermediário entre o Nível Fundamental e o Discursivo e pode ser entendido em duas etapas, a Sintaxe e a Semântica Narrativa. A primeira é focada numa seqüência de regulamentação e suspensão de contratos entre Destinator e Destinatário; já a segunda, no *fazer* do sujeito e suas mudanças de *estado* na busca de valores dos objetos. Conforme Barros (2005: 16) “a sintaxe narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do *homem* que transforma o mundo”; e a Semântica como (idem: 42) “[...] o momento em que os elementos semânticos são selecionados e relacionados com os sujeitos”.

Não está entre os propósitos deste estudo uma análise detalhada, nota a nota, do Nível Narrativo, mas, sim, aproveitar os recursos da seqüência canônica para discutir os conceitos de *manipulação* – o destinator usa estratégia persuasiva esperando que o destinatário aceite o contrato e realize a ação que ele espera –, *aquisição de competência* – momento em que o sujeito adquire um *poder* e um *saber fazer* –, *performance* – quando, depois de aceitar ou não o contrato, ele torna-se sujeito e realiza a ação – e, finalmente, a *sanção* – momento em que o sujeito tenta convencer o destinator que realizou a ação e vai receber um julgamento (sanção cognitiva) e com isso uma retribuição positiva ou negativa do seu feito (sanção pragmática).

No caso do jornalismo *on line*, além dos valores típicos da imprensa, de divulgar o que o leitor, *internauta*, ouvinte ou telespectador “tem direito de saber”, ou que o jornal entende por mais importante, agrega-se, em primeiro grau, a possibilidade de saber antes. O sujeito busca, ao acessar a página do *site* na Internet, ter acesso ao valor de saber “no momento em que acontece”. Ele não precisa esperar o boletim extraordinário na TV ou no Rádio, também não terá necessidade de aguardar até o dia seguinte para buscar este saber nas bancas de jornais: ele pode saber “agora”. E este é indubitavelmente o principal contrato entre os dois actantes: divulgar e ter acesso ao que acontece – aos fatos – em tempo recorde, em “tempo real”.

Para que este desejo realize-se, é preciso mais que *querer* ou *dever* ter acesso a esse valor, é necessário *poder*. E neste momento o jornal assume, enquanto destinator, seu *ethos* de “divulgador ágil da realidade”. O **CGNews** oferece “A Notícia da Terra a um Clique de Você”; e com isso assume a

responsabilidade de incluir na sua *home* a notícia regional – representada pelo conceito “da terra”, que compartilha a “terra do jornal”, a “terra do leitor”, inclusive como a “mesma terra – em um clique, ou seja, sem burocracia, sem demora, em uma só ação: acessar a página do jornal. Semioticamente o site desfruta do *saber-fazer e do poder-fazer*. Ele *sabe* encontrar onde estão as notícias que interessam ao leitor, e, principalmente, ele *pode* partilhar esse conhecimento em tempo simultâneo, em que o acontecimento desenrola-se, com o seu *internauta*.

Este destinatário, discursivizado como leitor fiel, reconhecido pelo seu jornal, e reconhecedor deste *seu* jornal, bem como esse destinador, discursivizado como o *jornal eleito*, constroem, mútua e diariamente, uma competência necessária e específica. Trata-se de uma relação de reciprocidade na construção dessa competência, já que o jornal constrói a competência do leitor, e vice-versa. (DISCINI, 2005, p.119)

Para continuar essa discussão de como o jornal organiza seu discurso para levar seu destinatário a aceitar essa representação, vale entender uma diferenciação entre o que o jornal entende por Acontecimento, Fato e Notícia. Diversos autores já apresentaram definições para notícia. Concepção comum entre esses pensadores é a de que a notícia estaria ligada a uma seleção prévia dos fatos. Os fatos, por sua vez, são colocados para o jornalista como algo real e verdadeiro.

Sendo construção retórica referencial, a notícia trata das aparências do mundo. Conceitos que expressam subjetividade são excluídos: não é notícia o que alguém *pensou, imaginou, concebeu, sonhou*, mas o que alguém *disse, propôs, relatou* ou *confessou*. É também axiomática, isto é, afirma-se como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro. ³⁶ (LAGE, 1987, p. 25)*

Jornalista e teórico da semiótica, Hernandes (2005) propõe uma distinção semiotizada, e mais detalhada, entre Acontecimento, Fato e Notícia, que parece adequar-se também a este estudo. Para ele o primeiro representa “qualquer fenômeno manifestado semioticamente”; o segundo uma seleção que o jornal faz desses acontecimentos; e, por fim, notícia seria uma hierarquização de fatos de

³⁶ * Grifos do autor

acordo com interesses distintos, como curiosidade (*fazer querer-saber*), crença (*fazer-crer*), sensação (*fazer-sentir*) e consumo (*fazer agir na forma de fazer-comprar*).

Do ponto de vista semiótico, para exemplificar, a morte de um político é um acontecimento. Se não é citada nos jornais, não se constitui em fato, é julgada como desimportante pelos meios de comunicação, pois não atende aos critérios expostos. Caso os jornais se interessem pelo assunto, transformam o acontecimento em fato. Só que esse fato, por sua vez, necessita de contextualização, virar notícia, ou seja, fazer parte de uma determinada narrativa[...] (HERNANDES, 2005, p. 36)

Uma vez delimitados os três conceitos, parte-se para a complementação do entendimento de que o jornal tem de assumir o papel de destinador competente para oferecer essas novidades num tempo esperado pelo destinatário, para que este realize a *performance* de navegar naquela página da Internet e não em outra concorrente. Em se tratando de Nível Narrativo, pertinente atentar para o fato de que para que a transformação aconteça é preciso que o sujeito tenha *competência* para realizar a *performance*. A esta etapa, que relaciona uma seqüência de programas narrativos, chamamos Percurso Narrativo, que inclui o Percurso do Sujeito (o sujeito na busca da competência necessária para realização da performance), o Percurso do Destinador-Manipulador, e o Percurso do Destinador-Julgador.

Esses três actantes diferenciam-se basicamente pelas ações que desempenham na narrativa: o Sujeito é o personagem da transformação de estados; o Destinador-Manipulador é aquele que leva o sujeito à ação; e, por fim, o Destinador-Julgador será o que vai sancionar positiva ou negativamente a performance do sujeito.

As ações do sujeito e do destinador diferenciam-se nitidamente: o sujeito transforma estados, *faz-ser* e simula a ação do *homem* sobre as coisas do mundo; o destinador modifica o sujeito, pela alteração de suas determinações semânticas e modais, e *faz-fazer*, representando, assim, a ação do *homem* sobre o *homem*. (BARROS, 2005, p. 28)^{37*}.

³⁷ *Grifos do auto

Em semiótica as manipulações do destinador podem ser divididas em quatro categorias: *Sedução, Tentação, Provocação e Intimidação*. Como bem explica Tatit (2005):

Lembremos aqui a noção de “sedução”, em que o destinador manifesta um saber fazer o destinatário *querer fazer*, elogiando-o ou enaltecendo-o de tal maneira que qualquer sinal de recusa à manipulação significaria também a renúncia a todas as qualidades que lhe foram atribuídas. Do mesmo modo, já foi estudada a “tentação”, domínio em que o destinador demonstra *poder fazer* o destinatário *querer fazer*, apresentando-lhe uma recompensa de algum modo irrecusável; a “provocação”, no caso qual o primeiro actante obtém com o seu *saber fazer* o *dever fazer* do destinatário, já que o leva a agir como única forma de refutar a depreciação que lhe foi imposta; a “intimidação”, processo que põe em cena um destinador dotado de *poder fazer* (normalmente extradiscursivo) o destinatário *dever fazer* a partir da algum tipo de ameaça. (p.191-192).

Assim, o jornal assume o papel de destinador-manipulador e, ora por *tentação* – se você ler o **CGNews** você vai ficar bem informado mais rapidamente – ora por *intimidação* – se você não ler o **CGNews** você vai ficar desinformado ou informado com atraso – tenta criar um vínculo de fidelização com o seu destinatário, no caso o *internauta*. O objeto-valor neste caso é o conhecimento, a possibilidade de ficar bem informado, um valor partilhado e cobrado socialmente. O jornal põe-se à disposição do leitor como uma ferramenta que lhe permite adquirir a competência – *querer e poder fazer* –, ser informado em tempo real. No contrato fiduciário acertado, o jornal *on line*, além de oferecer a possibilidade de informar o seu leitor, propõe-se a informar antes. Pressupõe-se neste caso que o destinatário, como sujeito dessa ação, não vai aceitar um contrato em que uma das cláusulas seja especular ou saber depois.

Especular é expor uma informação de natureza exploratória, sem apoio de evidência sólida, ou seja, muito mais próxima do boato do que do fato, que se transforma em notícia, ferramenta esta que garante ao sujeito a aquisição do conhecimento, ou seja, estar em conjunção com seu objeto valor. Ainda que em semiótica o fato não agregue o conceito de “realidade”, mas de construção, o discurso, para ser aceito pelo destinatário como eficiente, haverá de ter um efeito de realidade, “parecer” real. Saber depois também está fora das cláusulas, já que o “tempo real” agrega a idéia de que não há duas possibilidades, apenas a que “acontece no momento real”, portanto, a primeira.

Por essa razão, estabelecendo um diálogo com o Nível Discursivo, o jornal faz uso de determinantes temporais que dão o efeito de presente contínuo e durativo. No Programa de Base, o jornalismo *on line* quer fazer o destinatário acreditar que está recebendo uma informação em tempo real e uma informação apurada. Na notícia *on line* o Sujeito (S1) deve estar em conjunção com o Objeto Valor (Ov), caso contrário ele vai procurar uma outra página que satisfaça suas necessidades. No principal programa de uso, o enunciatário precisa estar em disjunção com seu objeto valor (conhecimento) e em estado de *querer e poder saber*.

Exemplo:

Enunciado de Estado conjuntivo

[F (S1 U Ov)]

Como o tempo é o que orienta as escolhas nesse modelo jornalístico, a conjunção ou disjunção também acaba tendo influência direta do seu efeito. Assim estes estados repetem, em sua apresentação, os contratos de agilidade, e intercalam momentos conjuntivos e disjuntivos em espaços de curta duração. No jornalismo na *web*, as notas são curtas e a satisfação por obter esse saber também tem de ser efêmera, para que o leitor continue na página, ou seja, consumindo o jornal, realizando a ação manipulada pelo destinador. Então o sujeito deve querer uma nova informação a cada término de notícia, e o destinador deverá, também, oferecer esse produto.

Exemplo:

Enunciado da performance - PN1 (Programa de uso)

PN1 = [F (S2 {site} →(S1 {internauta} ∩ Ov {novidade}) →(S1 {internauta} U Ov {novidade}))]

**Exemplo:
Programa de Manipulação (duas possibilidades).**

Sujeito do Fazer	Sujeito de Estado	Competência	Performance	Dest./ Julgador
Jornal	Internauta	Tem o <i>poder-fazer</i> ; publicar novidades de interesse do leitor em “tempo real”	Manter o <i>internauta</i> interessado em suas notícias a todo o momento	<i>Internauta</i> vai avaliar a rapidez e eficiência do <i>site</i> em oferecer o conteúdo desejado no tempo ambicionado

Neste caso, se a competência, a performance e a sanção são atribuídas ao jornal é ele o *sujeito do fazer* e que levará o *sujeito de estado* (internauta) à conjunção como o *objeto valor* (notícia). É ele que será sancionado positivamente ou não como um bom jornal pelo internauta, que ocupa, assim, o duplo papel actancial de *sujeito de estado e destinador julgador*.

Destinador manipulador	Sujeito do fazer e sujeito de Estado	Competência	Performance	Dest./ Julgador
Jornal	Internauta	Tem o <i>poder-fazer</i> ; publicar novidades de interesse do leitor em “tempo real”	Manter o <i>internauta</i> interessado em suas notícias a todo o momento e faz com que ele mesmo procure o site	<i>Internauta</i> vai avaliar se ficou satisfeito com o saber adquirido e com a agilidade com que teve acesso a este saber

Neste caso o jornal também exerce o papel de *destinador manipulador*, fazendo com que o *sujeito do fazer* (internauta) realize a performance de abrir, ele próprio, a página do site e, já na condição de *sujeito de estado*, entre em conjunção

como *objeto valor* (notícia). Com isso ele é sancionado positivamente: torna-se um sujeito bem informado, sintonizado com seu tempo.

Como os dois esquemas narrativos estão interligados, é importante notar que como no suporte para a *Internet* o espaço para inserção é ilimitado no sentido de quantidade de publicações, quanto mais notas incluídas, melhor será a sanção – seja da competência do jornal (esquema 1), seja pela satisfação do internauta com o conhecimento adquirido (esquema 2), porque o grande fluxo de notícias cria um efeito de movimento, que por sua vez reafirma a sensação de agilidade. Por outro lado, à medida que o jornal assume esse *saber* e este *poder* noticiar no instante do acontecimento, ele encara outro problema: precisa *saber* e *poder* a todo o momento. Por essa razão esse *saber* não é partilhado continuamente, tem de ser fragmentado. No momento em que o jornal insere uma nota no seu sistema na *web*, um novo saber deve ser disponibilizado em seguida para garantir a permanência do *internauta* na sua página. Levando esse conceito para a cobertura analisada nesta dissertação, pode-se encontrar os seguintes enunciados de *estado* e de *fazer*.

- **Enunciado de *Estado*:** o sujeito internauta mantém uma relação de junção (ora \cup , ora \cap) com o objeto: notícia em tempo real, que por sua vez agrega o valor de “saber antes”. Ele chega a um estado final instável, que se altera em curtos períodos de tempo. Isso cria nele uma compulsão, que seria um *querer* ou um *dever* que não relaxa.
- **Enunciado de *Fazer*:** O sujeito site transforma a relação de junção do sujeito internauta, que desconhecia os fatos e por meio do *site* pode adquirir o *saber*.

Analisando esta descrição fica mais claro perceber que os programas narrativos atuam em conjunto com outro programa correspondente e ainda que no caso do conhecimento o valor desejado seja compartilhado, a sensação do internauta é que a cada momento ele precisa novamente de um conhecimento, para não ficar desinformado. O conhecimento que adquire a cada nota não se perde, mas a sensação é de nunca ser o suficiente. No caso do jornalismo na *web* isso fica mais evidente à medida que uma nota precisa, em poucos segundos, substituir a outra, para manter a atenção do leitor da *web* sempre na mesma *home*. O fator

gerador da compulsão é a perda rápida do valor do *objeto* adquirido e o querer um novo objeto-valor. Desta forma, seu estado de junção deve ser, sempre, uma alternância de conjunção e disjunção. Do ponto de vista semiótico, o jornalismo *on line* cria no leitor uma disjunção com o objeto valor (o conhecimento ágil) – garantido por meio da leitura e entendimento das notícias – para continuar existindo. O leitor nunca ficará relaxado, porque ele sempre precisará, minuto a minuto, de uma novidade, ou seja, ele precisa realizar uma performance: procurar sempre uma nova notícia e manter-se em conjunção com o saber rápido.

Nesse estado de constante busca pelo novo saber, o sujeito passa por estados de foria: ora próximos da euforia, momento em que adquire o saber; ora da disforia, quando conclui a leitura da nota e parte em busca de novidades. A relação do jornal *on line* com seu público-leitor pode ser pensada nesses termos à medida que o momento da disforia já pressupõe outro de euforia. Ao intercalar este saber e não-saber, presume a busca de um saber contínuo. Como as notícias do jornalismo *on line* são fragmentadas, essa mescla de tensão e relaxamento acompanha o processo de aquisição de conhecimento, configurada na junção instável. E isso não se refere especificamente a uma notícia ou outra, a matéria propriamente dita, a nota inserida; é no conjunto de exibição das informações, na cobertura como um todo, e na própria distribuição das notas diárias, que se percebe essa estratégia discursiva. E o tempo, nesse caso, é o grande recurso que vai organizar essa distribuição, já que é nos minutos que diferenciam uma novidade da outra que o jornal mantém esse estado tensivo. “A notícia nem precisa ser disfórica (uma tragédia) para despertar a atenção e produzir curiosidade no público-alvo. O querer-saber, no entanto, parece ser sempre disfórico, por vincular-se a essa falta vivida pelo sujeito” (HERNANDES, 2005: 67).

Tatit (2005) explica essa relação entre a passagem desses valores tensivos pelo sujeito e detalha os aspectos sensíveis na formação do sentido. Sua explicação pode ser adaptada ao conceito de jornalismo na *web* porque este, como destinador, precisa criar no destinatário a sensação de incompletude, de fragmentação, para que instigue uma nova ação: procurar uma outra notícia entre as publicadas em sua página na *web*. Sempre.

A euforia opera a passagem das relações tensivas, caracterizadas por rupturas, às relações relaxadas, as que restabelecem os elos contínuos

entre os elementos. Contrariamente, a disforia compreende a passagem das continuidades às descontinuidades que geram tensões” (p. 199)

Relação tensiva no jornalismo *on line*:

<i>Disforia/ tensão/ querer-saber/</i> ↔ <i>Euforia/ relaxamento/ ter o saber/</i>
--

Na cobertura das rebeliões provocadas pelo PCC esses estados de disforia e euforia foram perceptíveis no montante de notas. Uma média de cinco a sete minutos entre uma notícia e outra, deste mesmo assunto, foram inseridas no site diariamente. Isso sem contabilizar as notas de outros assuntos, publicadas nos mesmos dias, que pressupõem intervalos ainda menores. Não é possível ter acesso ao total de notas publicadas, dos assuntos variados, pelo sistema de busca do **CGNews**. No entanto, se avaliarmos que o jornal, embora tenha priorizado esta pauta, costume, diariamente, trabalhar com assuntos variados em seus 12 Canais temáticos, é possível afirmar que o destinatário não pôde permanecer relaxado. Em pequenos intervalos de tempo, novas e novas notícias sobre o acontecido e outros temas eram inseridas no *site*.

Se por um lado essa estratégia garantiu o efeito de rapidez ao jornal, e manteve o contrato de oferecer novidades a todo o momento, por outro gerou um problema do ponto de vista da notícia: como a expectativa da cobertura corre mais rápido que os acontecimentos, e o jornal precisa de novas informações para manter-se atualizado, parte das matérias não trouxe informações novas, apenas reafirmações de fatos já noticiados, criando um efeito de sentido de novidade, ainda que, efetivamente, não fossem diferentes dos fatos noticiados anteriormente. No dia 15 de maio, por exemplo, assim que começaram as movimentações no presídio e a rebelião foi dada como iniciada na Penitenciária de Segurança Máxima de Campo Grande, as três primeiras matérias divulgadas pelo **CGNews** repetiram a mesma notícia, com uma roupagem diferente. Com uma diferença de 15 minutos entre a primeira e a segunda nota, e depois de seis minutos entre a segunda e a terceira, as publicações apenas maquiaram o acontecimento, em alguns casos, inclusive, repetindo o texto na íntegra. Novidades só nas primeiras linhas e, neste caso

específico, apenas descrições configuraram como de relevância para manter o *site* atualizado.

Exemplo:

Quadro comparativo dos assuntos tratados nestas notas citadas

Assuntos tratados nas matérias	1ª nota	2ª nota	3ª nota
Rebelião começou há pouco	X	X	X
Polícia cerca o local /reforço	X	X	X
Ouvem-se tiros	X	X	X
É dia de visita	X	X	X
Suspeita da ligação com o PCC	X	X	X
Desespero de familiares		X	X
Descrição das companhias de segurança			X
Suspeita de feridos			X

Nesta descrição é possível notar que as duas notas anteriores à primeira, com exceção da descrição das companhias da Polícia Militar que ajudavam no reforço policial, não trouxeram informações efetivamente novas. Nada que configurasse uma notícia, orientada pela originalidade, repercussão, importância social, foi publicada, além de especulações sobre suspeita de feridos e a descrição emotiva do fato.

4.6 Verificação

A relação entre o destinador e o destinatário não se resume à ação de manipular. Para que a manipulação seja aceita é preciso que o destinatário reconheça o discurso como eficiente e compartilhe dos mesmos valores, ou seja, realize o *fazer interpretativo*. A esta etapa, em que o sujeito vai interpretar a manipulação, a semiótica chamou de Modalização do Ser e que vai, por meio da articulação dos verbos *ser* e *parecer*, *delegar as qualidades de Verdadeiro* (quando o dizer *parece* e *é*); *Mentiroso* (quando o dizer *parece* e *não é*); *Falso* (quando o

dizer *não parece e não é*); ou Secreto (quando o dizer *não parece e é*), ao enunciado.

Para construir uma interpretação, o destinatário deve supor que o produtor do enunciado respeita certas “regras do jogo”: por exemplo, que o enunciado é “sério”, que foi produzido com a intenção de comunicar algo que diz respeito àquele a quem é dirigido. (MAINGUENEAU, 2005: 31)

Na análise do nível anterior já foi apresentado o conceito de “verdade dos fatos” do ponto de vista da semiótica, ou seja, a verdade do ponto de vista filosófico não faz parte das preocupações da teoria, mas o discurso deve criar essa sensação de verdade.

Com a modalização veridictória substitui-se a questão da verdade pela da veridicção ou do *dizer verdadeiro*: um estado é considerado verdadeiro quando um sujeito, diferente do sujeito modalizado, o *diz verdadeiro*. Parte-se do parecer e do não-parecer da manifestação e constrói-se ou infere-se o ser ou o não-ser da imanência”. (BARROS, 2005, p. 46).

Essa discussão é retomada aqui porque para garantir o contrato de informar, o jornal precisa publicar uma notícia cujo enunciado pareça verdadeiro, coerente dentro do seu contexto, do seu suporte, da sua narrativa. Se o jornal diz que a rebelião está tranqüila e em seguida anuncia um detento decapitado por companheiros de cela, não se questiona a veracidade do dito, mas o seu parecer, que se mostra incoerente. Numa cobertura movida pelo tempo o contrato prevê duas cláusulas: agilidade (em um só clique), e coerência (conceito de notícia).

Para a análise do parecer veridictório no *corpus* desta dissertação foram definidos três temas-chave, que no todo configuram o conjunto temático da cobertura. Essa escolha também levou em consideração que estes foram os assuntos mais tratados durante toda a apuração e constituem o conjunto de notas menos descritivas, que permitem uma avaliação da narrativa e não de um olhar do jornalista sobre a reportagem. Assim, o estudo da veridicção, que vai permitir conhecer o *fazer-interpretativo* do destinatário vai analisar as matérias que trataram da:

- ligação da rebelião com o PCC, que é apontado como o grande articulador das rebeliões e, portanto, o actante principal;

- existência ou não de mortos, já que este foi o assunto mais discutido no conjunto de notas publicadas; e
- identificação do preso decapitado, uma vez que esta notícia foi a mais impactante, pelo seu caráter emotivo, entre os assuntos noticiados.

A possível ligação entre as rebeliões dos presídios em Mato Grosso do Sul e a facção criminosa paulista começou a ser especulada pelo **CGNews** antes mesmo das movimentações iniciarem. No dia 13 de maio, a primeira nota referente a uma possível ação no Estado – **PM do Estado está em alerta devido represálias do PCC (17h13)** – dizia que a polícia estava em alerta. A informação parecia coerente, à medida que a nota narrava o fato de os policiais visitarem as unidades penais para se certificarem de que tudo estava calmo. A nota seguinte – **Agentes do 7º DP recebem suposta ameaça do PCC (21h44)** – manteve o sentido e narrou detalhes da ação do polícias. A dificuldade em se manter o efeito de sentido de dito verdadeiro aconteceu mesmo no dia seguinte, quando a rebelião iniciou-se. A nota de abertura da revolta – **Presídio de Segurança Máxima enfrenta rebelião (11h40)**- anuncia a ação no presídio e diz que não se sabe se há relação com o PCC. Quinze minutos depois, sem dizer a fonte da informação, o jornal assume que “há informações de que esteja relacionada com a ação do PCC” – **Desespero toma conta de familiares no Segurança Máxima (11h55)**. Passados outros 17 minutos, o jornal contradiz sua própria notícia e reafirma que “ainda não há informações se o motim tem relação com as rebeliões que estão ocorrendo no Estado de São Paulo, atribuídas a facção criminosa PCC”. Já às 12h42 o *site* reafirma, tendo como base uma fonte Oficiosa (um policial/ não identificado), que “a ação é uma extensão dos motins que estão ocorrendo no Estado de São Paulo, atribuídos à facção criminosa PCC”. As notas seguintes, inseridas na página, reafirmavam a relação, mas foi somente às 13h01, com a matéria **Agpem atribui à facção criminosa rebeliões em MS** que a informação foi confirmada, ou seja, 1h46 minutos depois de já ter sido assumida pela primeira vez pelo jornal, e desmentida logo em seguida.

Exemplo:

Relação da rebelião de MS com o PCC/ 15 de maio

Jornal divulga a informação pela primeira vez	Jornal confirma a informação
Desespero toma conta de familiares no Segurança Máxima (11h55).	Agepem atribui a facção criminosa rebeliões em MS (13h01).

Confirmada a ação do PCC, a divulgação do número de mortos durante a rebelião foi o assunto que mais tomou espaço entre a apuração do **CGNews**. Dos títulos publicados, 20 tiveram o número de mortos como enfoque; já, das 108 matérias que completam esta cobertura, 41 fizeram referência ao número de mortos, ou seja, 40% delas trouxeram informações sobre este dado. Com tanta divulgação sobre o assunto, não seria arriscado dizer que esta foi realmente a notícia de maior interesse e a que o jornal assumiu como a mais importante, a que seu leitor não poderia deixar de saber, a todo momento. Ao ser assim, tão destacada, deveria, do ponto de vista da veridicção semiótica, parecer verdadeira (*parece e é*).

Depois de ter divulgado o número de mortos pelo PCC em São Paulo, em todas as notas publicadas no dia 13 de maio, quando a rebelião começou em Mato Grosso do Sul, no dia 14, ainda que não soubesse oficialmente da relação do movimento com a mesma facção, o jornal foi em busca de saber sobre assassinatos também no Estado. Uma hora depois de ter anunciado a rebelião, o *site* já especulava, na nota **Presídio é cercado; há suspeita de reféns no local (12h01)** sobre a possibilidade de um ferido. Como escreveu: “Informações extra-oficiais dão conta de que uma pessoa estaria ferida. Diversos tiros foram dados de dentro do presídio [...]”. Já às 12h32 esse possível ferido torna-se “mortos”. Na nota inserida neste horário – **Quatro presídios de MS têm rebeliões simultâneas (12h32)** – o jornal assumiu o dito de que “há informações, não confirmadas, de familiares, de que existem mortos em Campo Grande”. Dez minutos depois esses “mortos” de informações não confirmadas de familiares tornar-se-iam “seis mortos”. Apesar de publicar o número de morte no título – **Rebelião teria provocado 6 mortes, dizem familiares** - e escolhido uma fonte Generalista, já que não informou o nome e o sobrenome do informante, o redator da matéria não quis dar crédito a sua própria apuração. Isso pode ser confirmado no corpo do texto, quando escreveu: “A rebelião no Estabelecimento Penal de Segurança Máxima de Campo Grande, que começou por volta das 11h30 de hoje, já teria provocado seis mortes, segundo informações de parentes dos detentos. Eles “teriam” contado à equipe de reportagem que presos

teriam ligado de dentro da unidade e informado sobre as mortes”. Nem mesmo a captura da informação o jornal quis assumir, para manter o efeito de verdadeira. Quem fechou a página do *site* neste momento não ficou sabendo, por exemplo, oito minutos depois, que outros familiares teriam dito que não havia mortos. O jornal recorreu novamente a outra parcela de familiares, todos não identificados, e publicou a nota **Parentes de presos começam a ser liberados da Máxima (12h50)** em que estes negavam a existência de mortos.

Depois de uma espera de aproximadamente uma hora sem saber se havia mortos ou não, o jornal recorre a outra fonte oficiosa, desta vez agentes do Corpo de Bombeiros, não identificados e sem autorização para responder pelo órgão, e divulga quatro mortos: **Bombeiros confirmam quatro mortos em presídio (13h23)**. As notas seguintes foram reafirmando as quatro mortes até às 19h21, quando o jornal dá voz ao comandante do Cigcoe (Companhia de Gerenciamento de Crises e Operações) da Polícia Militar, e nega a existência de pessoas assassinadas no presídio – **PM diz que não há mortos no presídio de Campo Grande -**, seis horas depois de maciça reafirmação do assassinato de quatro pessoas.

Apesar das informações extra-oficiais parecem, até o momento, pouco confiáveis, já que não se confirmavam conforme números da Polícia Militar, na madrugada do dia 15 de maio, o **CGNews** voltou a entrevistar policiais não autorizados e retomou com o número de mortes, desta vez, de dois internos – **Detento diz que dois internos foram mortos em rebelião (02h05)**. Sem fazer referência ao número de dois mortos, às 5h48 do mesmo dia o jornal publica, ainda sem informação oficial, o nome de um dos mortos. Em **Identificado preso que teria sido morto em rebelião** o jornal continua duvidando da morte, a confirmação é a escolha do verbo “teria” no título, ainda assim divulga o nome do detento possivelmente morto e não relembra que, havia poucos minutos, tinha dito se tratar de dois mortos.

No início da manhã o comandante da PM confirmou para o jornal, conforme nota inserida às 7h30, que “pelo menos três presos morreram”. Às 8h10, outro comandante da Polícia Militar divulga quatro mortes. Na seqüência o jornal voltou a confirmar apenas uma morte, na nota **Raufi acredita em fim de rebeliões até o fim da tarde (11h21)**; e logo em seguida, às 13h30, com informações não oficiais, publica **Na Máxima, mais um detento teria sido decapitado**. A última nota sobre o assunto foi publicada às 20h46 – **Varredura da PM confirma apenas uma morte**

na **Máxima** – não citou o fato de o jornal ter oscilado de seis a nenhuma morte, até chegar ao consenso de um só caso oficial.

Exemplo:

Índice de notas que trataram do número de mortos na rebelião

Notas	Número	%
Matérias que trataram do tema número de mortos no título	20	19%
Matérias que trataram do tema número de mortos no corpo de texto	41	40%

Exemplo:

Números de mortes divulgadas no CGNews

Dia 14 de maio de 2006	
Horário da nota	Número anunciado de mortes
12h01	Suspeita de um ferido
12h32	Existem mortos
12h42	São 6 mortos
12h50	Não há mortos
13h23	São 4 mortos
19h21	Não há mortos
Dia 15 de maio de 2006	
Horário da nota	Número anunciado
02h05	São 2 mortos
05h48	Há um morto
07h30	Pelo menos 3 mortos
08h10	São 4 mortos
11h21	Apenas um morto
13h30	Mais um decapitado (2)
20h46	Confirmada uma morte

Enfim, depois de ter anunciado seis mortes no início da cobertura, e uma seqüência de terror que oscilava entre esses valores, o *site* termina a apuração com o dado oficial de um assassinato. A última nota sequer faz referência, para justificar, às notas anteriores.

O terceiro momento escolhido para servir como base para que o sujeito analise, por meio do *fazer-interpretativo*, se a cobertura pareceu verdadeira, foi a identificação do detento decapitado. A escolha justifica-se pela importância da informação parecer real, uma vez que a divulgação de um nome equivocado poderia causar problemas sérios entre possíveis familiares que estivessem acompanhando o desenrolar dos acontecimentos por meio do jornal e comprometer a credibilidade do veículo. Quando, no dia 15 de maio, publicou **Identificado preso que teria sido morto em rebelião (05h48)**, o **CGNews** não tinha certeza da identidade da vítima. Isso se confirma no título, como a construção da frase “teria sido morto”; e reafirmada no corpo do texto quando escreveu: “Fernando Eloi Nascimento seria o preso assassinado pelo internos”. Enfim, ainda que não soubesse o nome, e mesmo já tendo acompanhado os equívocos, que até aquele momento as fontes oficiais vinham concedendo à cobertura em relação ao número de mortos, o jornal divulga o possível nome do rapaz assassinado. Esse nome foi repetido nas notas seguintes que narraram a rebelião, sempre deixando margem para dúvidas. Somente às 10h10, ou seja, quase cinco horas depois de ter especulado, o jornal confirma a informação e o nome do rapaz assassinado na nota **Detentos exibem cabeça de presidiário assassinado**.

Exemplo:

Identificação de detendo decapitado

Divulgado nome de rapaz decapitado	Confirmado nome de rapaz decapitado
05h48 – Identificado preso que teria sido morto em rebelião	10h10 – Detentos exibem cabeça de presidiário assassinado

Ao término da cobertura, o fato de o jornal contradizer a si mesmo em vários momentos, especular informações não confirmadas, arriscar dados que poderiam ou não ser averiguados, embora tenham conseguido manter um fluxo constante de matérias e parecer em tempo real, não conseguiu assegurar o efeito de verdadeiro (que *parece* e *é*). Do ponto de vista semiótico a cobertura classifica-se como mentirosa (*parece*, mas *não é*). Anunciar o fato que ainda não aconteceu

aparentemente é um recurso usado pelo jornalismo em tempo real justamente pela necessidade mecânica de dar conta dessa cobertura meteórica. O próprio jornal assumiu, no fim da noite do dia 15, em nota não assinada – **Indústria de Boatos (23h00)** – que a cobertura ficou comprometida. O comentário, de sete linhas, não criticava a postura do jornal, mas tentava justificar os equívocos.

Exemplo:



Figura12: Em nota jornal critica publicação de boatos durante cobertura sobre rebeliões no Estado

4.7 Nível Fundamental ou Profundo

No Percurso Gerativo de Sentido a análise de um texto parte do seu conceito mais elementar para o mais abstrato. Embora o Nível Fundamental seja a etapa elementar do percurso, a sua visualização fica mais evidente e menos passível de erro depois de percorrida toda a trajetória narrativa e discursiva. Nesta etapa do Percurso é onde se encontram as oposições semânticas mínimas e onde fica explícita a fronteira entre pólos contrários dentro da enunciação. “No nível das estruturas fundamentais, ponto de partida da geração do discurso, determina-se o mínimo de sentido a partir de que o discurso se constrói” (BARROS, 2005^a, p.77).

De maneira estrutural, esse nível é melhor visualizado por meio do quadrado semiótico, uma estrutura metodológica que opõe termos contrários e contraditórios. “A representação pelo quadrado das estruturas elementares do texto permite visualizarem-se as relações mínimas que o definem, o denominador comum de cada texto” (idem, p. 78).

No Nível Profundo ficam resumidos todos os conceitos articulados anteriormente nos níveis Discursivo e Narrativo. A figura geométrica do quadrado, proposta por Greimas, prevê a passagem de uma categoria para outra de uma maneira lógica, sendo que nele um termo antes deve ser negado para depois ser afirmado. O modelo, tipicamente estrutural, resiste ainda hoje entre os pesquisadores da área, ainda que novas abordagens, sobretudo a semiótica tensiva, sugiram modelos menos restritivos que este, que resume todo o texto a uma ou mais oposições semânticas.

Para esta análise optou-se por usar o quadrado tradicional, por entender-se que ele mostra com bastante propriedade o resultado da influência do tempo numa produção jornalística. Na cobertura das Rebeliões pelo jornal *on line* **CGNews** é possível dizer que, movido pela aceleração do tempo, acertado no contrato fiduciário, o jornal comprometeu-se a oferecer sempre, rápida e eficientemente, uma notícia “quente”, e usou estratégias de manipulação para dar a impressão de que o leitor teve sempre ao seu alcance novidades. No entanto, a cobertura, ao ser classificada, enquanto efeito de veridicção, como *mentirosa*, não conseguiu cumprir com eficiência a segunda cláusula do acerto fiduciário, o de noticiar, que pressupõe uma coerência na narração.

Nesta narrativa, o jornal euforiza a agilidade, a possibilidade de saber antes, mas também o saber preciso, alicerçado no que entende por notícia, comprovado, inclusive, na nota do próprio jornal, que distancia boato do que assume como notícia. Até chegar a estrutura elementar poder-se-ia passar por outras etapas, como Notícia x Boato, por exemplo. A primeira oposição não poderia ser a mais elementar porque o jornalismo também publica boatos, basta pensar nas revistas e colunas de focos sobre artistas ou políticos. Ainda que o próprio *site* posicione-se como um crítico deste modelo de noticiar, a oposição estaria comprometida, por causa deste contra-argumento.

Assim, propõe-se uma oposição mais elementar ainda, Precisão x Dúvida, que agrega as duas cláusulas do contrato, a agilidade e o parecer real. No caso da

Por fim, Preciso e Duvidoso, oposições semânticas representadas no Quadrado Semiótico, são o ponto de partida para a geração de sentido do discurso movido pelos preceitos tradicionais do jornalismo, acrescido do caráter temporal, típico dos veículos *on line*.

Em diálogo com os níveis anteriores, pode-se dizer que esta oposição ratifica-se, entre outras maneiras, da seguinte forma:

O jornal foi preciso quando ...	O jornal foi duvidoso quando ...
Usou recursos lingüísticos subliminares que garantiram efeito de tempo real	Repetiu informações para garantir efeito de real
Usou fontes Oficiais	Usou de forma abusiva fontes Generalistas e Oficiosas
Fez uso de citações que configuraram efeito de realidade ao discurso	Não fez uso de citações e baseou seu discurso apenas na descrição do repórter
Usou fotografias para confirmar a descrição do repórter, garantindo a confiabilidade do dito	Não ilustrou suas reportagens com fotografias
Noticiou antes do concorrente	Quando especulou assuntos dos quais não tinha certeza
Publicou nota criticando boatos	Não publicou errata

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor”

(Gabriel García Márquez)

Noticiar um fato é recortar parte da realidade. E já que significa reduzir uma porção dos acontecimentos, para minimizar incorreções é preciso suprir o máximo de possibilidades, o que no jargão jornalístico significa fazer uma “boa apuração”. Na edição de domingo, dia 5 de março de 2006, no *Jornal Folha de São Paulo*, sessão Folha Opinião, Clovis Rossi, no texto “O que você não lerá”, escreveu que a melhor definição de reportagem que ouviu foi a do jornalista Carl Bernstein, um dos dois repórteres do caso Watergate, que dizia, segundo publicou no artigo: “Reportagem é a melhor versão da verdade possível de obter”.

Partindo desta definição não é arriscado dizer que “uma versão próxima da verdade” não pode ser sinônimo de especulação ou boataria. Não vamos discutir aqui a possibilidade de chegar-se à “verdade” ou não, porque como já foi apresentado nos capítulos anteriores, para a Semiótica Francesa a “verdade” é uma construção discursiva. O resultado desse estudo não questiona o interesse ou a despreocupação do jornalismo *on line* em provar a “verdade” daquilo que reporta, mas o fato de que na pressa em noticiar aquilo que vê, guiado pela rapidez e pelo fluxo quantitativo, este suporte não consegue cumprir com um acordo elementar do contrato jornalístico: oferecer uma informação precisa e checada.

Se os depoimentos que dão origem a essas reportagens são honestos, se as pessoas escondem interesses, se deturpam o que viram, não cabe questionar, porque esse tipo de indagação está além das possibilidades de confirmação da notícia. Mas é preciso buscar entrevistados com pontos de vista diferentes, é preciso descrever as situações e perguntar-se a quem elas interessam? A quem prejudicam? Enfim, não é possível fazer jornalismo responsável sem ouvir as pessoas, sem conferir o que dizem, sem questionar o que se apresenta. Não se faz jornalismo de descrição. É necessário apurar.

A atualização instantânea, conforme mostrou a análise do caso das rebeliões provocadas pelo PCC em Mato Grosso do Sul, e acompanhadas minuto a minuto pelo site **CGNews**, inverte os valores de seleção das matérias: chegar na frente do concorrente é mais importante do que dar uma notícia com precisão (leia-se, com apuração concluída). Uma postura que, inclusive, é questionada pelos próprios manuais de Jornalismo. É o caso do *Manual de Redação e Estilo do Jornal O Estado de S.Paulo* que diz: “Não há ganho de tempo que compense os riscos de uma notícia feita por antecipação” (MARTINS, 1997, p. 195).

É certo que se poderia questionar que esse, como outros manuais da área, não foram criados para os suportes na Internet e que guiam trabalhos nas Redações de jornais impressos. Mas, cabem aqui duas ressalvas: a primeira é de que os manuais de Redação, embora tragam capítulos específicos de estilo para cada veículo que o publica, tratam, em itens como *Procedimentos*, ou *Gramática* de orientações gerais da postura jornalística para qualquer suporte; segundo, esses manuais também são fontes de orientação para as versões *on line* das empresas que os publicaram, por exemplo, *Manual de Redação da Folha de São Paulo* não é diferente para o jornal da *web* *Folha On line*; da mesma maneira o *Manual de Redação e Estilo do Jornal O Estado de S.Paulo* não é distinto para a *Agência Estado*.

Não caberia aqui repetir, um a um, os apontamentos da análise, já que cada término de apresentação, seja nos apontamentos sobre as escolhas dos tempos verbais, tipos de fontes, uso ou não de fotografia e outros tópicos utilizados no estudo da cobertura sobre as rebeliões, trouxe, no corpo do texto, também uma reflexão das escolhas e o que isso comprometeu ou assegurou de credibilidade na produção do Jornalismo na *web*. Em caráter mais reflexivo vale dizer que a cobertura em tempo real comprometeu a qualidade da reportagem como um todo, tanto na escolhas discursivas, com tempos verbais que deixam espaço para dúvida; como na seleção das fontes de informação, que não garantiram efeito de realidade por apresentarem-se como uma generalização precipitada de parte da sociedade³⁹; a quase total inexistência do recurso do discurso direto, que na formatação do texto jornalístico garante o sentido de autenticidade e confiabilidade, já que por meio

³⁹ Termos como “familiares” e “soldados da PM” são genéricos demais e não identificam os falantes por nome e sobrenome, ou seja, não garantem a autenticidade da fala; além disso, não representam, tampouco, a voz oficial do órgão que representam, no caso da Polícia Militar.

deste recurso o leitor tem conhecimento do que foi dito na íntegra; a falta de imagens para confirmar o dito; além, é claro, da massa de notícias especulativas, que se desmentiram uma a outra durante toda a cobertura, sem, em nenhum momento, apresentarem referência ao equívoco anteriormente publicado.

Na busca pela rapidez, o jornal oscilou entre eficiente e ineficiente em níveis quase paritários, o que compromete a própria credibilidade do veículo e do próprio jornalismo. E mais, confirma que a agilidade nessas proporções compromete a informação e o fazer jornalístico. Errar todos os jornais erram, sejam eles no suporte em que se apresentarem, mas uma proporção de erro quase que igualitária à proporção de acerto pede, no mínimo, uma reflexão sobre o modo de produção desse produto. E, se não isso, que pelo menos esse veículo mantenha a prática de, na mesma agilidade com que publica o equívoco, use também a errata, um recurso praticamente ignorado no *site*.

Não se trata de mostrar aqui o potencial analítico do jornalismo impresso ou de veículos mais lentos, mas o que parece lógico é que o ineditismo e a agilidade devem manter, ainda que para isso tenham de publicar informações com minutos de atraso, os mesmos compromissos com a responsabilidade social daquilo que anunciam. Quando se publica nota após nota especulação sobre número de pessoas mortas numa rebelião que promete demorar horas, sabendo que pessoas, amigos, conhecidos, parentes podem estar acompanhando esses fatos, o Jornalismo torna-se irresponsável, sem compromisso nenhum com seus leitores, negligente com relação à própria imagem.

Neste parâmetro vale dizer que, se até então, discutir a questão da edição de temas na imprensa e sua responsabilidade com o leitor era entender que as verdades veiculadas na mídia não passavam de mercadoria e estariam vinculadas a questões ideológicas e editoriais de cada veículo, entender a notícia do jornalismo *on line* é acrescentar que, além de fragmentada, essa verdade também é provisória. E aqui se abre um parêntese para dizer que não é provisória, apenas, como um fato temporário – o que não seria novidade em nenhum suporte da mídia, uma vez que a imprensa sobrevive dessas certezas cada dia mais atuais –, mas provisória no sentido de ser constantemente substituída por outra, sem correspondência alguma com aquela que a gerou, ou seja, nesse contexto as notícias tornam-se descartáveis, sendo que uma desmente a outra, como se não pertencessem à mesma cobertura, ou mesmo a um único veículo. São notícias, muitas vezes,

contraditórias, quando não com intenções ideológicas conflitantes, que trocam de posição minuto a minuto.

Em Mato Grosso do Sul, depois de controlada a ação pela segurança do Estado, o saldo oficial, inclusive divulgado nos dois jornais eletrônicos, no dia seguinte à rebelião – 15 de maio de 2006 – foi de uma morte entre os rebelados, policiais e familiares. Não houve confirmação do número de feridos nem do total de reféns durante a ação. Antes de se chegar a essa conclusão, os dois veículos publicaram uma seqüência de mais de 12 horas com notícias de apuração truncada, que se desmentiam a cada nova inserção; e fontes incertas, ou seja, àqueles a quem o jornal deu voz não assumiram o discurso, eram familiares de presos sem nome, bombeiros sem a indicação de quem falava. Poucas das dezenas de notas confirmaram-se até o fim da ação policial. O *site*, assim como outros concorrentes diretos ou parceiros, sequer desmentiu as informações arriscadas como tiros sem alvo. Inclusive, nos balanços publicados durante a apuração, as especulações continuaram. Às 22h40 o **CGNews** colocou no ar o balanço de sua cobertura com o título **Domingo de Claos em presídios das maiores cidades de MS**. A matéria mantinha as incertezas sobre o número de mortos – “há informação não confirmada de quatro mortes” – e não fazia referência a outras estimativas de assassinatos publicadas à tarde, que chegou a anunciar seis óbitos. O **MídiaMaxNews**, outro *site* que acompanha minuto a minuto o mesmo acontecimento, publicou um balanço adiantado, às 16h54, ainda com notícias que não corresponderam ao número oficial divulgado no fim da atuação da polícia. A matéria do balanço recebeu o título **PCC faz rebelião em 4 presídios de MS, mata quatro e mantém cerca de 420 reféns**. A última nota do dia sobre o assunto, nos dois *sites*, não corrigiu as informações equivocadas, inseridas durante toda a cobertura.

Numa mídia *on line*, orientada pela necessidade de informação em tempo real, a importância dada ao volume de notas, em detrimento da qualidade, pode levar a publicação de notícias sem coerência alguma com as próprias orientações do veículo. Sem este recorte, a informação noticiosa fica muito mais próxima da ficção, ainda que busque efeitos de sentido para afirmar-se como realidade. Parece óbvio que o discurso do jornal coloca o fato narrado como publicado em tempo real, ainda que seja produzido num tempo anterior ao seu acontecimento e também anterior à recepção do leitor, portanto, já checado e, uma vez estando no passado, inquestionável.

Neste sentido, vale dizer que enquanto efeito de rapidez, de atualização, ou para usar o termo proposto nesta dissertação, de “presentificação”, a apuração na *web* alcança seu objetivo com eficiência. Os recursos lingüísticos e de distribuição na página mantiveram, sim, o efeito de “estar acontecendo” no momento em que são reportados, e nisso o jornalismo *on line* tem seu mérito. O problema é que na preocupação em manter esse efeito é mais importante e se apresenta como a única coisa que realmente interessa, como se fazer jornalismo na Internet não fosse fazer jornalismo tradicional, mas dizer qualquer coisa, a fim de ter algo novo a ser comentado. É o que Virilio (1996) já tinha anunciado, quando constatou que, hoje, consome-se a velocidade, não a notícia. Não há comunicação de fato, apenas uma excitação de estar a todo momento sendo estimulado com novas e novas informações, possíveis ou simplesmente imaginadas.

Das hipóteses apresentadas⁴⁰ no início desta pesquisa, todas foram confirmadas. No entanto, a segunda delas, que trata do novo conceito de notícia para o jornalismo *on line*, depois deste estudo, mostra que não pode ser pensada nesses termos. Inicialmente imaginou-se que seria um novo modelo de notícia que se estaria criando, cogitou-se até em usar o termo “e-notícia”. Mas, na verdade, não é um novo conceito de notícia que deve ser criado para adaptar-se ao modelo de jornalismo na *web*, mas, sim, este modelo rever seu modo de tratar a notícia. Já que noticiar não pode ser aceito com tranquilidade como se fosse sinônimo de desinformação.

O valor do discurso jornalístico está ligado a sua capacidade de construir a ilusão de real. Sem isso, não há notícia, não há informação e a sanção será a desmoralização do veículo. E é sobre essa massa de especulação que parece estar intrínseca num veículo focado na produção instantânea que este estudo propõe a reflexão.

⁴⁰ As hipóteses apresentadas foram:

- o “tempo real” é uma construção discursiva que o jornalismo *on line* usa para oferecer ao leitor a sensação de que a leitura dos acontecimentos são concomitantes ao momento em que eles acontecem;
- o jornalismo *on line* cria um novo conceito de notícia e esta é contraditória à prática de apuração da imprensa até então;
- a notícia nos veículos *on line* não tem o objetivo de formar opinião, mas apenas pautar assuntos;
- como no jornalismo *on line* os jornalistas precisam abastecer seu veículo minuto a minuto – tempo controlado nas redações - então praticamente TUDO É NOTÍCIA.
- o tempo, e não mais o interesse do leitor, seria a premissa que moveria e guiaria a seleção de notícias no jornalismo *on line*.

A pergunta que se faz é: Haverá mercado para o novo jornalismo, mantendo uma cobertura rápida, mas não com a mesma obsessão por chegar minutos antes do concorrente? Ao que parece sim, já que a orientação do discurso em “tempo real” atende muito mais as exigências do mercado que do próprio leitor. É claro que isso são só conjecturas, porque o que interessa de fato não é saber se há mercado para um novo modelo de jornalismo *on line*, mas se o jornalismo *on line* atual é capaz de contribuir para a formação da capacidade crítica de ver o mundo e contribuir para o avanço da imprensa enquanto voz da sociedade.

Rabelo (2000) ao discutir o jornalismo contemporâneo, faz uma apologia ao tempo mais lento. Defende que a rapidez não sustenta a expectativa do público e que a sociedade acelerou tanto suas relações que em breve toda essa rapidez deverá ser questionada. Fato que, segundo o autor, já começa a despontar, ainda que de maneira discreta. Conforme conta, no Peru, o direito à sesta é legislado desde os anos 80. Na Califórnia, diz o autor, a Fundação *Long Now* tem um programa para constituir uma Biblioteca do Tempo mais Longo; e na Holanda há uma sociedade para a Cronobiologia, que defende a causa dos ritmos biológicos. Enfim, mais lento ou mais rápido, o certo é que a produção da imprensa precisa repensar seu modelo na *web*, que tem, sim, dado grandes contribuições a difusão do saber, mas também tem deixado a desejar em critérios de seleção, em qualidade de apuração e em capacidade de levar seu leitor a questionamentos críticos da realidade.

REFERÊNCIAS

Site *Campo Grande News*, disponível em: www.campogrande.com ou www.campograndenews.com.br

Site *Mídia Max News*, disponível em: www.midiamax.com ou www.midiamaxnews.com.br

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Coleção Os Pensadores. Editora Nova Cultural: São Paulo, 1996. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J; e A. Ambrósio de Pina, S. J.

BACCEGA, M.A. *Da palavra ao discurso. História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Comunicação e linguagem: discursos e pesquisa*. São Paulo: Moderna, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Estudos do discurso*. In: FIORIN, José Luis (org). *Introdução à lingüística II: princípios e análises*. São Paulo: Contexto, 2005, p.187-219.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005a.

_____. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENITES, Sonia Aparecida Lopes. *Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico*. São Paulo: Arte e Cia Editora, 2002.

BUENO, Iury Carlos. *O gato e a pomba*. Artigo apresentado como trabalho da disciplina de Introdução à Semiótica, no Mestrado em Estudos de Linguagem da UFMS. Campo Grande, 2006.

BUENO, Thaísa Cristina. *Realidades interiores*. Monografia apresentada para obtenção do título de especialista no Curso de Pós-Graduação em Imagem e Som, Departamento de Arte e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004.

CALDAS, Álvaro (org). *Deu no jornal – o jornalismo impresso na era da internet*. São Paulo: Edições Loyola. 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex (org). *Jornalismo e literatura – a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002. (Coleção Ensaios Transversais).

CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHAPARRO, Carlos. *Reportagem exemplar de Rubens Valente*. <http://www.ultimanoticias.com.br>. Acessado em agosto de 2006.

COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993. (Coleção Fundamentos).

DISCINI, Norma. *Comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.
_____. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2004.

DURIGAN, Marlene. *Discurso científico e impessoalização*. In: Anais do XIV Seminário do CELLIP. Curitiba-PR: Universidade Federal do Paraná, 2001, p. 311-318.

ERBOLATO, Mário. *Técnica de decodificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 1991.

ERCÍLIA, Maria. *A internet*. São Paulo: Publifolha, 2000. (Coleção Folha Explica).

FECHINE DE BRITO, Yvana Carla. *Televisão e presença - uma abordagem semiótica da transmissão direta em gêneros informativos*. Tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Semiótica, 2001.

FERRARI, Pollyna. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.
_____. (Org.) *Introdução à lingüística I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2005a.

_____. (Org.) *Introdução à lingüística II. Princípios e análises*. São Paulo: Contexto, 2005b.

_____. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2005c.

_____. *O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa*. <http://www.glossematica.net/forum/semisetp.htm>. Acessado em outubro de 2005d.

_____. *O ethos do enunciador*. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata (org). *Razões e Sensibilidade: a semiótica em foco*. Araraquara (SP): Cultura Acadêmica, 2004, p.117-138.

_____. (org). *A noção de texto em semiótica*. v.9, 1995, p.163 - 173.

_____. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. Delta Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v.15, 1999, p.177 - 207.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual de redação da Folha de São Paulo*. Publifolha: São Paulo, 2002.

FONTANILLE, Jacques ; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001.

FOUCAUL, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Vigiar e punir – história da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *As novas configurações do jornalismo no formato on line*. <http://www.eptic.com.br/Franciscato.pdf>. Acessado em agosto de 2006.

GREIMAS, Algirdas ; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, s.d.

_____. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1966.

_____. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

_____. *Semiótica do discurso científico (análise de um texto de Georges Dumézil)*. São Paulo: Difusão Editorial, 1976.

GREIMAS, Algirdas; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Editora Ática, 1993. (Série Temas).

GREGOLIN, Maria do Rosário (org). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos).

GURAN, M. *Linguagem e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

HENN, Ronaldo. *Pauta e notícia – uma abordagem semiótica*. Rio Grande do Sul: Editora da Ulbra, 1996.

HERNANDES, Newton. *Semiótica dos jornais – análise do Jornal Nacional, Folha de São Paulo, Jornal da CBNM, Portal UOL, revista Veja*. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor, 2005.

_____. *A revista Veja e o discurso do emprego na globalização – uma análise semiótica*. Salvador: Edufba; Maceió: Edufal, 2004.

HJELMSLEV, Luis Trolle. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. In: *Os Pensadores – Textos Selecionados*. Abril S. A Cultural e Industrial: São Paulo, 1975.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINHO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (org.). *Teorias da comunicação – conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. *Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos*. Curitiba: Juruá, 2007.

KADOTA, Neiva Pita. *A escrita inquieta: linguagem, criação, intertextualidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

KECKHOUBE, Derrick de. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1997. (Coleção Mediações).

KOCH, Igedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2005.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1987.
_____. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMBERTI, Rita de Cássia Pacheco. *A Imagem do índio: discursos de representações*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras: Lingüística, Semiótica e Lingüística Geral. 2003.

LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton (org). *Semiótica – objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho; PROENÇA, José Luiz (org). *Edição em jornalismo impresso*. São Paulo: Edicom, 1998.

MACIEL, Alexandre Zárate. *Jornalismo Control c/ Control v: Uso do release na comunicação da informação on-line*. Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Pontes: São Paulo, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, Eduardo (org). *Manual de redação e estilo do Jornal O Estado de S.Paulo*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDINA, Cremilda. *Notícia – Um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, Marques de. *Teoria do jornalismo – identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.

MIELNICZUK, Lucina. *Webjornalismo de terceira geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido na web*. <http://www.adevento.com./intercom/resumos/R08161-pdf>. Acessado em junho de 2006.

MOHEDAUI, Luciana. *Guia de estilo web – produção e edição de notícias on line*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

MORETZSOHN, Sylvia. *Jornalismo em “tempo real” – o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: histórias, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. *Algirdas Julien Greimas: testemunhos*. São Paulo: Puc-SP/USP, 1994.

ORLANDO, Ricardo Augusto Silveira. *Comunicação on line e portais da web: uma abordagem semiótica*. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Múltiplos Meios da Universidade Estadual de Campinas. 2001.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas (SP): Pontes, 2003.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2003.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

PIETTRE, Bernard. *Filosofia e ciência do tempo*. São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 1994.

PINHO, J.B. *Jornalismo na Internet - planejamento e produção da informação on line*. São Paulo: Summus, 2003.

- POILLET, M. *Jornalismo, o quarto poder*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *História da imprensa*. Lisboa: Planeta, 1994.
- RABELO, José. *O Discurso do jornal – o como e o porquê*. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- REVEL, Judith. *Foucault – conceitos essenciais*. São Carlos: Clara Luz, 2005.
- ROGER, C. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- ROSSI, Clovis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso se lingüística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SERVA, Leão. *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.
- SILVA, Rafael Souza. *Diagramação - o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Summus, 1985.
- TOGNOLLI, Cláudio. *A sociedade dos chavões: presença e função do lugar-comum na comunicação*. São Paulo: Escrituras, 2001.
- TATIT, Luiz. *Abordagem do texto*. In: FIORIN, José Luis (org). *Introdução à lingüística I: Objetos Teóricos*. São Paulo: Contexto, 2005, p.187-207.
- VIRÍLIO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. *A arte do Motor*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.
- _____. *O resto do tempo*. Revista Famecos nº 9, Porto Alegre, PUC-RS, dezembro de 1999.
- WHITROW, G.J. *O tempo na história – concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993. (Coleção Ciência e Cultura).